Pobreza Extrema e Habitação
Um Teto Para Meu País

UMA HIPÓTESE DE SOLUÇÃO

Lara Ferreira
Dissertação de Mestrado FAUP
ano letivo 2010|2011

Pobreza Extrema e Habitação
Um Teto Para Meu País

UMA HIPÓTESE DE SOLUÇÃO

ORIENTAÇÃO
Professor Doutor Rui Jorge Garcia Ramos

Aos que viveram comigo esta experiência e aos que a vivem todos os dias.

...a pobreza extrema pode ser erradicada não no tempo dos nossos netos, mas no nosso tempo.

Jeffrey D. Sachs

(O Fim da Pobreza. Como consegui-lo na nossa geração, 2006)

abstract

Today it is verified a return to the subject of housing in relation to architecture and urbanism. Problems related to urban growth and its implications in space (or lack thereof) in its quality, distribution and access lead us to question the share of responsibility of those disciplines on this matter.

In fact, the problem is far from ceasing to be a current theme. Present in all societies at all times, the issue of housing as a social problem has changed over the time. This alerts us to the constant need to create solutions in this area.

This paper describes an attempt of solution to the problem. Um Teto Para Meu País (UTPMP), a Non Governamental Organization (NGO), created in 1997 in Chile and present in 19 countries of Latin America, aims to eradicate extreme poverty in this Continent. To do so, it acts in human settlements through an integrated intervention which seeks the active participation of the population, university students and society in general.

In the first stage of its intervention UTPMP proposes the replacement of precarious for emergency housing built by volunteers in direct collaboration with the family or the individual who will inhabit it. Through this strategy, UTPMP provides the beginning of a relationship that has two distinct objectives: the immediate improvement of quality of life for people in need and the possibility of training volunteers through the empirical knowledge on the field.

This was also the step that I experienced in one year of collaboration with UTPMP-Brazil. Through my personal experience, I propose the analysis of these aspects in the design and construction of emergency housing. Thus, I could presence a similarity between the spatial and social issues and the impact of the former over the latter in all that relates to human beings and their development.

resumo

Assistimos hoje a um regresso da temática da habitação no que diz respeito à arquitetura e ao urbanismo. Os problemas relacionados com o crescimento das cidades e as suas implicações no espaço (ou na falta dele), na sua qualidade, distribuição e acesso, levam-nos a questionar a quota parte de responsabilidade daquelas disciplinas nesta matéria.

De facto, a problemática está longe de deixar de ser um tema atual. Presente em todas as sociedades, em todas as épocas, a habitação como problema social tem-se transformado ao longo dos tempos. Isso alerta-nos para a constante necessidade de criação de soluções neste âmbito.

O presente documento descreve uma solução proposta. Um Teto Para Meu País (UTPMP), uma Organização Não Governamental (ONG), foi criada em 1997, no Chile, e é hoje uma Organização presente em 19 países da América Latina que tem como propósito erradicar a pobreza extrema naquele continente. Para isso, atua em assentamentos humanos com condições precárias, através duma intervenção integrada onde procura a participação ativa das populações necessitadas, de jovens universitários e da sociedade de forma geral.

Na primeira etapa de atuação, UTPMP propõem a substituição das habitações precárias por Habitações de Emergência, construídas por jovens voluntários em colaboração direta com a família ou indivíduo que a irá habitar. Desta forma, UTPMP proporciona o início duma relação que tem dois objetivos distintos: a melhoria imediata da qualidade de vida das populações necessitadas e a possibilidade de formação dos voluntários através do conhecimento empírico no terreno.

Esta foi também a etapa que experimentei num ano de colaboração com UTPMP-Brasil. Através do relato da minha experiência pessoal, proponho a análise das referidas vertentes no projeto e na construção de Habitações de Emergência. Desta forma, pude constatar a proximidade entre as temáticas espacial e social, e o impacto da primeira sobre a segunda em tudo o que diz respeito ao ser humano e ao seu desenvolvimento.

índice

8 introdução

11 um teto para meu país (utpmp)

19 utpmp - brasil

história, visão e objectivos

22 atuação

67 casos de estudo

68 Santa Emília

88 Anita Garibaldi

106 Projecta

124 Gardênia Azul

143 conclusão

146 bibliografia

INTRODUÇÃO

O reconhecimento da variedade de fatores de que resulta a pobreza é determinante para a sua resolução.

Essa é a proposta deste documento. Entender e caracterizar a atuação de Um Teto Para Meu País (UTPMP) no seu propósito mais alargado, dentro do contexto latino-americano, de que forma um projeto que atua sobre a Pobreza é replicável (apesar de adaptado) em tantos países.

Esta Organização Não Governamental (ONG) de origem chilena com presença em 19 países da América Latina tem como objetivo final erradicar a pobreza extrema naquele continente. Consciente da dimensão desta meta a ONG trabalha de forma incisiva, apostando na divulgação do problema e na formação das pessoas que envolve. A atuação concilia a ação voluntária de jovens universitários com a motivação das populações mais carenciadas das suas cidades. Como primeira intervenção, a ONG constrói casas de emergência pré-fabricadas para famílias que tenham essa necessidade. Este foi também o tipo de trabalho em que participei durante um ano de colaboração com UTPMP-Brasil.

Desta forma, é analisada a intervenção da Organização, tendo como referência a minha experiência pessoal.

A análise começa pela abordagem à história da origem e desenvolvimento de UTPMP no Chile para depois viajar até ao território brasileiro, mais especificamente em São Paulo, e compreender aí a relevância da ONG.

Neste âmbito é descrita a abordagem feita pela ONG às realidades de Pobreza Extrema desde a sua aproximação, passando pela construção da Habitação de Emergência até ao acompanhamento dado posteriormente às famílias envolvidas. Procurar-se-á a compreensão de todos os elementos que esta intervenção abrange, entre eles, as características inerentes a cada comunidade, o posicionamento dos organismos públicos perante a

problemática e as relações geradas entre os voluntários e os moradores da comunidade.

Como caso de estudo, são relatadas as experiências desenvolvidas nas quatro comunidades onde tive participação ativa. Reconhecendo a falta de representatividade desta amostra no panorama geral dos espaços informais de São Paulo e do trabalho da ONG, procurarei, contudo, relevar a importância do conhecimento empírico adquirido sobre as matérias designadas.

Ao longo do trabalho, mas sobretudo como modo de conclusão, analisa-se a eficácia do projeto e a concretização dos seus objetivos, na mudança das condições de vida dos beneficiários e na formação dos voluntários, no que diz respeito às questões relativas ao espaço (especificamente à moradia) e à sua influência sobre os indivíduos.

UM TETO PARA MEU PAÍS (UTPMP)

UTPMP nasceu em 1997 em Curanilahue[1] no Chile, quando um grupo de estudantes universitários que participava pelo terceiro ano consecutivo numa ação humanitária relacionada com a igreja católica em comunidades carenciadas chilenas[2], resolveu construir uma capela. A experiência vivida com esse trabalho conjunto entre universitários e comunidade fomentou nos primeiros a vontade de fazer mais pelos segundos e, consequentemente, por todas as pessoas que viviam nas mesmas condições no país[3].

Anna Kajumulo Tibaijuka[4], no seu livro Building Prosperity, atribui à governância chilena medidas exemplares na redução do défice habitacional nacional[5]. Apesar do contexto semelhante a outros países latino-americanos - ex-colónia com passagem por sistema ditatorial e rápido crescimento urbano -, o período politicamente estável pré-ditatorial e as fortes medidas governamentais tomadas desde 1990 até aos dias de hoje, colocaram o Chile na posição de país mais rico da região em termos de Produto Interno Bruto (PIB)[6] e Paridade do Poder de Compra (PPC)[7]. No entanto, nas desigualdades e polarizações sociais continuava semelhante aos países vizinhos.

Em 1947, numa visita a "povoações suburbanas" chilenas, o **Padre Alberto Hurtado**[8] já relatara uma "visão indescritível" das habitações dos bairros pobres:

quatro paus que servem de pilares; alguns tijolos mal parados; e no teto latas mal unidas e alguns pedaços de fenolite. No piso, a terra que absorve toda a humidade e a evapora permanentemente, engendrando a tuberculose. Algumas "casas" com canos lamacentos. Depois destas chuvas, os dormitórios tornaram-se charcos (...), vários destes lugares caíram, fazendo aumentar o perigo de vida dos habitantes. E estas casas não são uma, nem dez, nem cem... são milhares![9]

Em 1944 o padre, de formação jesuíta, inaugura o *Hogar de Cristo*. Fundado como uma instituição de acolhimento aos pobres de Santiago, rapidamente

1 Povoação localizada a 35 quilómetros de Arauco (sul do Chile), com 31.943 habitantes. A maior percentagem de empregos da população é gerada pela atividade florestal.

2 O catolicismo é a religião dominante no território chileno, associado à cultura de voluntariado durante a frequência escolar.

3 SOLAR, Felipe Berrios del (2006), *Todo comenzó en Curanilahue* (documento policopiado UTPMP)

4 Anna Kajumulo Tibaijuka (n.1950) Subsecretária-Geral das Nações Unidas e Ex-Diretora Executiva do United Nations Human Settlements Programme (UN-HABITAT) 2002-2010.

5 TIBAIJUKA, Anna Kajumulo, *Building Prosperity: Housing and Economic Development*, Earthscan, London, 2009, p.117

6 Produto Interno Bruto (PIB) representa a soma (em valores monetários) de todos os bens e serviços produzidos numa determinada região, num determinado período. O PIB é um dos indicadores mais utilizados na macroeconomia para "medir" a atividade económica duma região.

7 Paridade do Poder de Compra (PPC) ou Paridade do Poder Aquisitivo (PPA), é um método alternativo à taxa de câmbio que calcula o poder de compra nos países. Relaciona o poder aquisitivo individual com o custo de vida do local (se o indivíduo consegue adquirir tudo o que necessita com a sua renda).

8 Alberto Hurtado Cruchaga (1901-1952), advogado e sacerdote jesuíta chileno, é considerado uma das figuras religiosas latino-americanas mais relevantes do século XX. O seu trabalho foi focado na juventude e nos mais pobres.





assentamentos latino-americanos
Divulgação UTPMP

aumenta a sua atuação abrangendo vários campos da ação social, em vários locais do território chileno. Hoje é uma referência no apoio social do país.

Entre os colaboradores do *Hogar de Cristo* sobressai o **Padre Josse van der Rest**[10] que, através da sua ação em lares de acolhimento infantil, compreendeu a importância da estrutura familiar para a criança e como a falta ou as más condições de moradia comprometiam a sua existência e desenvolvimento como cidadão, gerando sociedades desestruturadas.

Famílias a viverem nas condições descritas pelo P. Hurtado tinham, muitas vezes, que esperar mais de 10 anos por intervenções estatais para alterarem a sua situação. Entretanto a estrutura familiar era ameaçada diariamente pela insalubridade, insegurança, violência e a gradual destruição de valores humanos.

Esse tornou-se no foco do trabalho do P. Josse por mais de 50 anos: proporcionar espaços com conforto mínimo habitacional para os mais carenciados.[11]

Em 1958, com o auxílio de jovens estudantes, o padre belga criou um modelo semelhante ao que hoje UTPMP chama de Habitação de Emergência (HE).

O modelo é inspirado nas casas construídas pelas populações de Chillan (a 400 km de Santiago) após o terramoto de 1939. Em assentamentos irregulares e ocupações ilegais de terreno, os moradores reconstruíram as suas casas com formas semelhantes ao que hoje conhecemos como HE. Foram utilizados os materiais disponíveis: madeira, telhas de amianto, cimento, plástico, papelão, ou qualquer outro desperdício que servisse. Procurando uma eficiência de produção, o P. Josse industrializou a produção destas casas em madeira (matéria prima acessível), introduzindo um modelo de construção rápida através da criação e adaptação de painéis pré-fabricados que serviriam de paredes. Estes eram simples de construir e transportar e a sua montagem era facilmente realizada *in loco*.

9 HURTADO, Alberto (1947), *Para que haja pátria* (documento policopiado UTPMP)

10 Josse van der Rest (n. 1924) sacerdote jesuíta belga, foi por quase 5 décadas capelão do Hogar de Cristo. Participou na criação da Fundacion de Viviendas Hogar de Cristo, onde acompanhou a luta de 500 000 de famílias pobres por um lugar e teto próprios. Participou nos três grandes Fóruns Mundiais sobre Habitação e Desenvolvimento Urbano organizados pela ONU (1978, 1996, 2006) representando as famílias pobres e sem teto. É criador e atual diretor do Servicio Latinoamericano, Africano y Asiático de Vivienda Popular (SELAVIP). Há mais de trinta anos que dá seminários em diversas universidades para alunos de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo em cenários em desenvolvimento.

11 in *Josse van der Rest SJ: Los Brazos de Cristo* http://historiactiva.jesuitas.cl [em 2011/04/04]

Apesar da atuação ininterrupta de *Hogar de Cristo* e outras instituições de ação social, 50 anos mais tarde os jovens universitários enfrentaram o mesmo panorama de miséria em Curanilahue. A pobreza nacional diminuíra de 50% para 18% durante os 7 anos de democracia, mas o fosso que a separava das classes média e alta continuava a existir.

Isso mesmo acontece com a pobreza, ninguém quer que haja pobreza, ninguém quer alimentá-la. Mas quase sem perceber, certas condutas alimentam os "ratos" dos quais a pobreza se nutre. (...) É muito importante que revisemos esses conceitos e atitudes porque segundo como vivemos, podemos estar a alimentar indiretamente a injustiça e a pobreza ou, pelo contrário, podemos estar a combatê-las.[12]

Em 1997, compreendendo a facilidade de construção duma capela, os universitários liderados pelo padre jesuíta **Felipe Berríos**[13], em conjunto com a comunidade, empenharam-se na reprodução da mesma mas com outra função: a de moradia. O modelo utilizado foi uma adaptação da HE do P. Josse van der Rest.

A proposta foi a construção massiva de 350 casas para as famílias em pobreza extrema em Curanilahue. O grupo inicial mobilizou mais voluntários e todos os meios necessários para atingirem o ambicioso objetivo. A sua concretização e a motivação gerada nos voluntários levaram à criação de uma nova meta: construir duas mil casas até ao ano 2000. Esta foi atingida em 1999 e o grupo de voluntários, já organizado e intitulado como *Un Techo Para Chile* (UTPCh), estipulou um novo alcance: *2010 sin campamentos*[14].

O projeto foi nacionalizado e implementados escritórios regionais nas principais cidades chilenas.

12 SOLAR, Felipe Berrios del (2006), *Todo comenzó en Curanilahue* (documento policopiado UTPMP)

13 Felipe Berríos (n. 1956) sacerdote jesuíta, ativista e escritor chileno. Fundador de algumas ONG de atuação social, entre elas UTPCh e UTPMP, pelas quais foi responsável até 2010, ano em que foi destacado para uma missão no Burundi.

14 Un Techo Para Chile identifica como "campamento" os assentamentos precários de mais de oito famílias, com carência de pelo menos um dos serviços básicos (água potável, luz elétrica, rede de esgoto) e que moram em possessão ilegal do terreno. Segundo a ONG, um "campamento" trata-se da "expressão máxima da exclusão". in SOLAR, Felipe Berrios del (2006), *Todo comenzó en Curanilahue* (documento policopiado UTPMP)

TRABAJA POR UN CHILE SIN CAMPAMENTOS

Inscríbete como voluntario permanente en alguno de estos planes, seleccionando tu región.



PLAN DE AHORRO
Busca desarrollar hábitos de ahorro y buena administración del presupuesto en las familias de campamentos. Responde a la necesidad que tienen los pobladores de ahorrar para postular al subsidio habitacional y de adquirir hábitos que les permitan afrontar los nuevos gastos que devienen de la formalidad de vivir en un barrio.

EMPRESARIOS
Pretende fomentar el emprendimiento a través de asesorías y la entrega de créditos a pobladores de Campamentos. Responde tanto al escaso o nulo acceso a créditos que tienen las familias de campamento para la realización de negocios como al interés y aptitudes que demuestran por emprender.

PLAN JURÍDICO
Trabaja en la búsqueda de soluciones a los problemas legales de las familias de Campamentos a través de las redes formales de justicia. Además, mediante charlas se les informa de sus derechos, la forma de hacerlos valer y con capacitaciones se pretende un Barrio seguro y organizado.

PLAN DE SALUD
Junto con la Corporación de Dirigentes de Campamentos "También Somos Chilenos" se desarrolla el Plan de Salud, que tiene por objeto facilitar el acceso a la salud en los campamentos, mediante el fortalecimiento de vínculos entre las redes sociales y los pobladores, con la convicción de que son ellos los protagonistas de su desarrollo.

TALLERES ELECTIVOS
Tiene por objeto entregar una formación integral que no sólo involucre competencias laborales, si no que también competencias personales y valóricas. Además, intenta dar oportunidades para que las personas de la comunidad puedan descubrir y desarrollar sus talentos artísticos y deportivos, además de proporcionar un espacio de recreación y esparcimiento que permita a las personas conocerse en otras dimensiones, valorando la diversidad.

REFORZAMIENTO ESCOLAR
Pretende reforzar las materias que los niños ven en la escuela y nivelar aprendizajes, desarrollando habilidades tanto de lenguaje como de matemáticas; por otro lado, el programa intenta involucrar a los padres y la comunidad completa en la educación de sus niños, todo esto mediante el trabajo de voluntarios a través de tutorías y proyectos comunitarios.

TALLERES DE APRENDIZAJE POPULAR
Son cursos realizados por pobladores, que buscan entregar Formación Profesional para el Trabajo a través de un oficio, es decir, intentan entregar a la comunidad todas aquellas habilidades blandas importantes al momento de desempeñar un trabajo, tales como la responsabilidad, la puntualidad, el trabajo en equipo y la resolución de problemas, entre otros.

DIRECTORES TECHO PARA EDUCACIÓN Y TRABAJO
Los Directores de Techo para Educación y Trabajo son pobladores capacitados para coordinar, junto a voluntarios universitarios, los programas educativos que se están desarrollando dentro de sus comunidades.Tienen como función instalar en la comunidad el tema de la educación como parte fundamental de la Habilitación Social. Además, son los encargados de administrar las sedes y bibliotecas que un Techo para Chile ha construido en el campamento respectivo.

Un techo para Chile
2010 SIN CAMPAMENTOS



(pág. anterior)
Campanha UTPCh

Habitação de Emergência
Divulgação UTPMP

Através da construção de HE, UTPCh iniciou a melhoria massiva e imediata das condições de vida das famílias (características físicas da habitação, aumento da privacidade, segurança, conforto, auto-estima e consequente ambiente familiar). Paralelamente, UTPCh promovia a divulgação e denúncia do défice habitacional e da exclusão social que se concentra nos assentamentos humanos, através dos seus voluntários e dos meios de comunicação, envolvendo toda a sociedade.

À semelhança de *Hogar de Cristo*, criado anos antes pelo padre Alberto Hurtado, *o projeto consiste em solicitar aos particulares e ao governo terrenos adequados para se construírem estas moradias de emergência, que se alugariam ou se venderiam às famílias mais necessitadas. O custo de construção se reduziria ao mínimo. Para que o projeto se transforme em realidade é requerido que se unam os esforços de almas generosas que ofereçam a sua esmola "para que uma família tenha casa", de industriais que ofereçam materiais, de técnicos que tragam sua colaboração, de homens que ofereçam seus braços... e o que nos é mais urgente, de quem ofereça terrenos onde se possam realizar estas construções. A nós não nos compete defender a pátria na guerra, mas sim construí-la na paz. Esta tarefa não é menor que aquela.*[15]

A HE de UTPCh tratava-se de um compartimento de 18 m² (3 x 6m) com uma porta e duas janelas (um dormitório para a maioria da população dos chamados países desenvolvidos). Não contempla infra-estruturas, sanitários, rede de água, esgoto ou eletricidade. Com isso, para além da incapacidade técnica para a correta realização de tais acções, UTPCh não incentiva a invasão ilegal, apenas substitui a anterior solução habitacional por uma de melhor qualidade. A HE é construída no terreno já ocupado pela família, mesmo que isso implique a demolição da anterior moradia.

A cobertura, construída com placas de material impermeável (por exemplo, fibrocimento) sobre uma leve estrutura de madeira, tem duas águas simétricas[16]. As paredes estão assentes sobre um estrado de madeira construído sobre *pilotis*.

15 HURTADO, A. (1947), *Para que haja pátria* (documento interno)

16 Em alguns países, a Habitação de Emergência é popularmente conhecida como *Mediagua*.







Habilitação Social e Comunidades Sustentáveis
Divulgação UTPCh

17 in *historia*
www.untechoparachile.cl
[em 2011/04/04]

Esta solução eleva e nivela a habitação, protegendo-a das águas do solo, e diminuindo a possibilidade de invasão de pragas (ratos, escorpiões, etc.).

A solução não pretende ter rigor ou qualidade no que diz respeito ao tratamento dos espaços, à inovadora solução técnica ou ao projeto de planeamento em que está inserido. Não é definitiva, mas é uma solução imediata para um problema urgente. A HE aspira ser uma base sólida para a família se estabelecer e ultrapassar outras limitações que a colocam em situação de pobreza extrema.

O projeto potencia a troca de experiências entre duas realidades distintas. De um lado, os estudantes universitários, na sua maioria oriundos de famílias de classe alta ou média-alta, do outro os moradores das comunidades mais pobres e carenciadas, trabalhando comprometidos com o mesmo objetivo, usando uma linguagem facilmente apreendida por todos, que é o trabalho manual.

O conhecimento adquirido pelos jovens voluntários através do trabalho junto das populações proporcionou as bases de outros dois conceitos de intervenção, **Habilitación Social** e **Vivienda Definitiva**[17]. O primeiro envolve tudo o que respeita à intervenção numa comunidade, após a "entrada" na mesma. Além das construções propriamente ditas, a intervenção realiza-se em diferentes planos de trabalho, designadamente, nas áreas da saúde, educação,



Divulgação UTPMP

apoio jurídico ou acesso ao microcrédito, entre outros, visando a integração social dos moradores e tendo sempre presente os seus interesses.

O segundo conceito diz respeito ao acompanhamento e apoio à comunidade no desenvolvimento de projetos de habitação definitiva adequada, sempre enquadrados nas políticas governamentais e tendo como objetivo último a auto-suficiência das pessoas integradas na comunidade, constitui a fase final da intervenção.

Os grandes terramotos que abalaram El Salvador e o Peru foram a motivação que despoletou a expansão de UTPCh além-fronteiras. Houve a perceção que a pobreza extrema era um fenómeno partilhado pela maioria dos países da América Latina[18]. Depois das intervenções de emergência pós-catástrofe, a organização permaneceu nos dois países e assim foi criada "**Um Teto Para Meu País**" (UTPMP), uma Organização Não Governamental (ONG) latino-americana sediada no Chile.

Tendo como visão *Uma América Latina sem pobreza extrema, com jovens comprometidos com os desafios próprios dos seus países, onde todas as famílias possam contar com uma casa digna e tenham possibilidade de aceder a mais oportunidades para melhorar a sua qualidade de vida*[19], UTPMP está hoje presente em 19 países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala,

18 América Latina é uma região do continente americano onde são faladas primordialmente línguas românicas (derivadas do latim) – particularmente o espanhol, o português e, minoritariamente, o francês. Desta região fazem parte 21 países da América Central e do Sul.

19 in *visão* www.umtetoparameupais.org.br [em 2010/07/21]

Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

Para a implementação do projeto num novo país ou cidade, é sempre destacado um pequeno grupo de voluntários já experientes. O grupo inicia diálogos no meio académico, apresentando o projeto e captando voluntários interessados. São os universitários de cada cidade que se tornam responsáveis pelo desenvolvimento da organização a nível local através da criação de oficinas regionais. Cada equipa, apesar de trabalhar de forma independente, mantém laços e contactos com as equipas das restantes cidades e países, sobretudo com a Oficina Central, no Chile. Devido aos vários estádios de desenvolvimento e implementação em cada país e cidade, o projeto está simultaneamente em diferentes fases, nos diferentes locais.

história, visão e objectivos

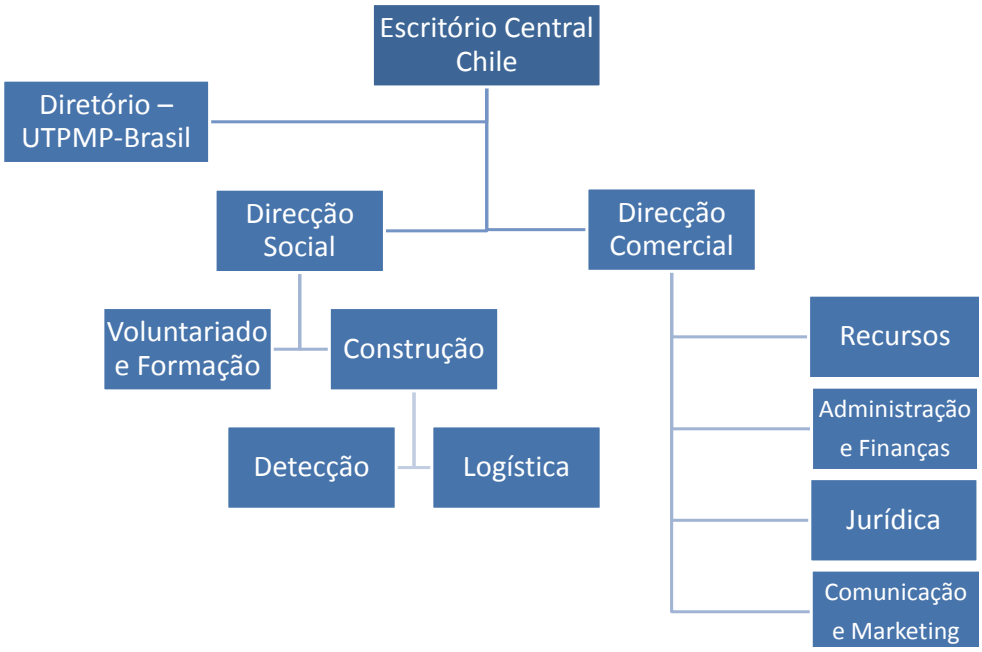
Institucionalmente UTPMP só se estabeleceu em território brasileiro em Novembro de 2006, com a deslocação e instalação, na capital do Estado de São Paulo, de dois voluntários chilenos com esse fim. Isto apesar da primeira intervenção de UTPMP em território brasileiro ter tido lugar em Pernambuco, em 2002, onde foram construídas 20 Habitações de Emergência, mas que não teve continuidade.

No primeiro ano de atuação no Brasil, em 2007, através da captação de recursos humanos em diferentes faculdades da cidade de São Paulo e com o apoio financeiro da Oficina Central, a ONG desenvolveu atividades em algumas comunidades e possibilitou as primeiras colaborações de jovens brasileiros. Alguns deles, identificados com os propósitos da instituição, formaram a equipa de UTPMP-Brasil. Esta organização cresceu e estabilizou-se com a capacitação de jovens brasileiros, aos quais os voluntários chilenos deixaram à responsabilidade a oficina de São Paulo em 2008, mantendo o acompanhamento à distância.

UTPMP promove a nível internacional troca de experiências e conhecimentos entre os jovens voluntários, em atuações pontuais nas construções de HE ou na promoção de intercâmbios de longa duração, convidando os mais empenhados e capazes a participar ativamente numa oficina de outro país ou cidade ou a trabalhar durante algum tempo na Oficina Central. Ainda em 2008, alguns dos voluntários responsáveis pela ONG no Brasil foram convidados a estagiar no Oficina Central em Santiago do Chile.

Esta atitude de partilha constante, além de promover a formação e a passagem de conhecimentos e experiências dos voluntários mais antigos para os novos, mantém o sentimento comum de que toda a ONG trabalha, a nível internacional, pela concretização do mesmo objetivo.

Outro propósito do trabalho de voluntários de diferentes nacionalidades na Oficina Central é o fortalecimento da ONG nos países de origem. Quando os voluntários voltam aos seus países estão mais bem formados e motivados



Organograma UTPMP-Brasil

para o trabalho que desenvolvem em UTPMP, o que, a juntar à aquisição de competências de liderança e gestão, contribui para a evolução e consolidação da instituição.

O intercâmbio existente permite também uma multiculturalidade nos grupos que intervêm no terreno, como verifiquei logo na primeira acção em que participei com UTPMP na qual, para além de jovens com diferentes formações académicas, o grupo contava com dois argentinos e um paraguaio, voluntários da organização nos seus países de origem, e ainda um espanhol que participava pela segunda vez numa construção em S. Paulo.

No Brasil a ONG organiza-se segundo duas áreas de trabalho permanente – a **Social** e a **Comercial**. Cada uma é gerida por um diretor geral, que deve possuir formação académica adequada, experiência relevante na ONG e capacidades para desempenho do cargo, além de competências específicas relacionadas com outras subáreas – gestão, economia, ação social, etc.

A **área Comercial** responsabiliza-se pelos aspetos institucionais da ONG: a angariação de **recursos**, a sua **administração** e aplicação, as questões **jurídicas** e a **comunicação** interna, externa e promocional de UTPMP-Brasil.

A **área Social** é responsável pela captação, **formação** e encaminhamento dos voluntários, pela identificação e designação das comunidades e famílias a trabalhar com UTPMP, assim como o seu acompanhamento (**detecção)**, e pela confeção, adequação e aperfeiçoamento técnico dos materiais e casas a construir (**construção**).

Cada departamento é gerido por um diretor operacional, contratado ou voluntário, que é responsável pelo desenvolvimento dos trabalhos e respetiva equipa. Estas são compostas por outros voluntários. Aos diretores cabe a representação institucional de UTPMP-Brasil e as tomadas de decisão em colaboração com a Oficina Central no Chile. Ao conjunto de contratados e

voluntários que se compromete diariamente com o trabalho da ONG chama-se Equipa Central.

O trabalho diário de UTPMP-Brasil assemelha-se ao de uma empresa nos seus diferentes departamentos. A Equipa Central trata todos os aspetos institucionais, entre eles a conceção e concretização de debates e seminários sobre os temas que lhe são inerentes, a programação e realização de reuniões e encontros com organismos públicos e privados para a angariação dos meios necessários, a elaboração de relatórios das ações e de gestão financeira.

No entanto, nenhuma atuação perde o enfoque dos dois principais objetivos: a melhoria da qualidade de vida das famílias que vivem diariamente em situação de miséria extrema e a formação dos jovens universitários.

No Brasil, UTPMP encontra-se apenas na primeira etapa de intervenção, a Construção de HE. A segunda e terceira etapas, que no Chile se designam por ***Habilitación Social*** e ***Vivienda Definitiva*** e na realidade brasileira adquirem a terminologia e os conceitos de **Habilitação Social** e C**omunidades Sustentáveis**[20], dependem da conciliação de fatores tais como a relação com a comunidade e com instituições governamentais ou privadas, parcerias e financiamentos, e ainda o número e nível de comprometimento dos voluntários.

É de salientar ainda que, a colaboração de UTPMP não aspira, como objetivo final, apenas a construção da HE. A aproximação e fortalecimento da relação entre a ONG e as comunidades onde intervém, visa acima de tudo possibilitar a transformação da vida dos seus habitantes, proporcionando-lhes uma nova forma de encarar o seu mundo próximo e o seu futuro, mas que depende acima de tudo da vontade de sair da situação de pobreza extrema em que se encontram.

20 in *etapas*
www.umtetoparameupais.org.br
[em 2010/07/21]

atuação
aproximação às comunidades

O desenvolvimento do trabalho de UTPMP é resultado da evolução da relação entre as duas partes, moradores da comunidade e jovens voluntários. Como qualquer relação humana, este desenvolvimento leva o seu tempo e é pautado por diferentes momentos. Em seguida, descrever-se-á este processo, no que diz respeito à fase de trabalho implementada no Brasil, a Construção de HE.

As primeiras ações são realizadas pela equipa de Detecção, responsável pela identificação e localização dos assentamentos irregulares com as características adequadas ao trabalho de UTPMP. A ONG, consciente da importância do bom relacionamento entre comunidade e voluntários, procura assentamentos onde a realização das Construções de HE seja possível e necessária. São privilegiadas comunidades onde predominam moradias precárias, construídas em madeira, plástico, ou outros materiais frágeis, passíveis de substituição pelo modelo da HE.

A médio prazo, a equipa de Detecção pretende criar uma base com os dados relativos a todos os assentamentos informais dos municípios da área metropolitana de São Paulo. Estas informações serão determinantes para garantir o máximo rigor e assertividade na avaliação das necessidades das comunidades. Até então, a escolha dos assentamentos avaliados tem sido realizada principalmente pela indicação ou sugestão de indivíduos, voluntários ou não, que conhecem locais de precariedade e a forma de atuação da instituição. Por vezes a informação é fornecida por organismos municipais.

Depois da identificação dum assentamento precário como potencial para a intervenção de UTPMP, é realizada uma visita de reconhecimento ao local durante a qual um grupo de dois ou três voluntários procura apurar algumas informações determinantes para a sua caracterização.



favela Anita Garibaldi - Anita II
Divulgação UTPMP - Brasil

Caracterização espacial e geográfica

UTPMP-Brasil utiliza alguns critérios específicos na análise espacial e geográfica dos assentamentos informais, presentes desde logo na primeira visita. Os voluntários procuram obter um histórico da comunidade, quando e como aconteceu a sua formação, qual o motivo da ocupação daquele espaço, que grupos, institucionais ou outros, tiveram ou mantêm atuação, qual a situação do terreno (se é público ou privado), e qual a influência ou previsão de utilização dos organismos públicos para aquele território.

É constatada a sua localização relativamente ao resto da urbe em que se insere - proximidade do centro, de indústrias, de vias principais, localização em área de proteção ambiental -, e compreendida a relação física e social com o restante município - acesso e frequência dos moradores da comunidade à área envolvente e os motivos da mesma.

No local os voluntários registam a existência de elementos naturais, córregos, lagos, características geológicas e outros, e qual a sua relação e influência com os elementos construídos, os espaços "públicos" e viários (ruas, vielas, principais entradas), bem como a localização e distribuição das moradias existentes. Tendo em conta a sua experiência anterior, os voluntários destacados para esta ação determinam quais os impedimentos logísticos para a eventual realização duma Construção: dificuldades de acesso e de circulação dos materiais necessários, dimensão e qualidade dos espaços de distribuição viária, acentuado relevo, zonas alagadiças, tipo de pavimento, etc.

São verificadas as características das moradias a substituir. Se existem, quantas são e qual a percentagem em relação ao número total edificado, onde se localizam dentro da favela (dispersas ou agrupadas), o tamanho, os materiais utilizados, a qualidade e o grau de precariedade das mesmas.

Neste reconhecimento são também identificados locais de eventual interesse no perímetro da favela ou arredores, nomeadamente escolas, igrejas, mercados e supermercados, que possam auxiliar a realização da atividade da ONG.



favela Anita Garibaldi
Divulgação UTPMP - Brasil

Caracterização social

Na caracterização da favela é importante obter com aproximação o número de pessoas e famílias que nela habitam e quais as que estão em situação maior degradação e carência, a fim de definir uma estratégia de intervenção eficaz.

É comum a existência de líderes nas comunidades, habitualmente um homem ou mulher com grande influência no meio e pessoa de referência para os habitantes. Pode ser o líder da associação de moradores, o líder espiritual, o responsável pelo movimento de ocupação ou por algum projeto reconhecido dentro da comunidade, ou, até mesmo, o traficante que detém maior poder no local. Esta pessoa reúne grande parte da informação sobre a comunidade, sendo facilmente reconhecido e conhecendo a maioria.

Habitualmente é a primeira pessoa a quem se apresenta o projeto, o que facilita a entrada e aceitação na comunidade, sendo o seu apoio, desde a primeira visita, determinante para a posterior adesão de toda a comunidade, ao passo que o contrário pode ser um entrave para a realização de qualquer atividade de UTPMP. Pelo conhecimento que detém do meio, a sua opinião sobre as famílias mais necessitadas e sobre as atividades a realizar é de extrema relevância.

Algumas comunidades têm como referência mais do que uma figura, por exemplo o líder da associação de moradores e o maior traficante da favela.







detecção
Divulgação UTPMP - Brasil
crédito Márcio Ramos

Neste caso, a ONG tenta manter um diálogo imparcial com todos, evitando conflitos que possam impedir a sua atuação.

Em territórios de informalidade, o tráfico de drogas é uma situação recorrente. A perceção da sua existência na favela, qual o grau de intensidade e o impacto que tem na comunidade, bem como as zonas de maior incidência, são pontos-chave para a compreensão da área e das pessoas que ali habitam e constituem informações fundamentais para a segurança dos voluntários que nela vão intervir.

Paralelamente iniciam-se os diálogos com as autoridades públicas sobre este território, para averiguar se existe um acompanhamento à comunidade, se a prefeitura tem conhecimento sobre a situação das famílias e quais as informações que podem facultar, se há previsão para alguma intervenção pública ou privada no local (legalização da situação, remoção, urbanização – construção de infra-estruturas), e se há interesse da prefeitura em auxiliar a atuação de UTPMP na comunidade e com que meios.

As informações recolhidas possibilitam a decisão da Equipa Central sobre a viabilidade de uma primeira intervenção na comunidade, que, idealmente, será uma Construção. A equipa de Detecção organiza então a atividade que lhe dá o nome e identifica as famílias em que vai incidir a Construção.



Campanha UTPMP - Brasil

detecção

Designada como a *"ação de revelar a existência do que está oculto"*[21],em UTPMP a **Detecção** é baseada em inquéritos às famílias – as *Enquetes*[22]. Os inquéritos, que determinam e comparam o grau de necessidade das famílias, são realizados a todos os interessados em colaborar com a ONG. O interesse é demonstrado numa reunião de apresentação realizada na comunidade e agendada pelos voluntários em consonância com os líderes locais, sendo divulgada a todos os moradores.

Nesta apresentação os voluntários explicam a forma de atuação de UTPMP e trocam impressões com os participantes. No final, são recolhidas as informações sobre a localização das habitações dos moradores interessados, bem como de outros indicados pelos presentes ou pelos líderes contactados.

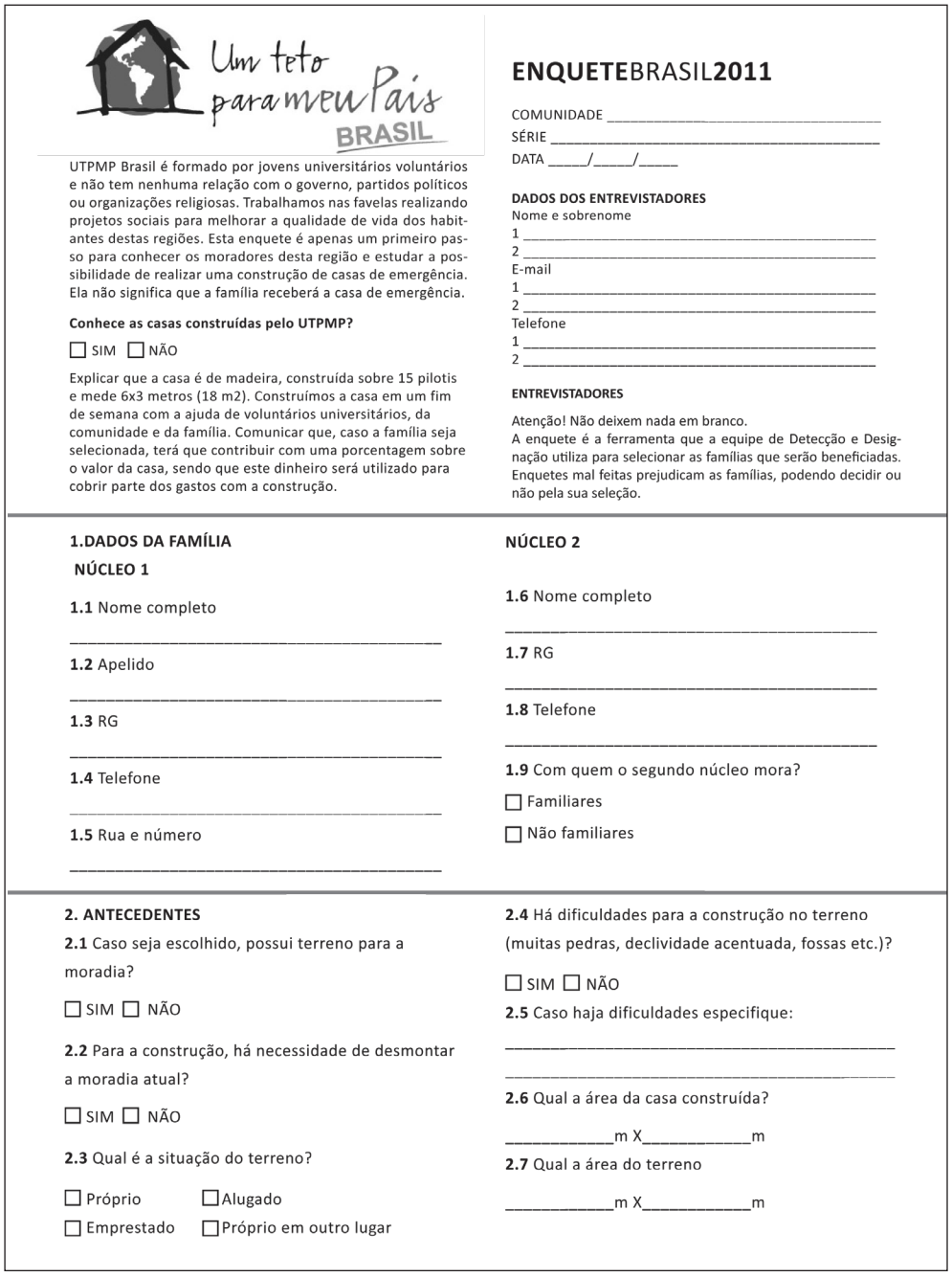
A detecção propriamente dita é realizada posteriormente noutra visita. Pode ser feita por um pequeno grupo, ou organizada em grande escala – a Detecção Massiva, que é uma actividade pontual, à semelhança da Construção Universitária (descrita à frente).

Na Detecção Massiva, a Equipa Central, antevendo a necessidade da realização de um grande número de cadastros de famílias, apresenta o projeto numa ou em várias comunidades e recolhe um número significativo de inscrições com potencial de seleção.

Esta ação é orientada pela equipa de Detecção, mas realizada por um grande número de voluntários, muitos deles inexperientes na ONG. Durante

21 in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* www.priberam.pt [em 2010/07/23]

22 ver páginas 27, 28, 29 e 30



Um teto para meu País BRASIL

UTPMP Brasil é formado por jovens universitários voluntários e não tem nenhuma relação com o governo, partidos políticos ou organizações religiosas. Trabalhamos nas favelas realizando projetos sociais para melhorar a qualidade de vida dos habitantes destas regiões. Esta enquete é apenas um primeiro passo para conhecer os moradores desta região e estudar a possibilidade de realizar uma construção de casas de emergência. Ela não significa que a família receberá a casa de emergência.

Conhece as casas construídas pelo UTPMP?

☐ SIM ☐ NÃO

Explicar que a casa é de madeira, construída sobre 15 pilotis e mede 6x3 metros (18 m2). Construímos a casa em um fim de semana com a ajuda de voluntários universitários, da comunidade e da família. Comunicar que, caso a família seja selecionada, terá que contribuir com uma porcentagem sobre o valor da casa, sendo que este dinheiro será utilizado para cobrir parte dos gastos com a construção.

ENQUETEBRASIL**2011**

COMUNIDADE _____
SÉRIE _____
DATA _____/_____/_____

DADOS DOS ENTREVISTADORES
Nome e sobrenome
1 _____
2 _____
E-mail
1 _____
2 _____
Telefone
1 _____
2 _____

ENTREVISTADORES

Atenção! Não deixem nada em branco.
A enquete é a ferramenta que a equipe de Detecção e Designação utiliza para selecionar as famílias que serão beneficiadas. Enquetes mal feitas prejudicam as famílias, podendo decidir ou não pela sua seleção.

1.DADOS DA FAMÍLIA

NÚCLEO 1

1.1 Nome completo
_____
1.2 Apelido
_____
1.3 RG
_____
1.4 Telefone
_____
1.5 Rua e número
_____

NÚCLEO 2

1.6 Nome completo
_____
1.7 RG
_____
1.8 Telefone
_____
1.9 Com quem o segundo núcleo mora?
☐ Familiares
☐ Não familiares

2. ANTECEDENTES

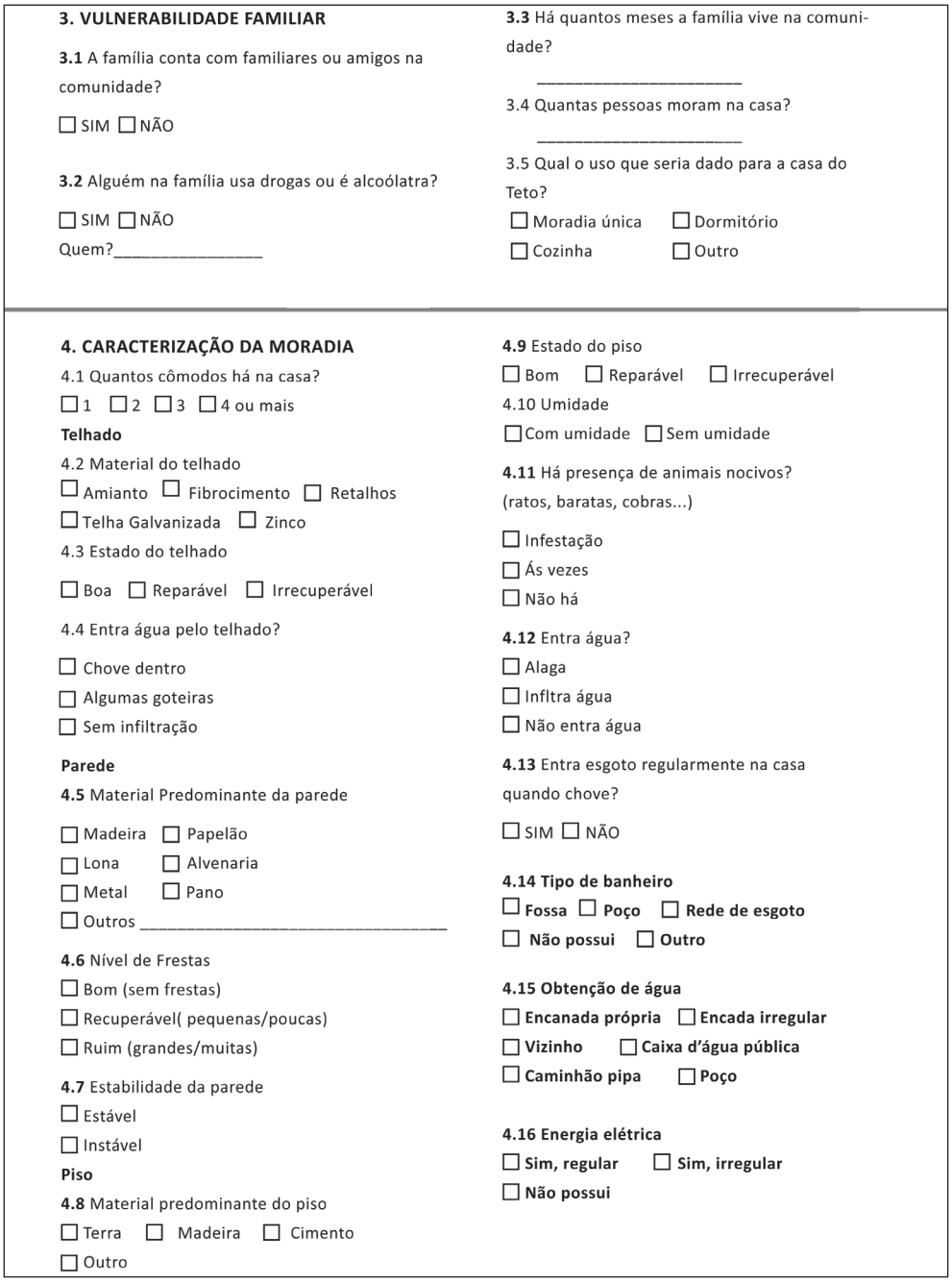
2.1 Caso seja escolhido, possui terreno para a moradia?
☐ SIM ☐ NÃO
2.2 Para a construção, há necessidade de desmontar a moradia atual?
☐ SIM ☐ NÃO
2.3 Qual é a situação do terreno?
☐ Próprio ☐ Alugado
☐ Emprestado ☐ Próprio em outro lugar

2.4 Há dificuldades para a construção no terreno (muitas pedras, declividade acentuada, fossas etc.)?
☐ SIM ☐ NÃO
2.5 Caso haja dificuldades especifique:
_____
_____
2.6 Qual a área da casa construída?
_____m X_____m
2.7 Qual a área do terreno
_____m X_____m

Enquete 2011, pag. 1
UTPMP - Brasil

dois ou mais dias, os voluntários permanecem num espaço com condições de alojamento, habitualmente uma escola, próxima do assentamento. Aí recebem formação sobre UTPMP, a comunidade e sobre a atividade que vão realizar. Desta formação fazem parte noções sobre a aproximação e a informação a facultar a famílias que desconhecem totalmente o projeto, e sobre o correto preenchimento dos inquéritos.

Após a preparação, os voluntários são divididos em grupos menores liderados por elementos já experientes, os quais responderão no local às dúvidas imediatas que possam surgir durante as visitas às famílias. Os grupos, no mínimo constituídos por duplas de voluntários, visitam as famílias



3. VULNERABILIDADE FAMILIAR

3.1 A família conta com familiares ou amigos na comunidade?

☐ SIM ☐ NÃO

3.2 Alguém na família usa drogas ou é alcoólatra?

☐ SIM ☐ NÃO

Quem?_____

3.3 Há quantos meses a família vive na comunidade?

_____

3.4 Quantas pessoas moram na casa?

_____

3.5 Qual o uso que seria dado para a casa do Teto?

☐ Moradia única ☐ Dormitório

☐ Cozinha ☐ Outro

4. CARACTERIZAÇÃO DA MORADIA

4.1 Quantos cômodos há na casa?

☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ou mais

Telhado

4.2 Material do telhado

☐ Amianto ☐ Fibrocimento ☐ Retalhos

☐ Telha Galvanizada ☐ Zinco

4.3 Estado do telhado

☐ Boa ☐ Reparável ☐ Irrecuperável

4.4 Entra água pelo telhado?

☐ Chove dentro

☐ Algumas goteiras

☐ Sem infiltração

Parede

4.5 Material Predominante da parede

☐ Madeira ☐ Papelão

☐ Lona ☐ Alvenaria

☐ Metal ☐ Pano

☐ Outros _____

4.6 Nível de Frestas

☐ Bom (sem frestas)

☐ Recuperável(pequenas/poucas)

☐ Ruim (grandes/muitas)

4.7 Estabilidade da parede

☐ Estável

☐ Instável

Piso

4.8 Material predominante do piso

☐ Terra ☐ Madeira ☐ Cimento

☐ Outro

4.9 Estado do piso

☐ Bom ☐ Reparável ☐ Irrecuperável

4.10 Umidade

☐ Com umidade ☐ Sem umidade

4.11 Há presença de animais nocivos? (ratos, baratas, cobras...)

☐ Infestação

☐ Ás vezes

☐ Não há

4.12 Entra água?

☐ Alaga

☐ Infltra água

☐ Não entra água

4.13 Entra esgoto regularmente na casa quando chove?

☐ SIM ☐ NÃO

4.14 Tipo de banheiro

☐ **Fossa** ☐ **Poço** ☐ **Rede de esgoto**

☐ **Não possui** ☐ **Outro**

4.15 Obtenção de água

☐ **Encanada própria** ☐ **Encada irregular**

☐ **Vizinho** ☐ **Caixa d'água pública**

☐ **Caminhão pipa** ☐ **Poço**

4.16 Energia elétrica

☐ **Sim, regular** ☐ **Sim, irregular**

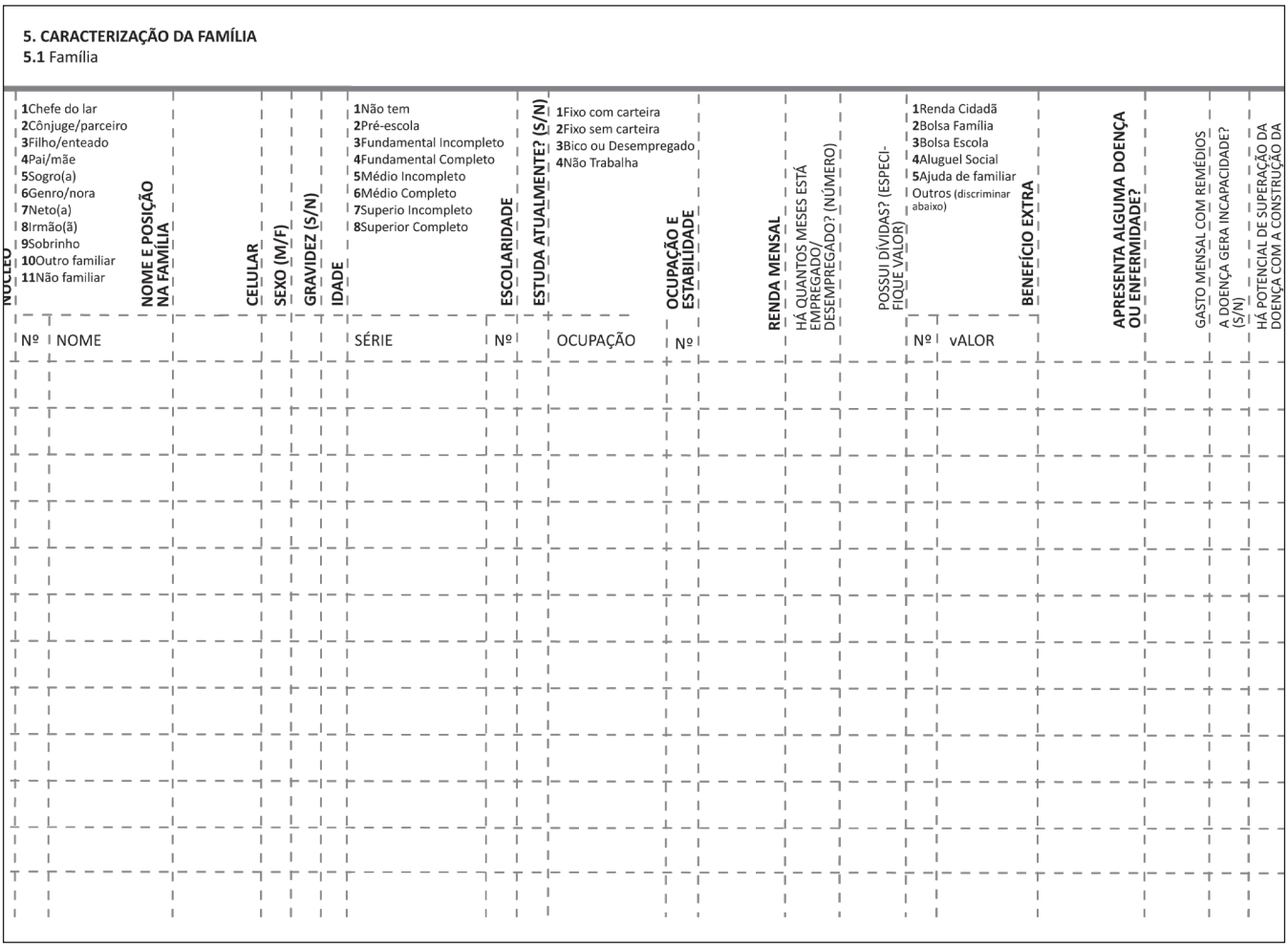
☐ **Não possui**

Enquete 2011, pag. 2
UTPMP - Brasil

previamente avisadas, que os recebem nas suas habitações e respondem às questões colocadas.

Uma *enquete* bem realizada e com informações detalhadas é fundamental para a correta determinação das famílias com maiores necessidades. Este processo tem sofrido no Brasil bastantes alterações com vista a uma maior eficácia no rastreio e escolha de famílias a envolver.

A *enquete* abrange desde questões sociais, como o número de núcleos familiares que habitam o mesmo espaço (é habitual co-habitarem mais do que um núcleo, por exemplo: uma mãe com os filhos e a irmã com a respectiva família), quais as ocupações dos moradores, o nível de escolaridade, qual a renda familiar, se a família possui dívidas e qual o seu valor. Também são recolhidas as informações sobre a habitação quanto à área, número de



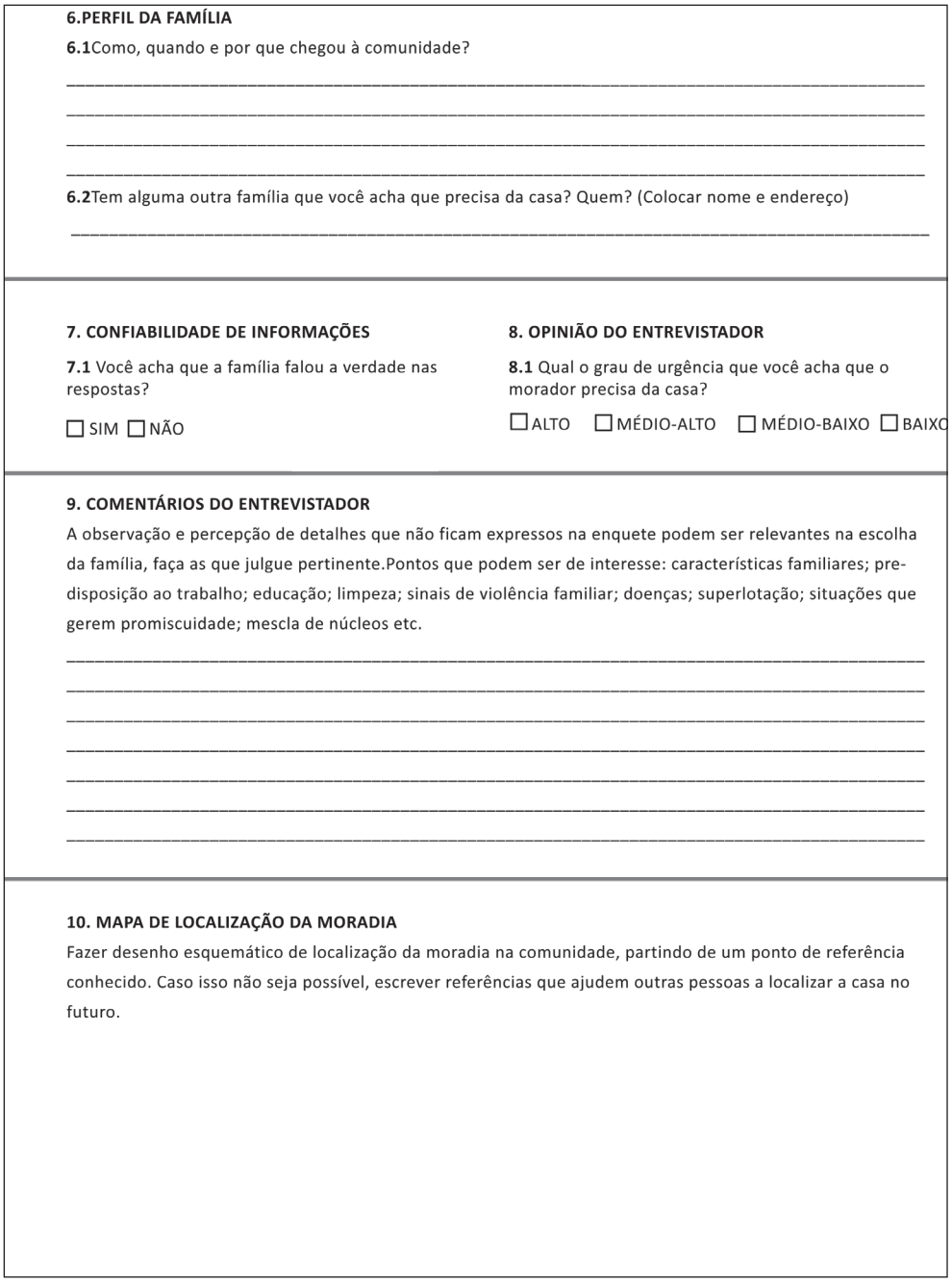
5. CARACTERIZAÇÃO DA FAMÍLIA
5.1 Família

NÚCLEO (1Chefe do lar 2Cônjuge/parceiro 3Filho/enteado 4Pai/mãe 5Sogro(a) 6Genro/nora 7Neto(a) 8Irmão(ã) 9Sobrinho 10Outro familiar 11Não familiar)	Nº	NOME	NOME E POSIÇÃO NA FAMÍLIA	CELULAR	SEXO (M/F)	GRAVIDEZ (S/N)	IDADE	ESCOLARIDADE (1Não tem 2Pré-escola 3Fundamental Incompleto 4Fundamental Completo 5Médio Incompleto 6Médio Completo 7Superio Incompleto 8Superior Completo)	SÉRIE	ESTUDA ATUALMENTE? (S/N)	OCUPAÇÃO (1Fixo com carteira 2Fixo sem carteira 3Bico ou Desempregado 4Não Trabalha)	Nº	OCUPAÇÃO E ESTABILIDADE	RENDA MENSAL	HÁ QUANTOS MESES ESTÁ EMPREGADO/ DESEMPREGADO? (NÚMERO)	POSSUI DÍVIDAS? (ESPECIFIQUE VALOR)	Nº	BENEFÍCIO EXTRA (1Renda Cidadã 2Bolsa Família 3Bolsa Escola 4Aluguel Social 5Ajuda de familiar Outros (discriminar abaixo))	vALOR	APRESENTA ALGUMA DOENÇA OU ENFERMIDADE?	GASTO MENSAL COM REMÉDIOS	A DOENÇA GERA INCAPACIDADE? (S/N)	HÁ POTENCIAL DE SUPERAÇÃO DA DOENÇA COM A CONSTRUÇÃO DA

Enquete 2011, pag. 3
UTPMP - Brasil

compartimentos, material construtivo, nível de degradação, acesso a infra-estruturas, etc. A fiabilidade das respostas dadas e o levantamento objetivo e exaustivo das necessidades da família constituem contributos essenciais para a avaliação e comparação dos diferentes casos.

A informação de todos os inquéritos é analisada posteriormente pela equipa responsável pela Detecção, que decide a necessidade de realização de mais detecções e a eventual reformulação de algumas *enquetes* já preenchidas. As comunidades a envolver são escolhidas após a finalização deste processo. O número de famílias selecionadas para uma Construção depende dos recursos e da logística disponíveis para a mesma, o que determina a quantidade de HEs a construir.



6.PERFIL DA FAMÍLIA

6.1 Como, quando e por que chegou à comunidade?

_____

_____

_____

_____

6.2 Tem alguma outra família que você acha que precisa da casa? Quem? (Colocar nome e endereço)

_____

7. CONFIABILIDADE DE INFORMAÇÕES

7.1 Você acha que a família falou a verdade nas respostas?

☐ SIM ☐ NÃO

8. OPINIÃO DO ENTREVISTADOR

8.1 Qual o grau de urgência que você acha que o morador precisa da casa?

☐ ALTO ☐ MÉDIO-ALTO ☐ MÉDIO-BAIXO ☐ BAIXO

9. COMENTÁRIOS DO ENTREVISTADOR

A observação e percepção de detalhes que não ficam expressos na enquete podem ser relevantes na escolha da família, faça as que julgue pertinente.Pontos que podem ser de interesse: características familiares; predisposição ao trabalho; educação; limpeza; sinais de violência familiar; doenças; superlotação; situações que gerem promiscuidade; mescla de núcleos etc.

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

10. MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA MORADIA

Fazer desenho esquemático de localização da moradia na comunidade, partindo de um ponto de referência conhecido. Caso isso não seja possível, escrever referências que ajudem outras pessoas a localizar a casa no futuro.

Enquete 2011, pag. 4
UTPMP - Brasil

Ao mesmo tempo, a relação da ONG com as comunidades vai-se fortalecendo através das visitas recorrentes dos voluntários e no contacto com os líderes locais. Informações adicionais podem alterar a decisão sobre as famílias beneficiárias da HE até ao momento da Construção, constituindo a visita de Designação o passo mais próximo da decisão definitiva.

Em todas as visitas procura-se uma correta explicação da globalidade do projeto aos moradores inquiridos a fim de evitar problemas na seleção dos beneficiados. Muitas vezes a escolha é até influenciada pela indicação dos próprios moradores, quando questionados sobre maiores necessidades doutras famílias da comunidade (tópico que consta na *enquete*).



designação
Divulgação UTPMP - Brasil

designação

Na visita de Designação um grupo de voluntários, composto por membros da equipa de Detecção e responsáveis pela organização da Construção, comprovam a real necessidade da família ou indivíduo escolhido e o enquadramento do seu perfil no trabalho da ONG.

Além do fortalecimento dos laços pessoais entre moradores e voluntários, nesta visita é assinado o *Termo de Compromisso*. Nele, o chefe da família compromete-se com os aspectos técnicos da construção, incluindo a responsabilização pela guarda dos materiais e ferramentas entregues pela ONG, com a presença e colaboração durante a realização da atividade, a obrigatoriedade da utilização da HE apenas para moradia e a proibição da sua venda ou aluguer, o que é fundamental para o sucesso da intervenção.

____ de _____ de 2010

TERMO DE COMPROMISSO PARA CONSTRUÇÃO

Eu,_____, RG_____, Comunidade_____
Endereço:_____, comprometo-me com os organizadores dos trabalhos de "Um Teto Para Meu País – Brasil", a cumprir com cada um dos seguintes pontos:

1) Ter plano e limpo um terreno de ___m por __m onde será construída a moradia para o dia ___/_____/_____.

2) Ocuparei a moradia para uso exclusivo de habitação e não venderei ou alugarei a moradia a terceiros ou familiares. Em caso de mudança avisarei aos voluntários de "Um Teto para Meu País - Brasil", para que sejam tomadas as devidas providências.

3) Farei uso da moradia em até um mês após a data da construção.

4) Estarei presente, trabalharei e colaborarei ativamente em conjunto com os voluntários na construção de minha moradia entre os dias ___/_____/_____ e ___/_____/_____.

5) Armazenarei toda e qualquer ferramenta ou material que seja necessário no período que anteceda a construção.

6) Providenciarei óleo queimado para impermeabilizar os pilotis antes da construção.

7) Doarei a "Um Teto Para Meu Pais – Brasil" a quantia de R$ 150 (cento e cinqüenta reais) a serem pagos em, no máximo, três parcelas:

Pré-construção – Valor: R$_____, Dia ___/_____/_____

Durante a construção – Valor: R$_____, Dia ___/_____/_____

Pós-Construção – Valor: R$_____, Dia ___/_____/_____ (apenas se estritamente necessário)

Essa quantia tem como finalidade ajudar o projeto desenvolvido para a construção da moradia no dia ___/_____/_____.

8) Em caso da NÃO doação da quantia prometida pela ajuda na construção da moradia na data estabelecida, tenho ciência de que poderá haver ausência de Fundos para a implementação do projeto "Um Teto Para Meu País – Brasil", e, desta forma, a moradia poderá não ser entregue.

9) Estarei presente e colaborarei também durante a pintura exterior de minha casa, a ser realizada no dia ___/_____/_____ com a participação de voluntários de "Um Teto Para Meu País – Brasil".

10) Durante todo o período de construção da moradia e durante a pintura, comprometo-me em não fazer uso de nenhuma substância ilícita, álcool, ou qualquer outro que comprometa a minha integridade mental.

11) Cederei a "Um Teto Para Meu País - Brasil" a título gratuito os direitos ao uso da minha imagem e Direitos Conexos, bem como de meus filhos, por prazo indeterminado, com o fim de divulgar o Projeto desenvolvido pela Associação.

12) Este Termo de Compromisso não interfere sobre os processos referentes a regularização fundiária, planos habitacionais ou de reurbanização, entre outros.

_____ Assinatura solicitante

_____ Assinatura Representante de UTPMP

Termo de Compromisso 2010
UTPMP - Brasil

É também acordada a forma de pagamento da comparticipação familiar (150 reais brasileiros em 2009), cuja obrigação visa especialmente a responsabilização do morador, procurando fomentar o sentimento de conquista e posse, bem como aumentar a auto-estima e valorização pessoal.

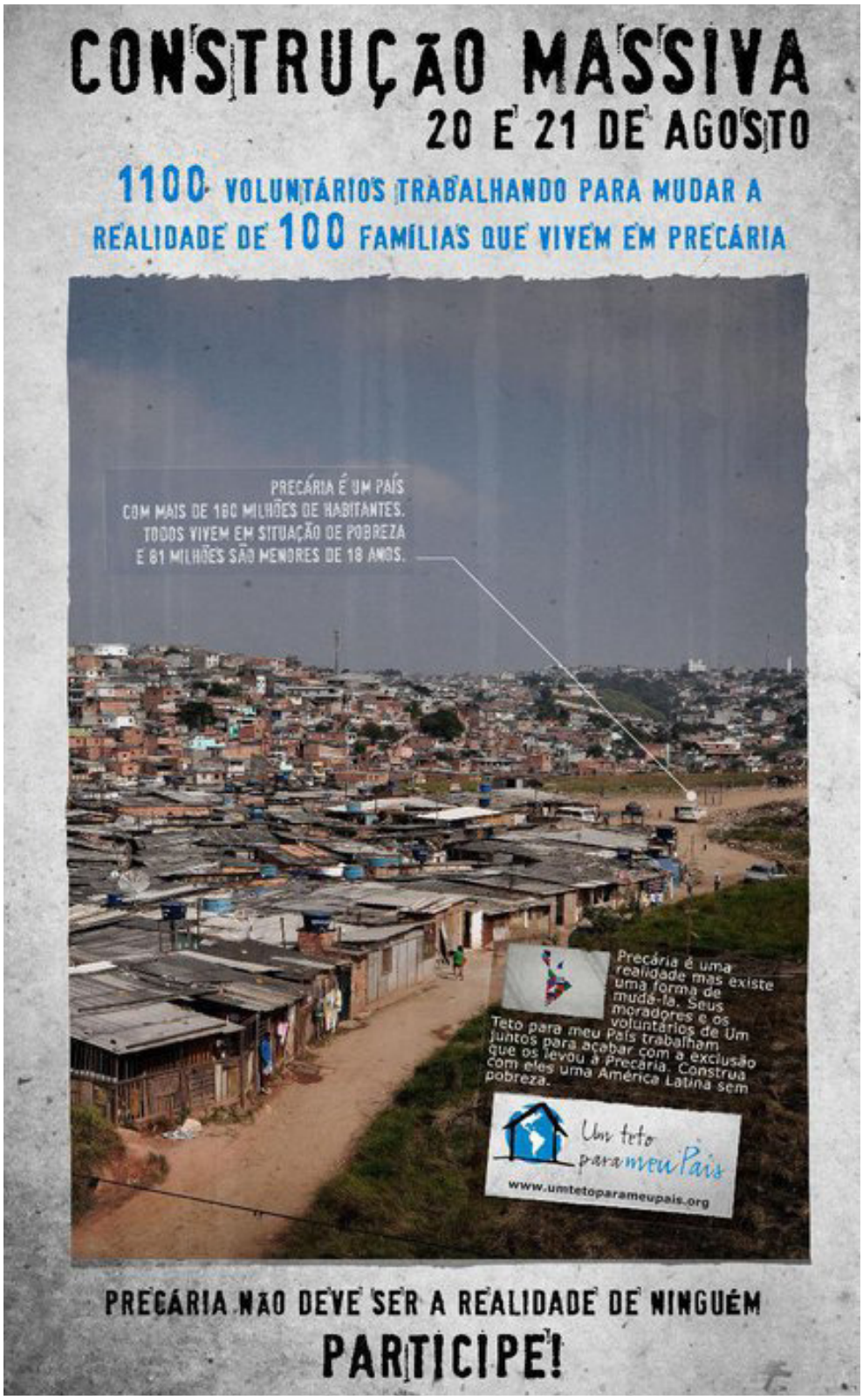
construção

Para cada Construção são designados dois voluntários com bastante experiência como **Coordenadores de Trabalho**. Estes participam com os diretores na escolha dos assentamentos e número de HE a construir. A dupla é responsável por toda a coordenação dos trabalhos necessários, devendo dar especial atenção à sua preparação.

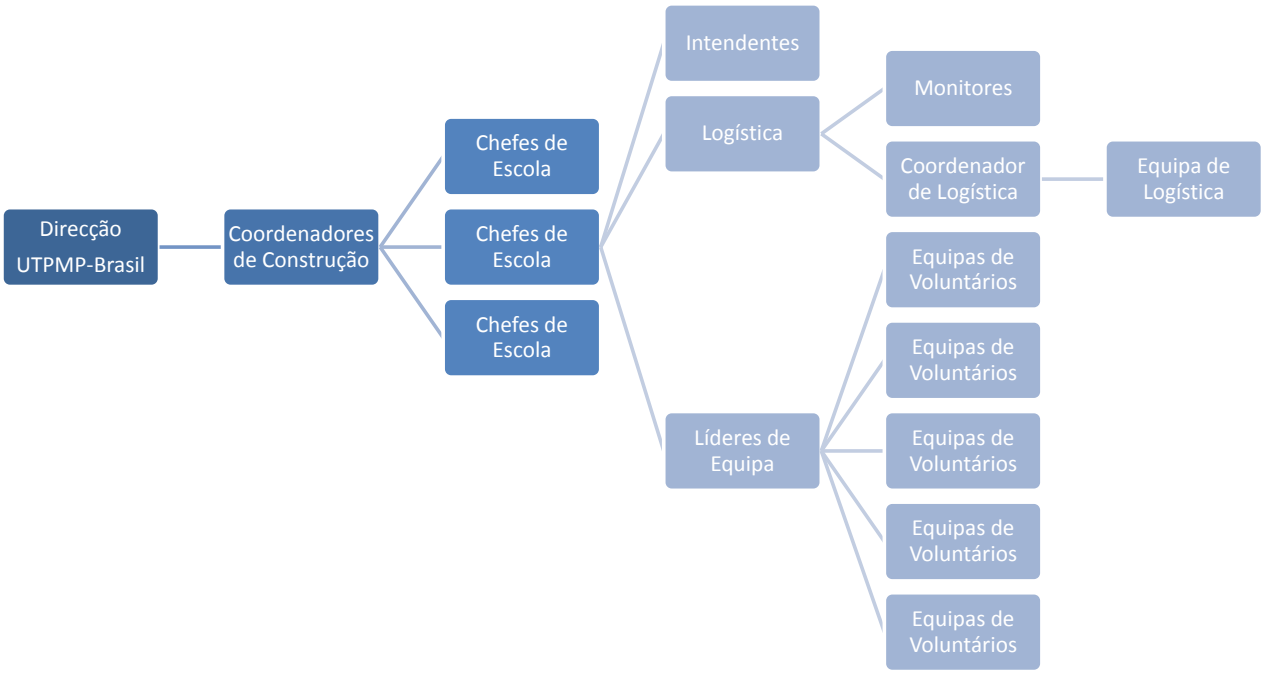
Depois de identificadas as comunidades e estabelecido o número de famílias beneficiárias, são nomeadas as duplas de **Chefes de Escola**, também estes voluntários com experiência. A estas duplas é atribuída a responsabilidade por, habitualmente, cinco famílias do mesmo assentamento e pelos voluntários que constroem as suas HE.

Os **Chefes de Escola** contactam previamente as famílias beneficiárias, com vista a fortalecer com estas a relação de UTPMP assim como com a comunidade, e encontrar um local adequado para a instalação do grupo de voluntários que participará na Construção. Este espaço, pela disponibilidade dos serviços de cozinha e sanitários, é normalmente uma escola nas proximidades da favela (daí o nome de **Chefes de Escola**). A dupla é também responsável pela escolha do restante *staff* do grupo, que é formado por:

- **intendentes** – dois ou três elementos responsáveis pela alimentação do grupo e pela manutenção e limpeza do espaço de alojamento;
- **monitores** – dois voluntários experientes responsáveis pela formação dos voluntários na vertente técnica da Construção e pela resolução de eventuais problemas durante os trabalhos;



Campanha UTPMP - Brasil



Organograma Construção UTPMP - Brasil

- **equipa de logística** - grupo de voluntários, com um coordenador, responsável pela distribuição e manutenção dos materiais e ferramentas antes e durante a Construção;
- **líderes de equipa** - duplas de voluntários com experiência numa ou mais construções, responsáveis pelo grupo de voluntários que vai construir uma HE e pelo relacionamento com a família beneficiária.

O grupo composto por Coordenadores de Trabalho, Chefes de Escola, Intendentes, Monitores, Logística e Líderes de Equipa constitui a totalidade do *staff* da Construção.



peças constituintes da Habitação de Emergência Divulgação UTPMP

Preparação da Construção

A preparação duma Construção passa pela angariação de todos os recursos necessários, financeiros, materiais e humanos. A previsão do número de HE a construir determina a quantidade de materiais a utilizar, madeiras, telhas e pregos e ferramentas, o montante monetário a angariar, e o número de voluntários necessário.

No Brasil, cada HE tem o valor comercial de R$3.000. Este valor inclui, para além dos materiais, os custos de transporte e os trabalhos de carpintaria. Como a ONG não tem fins lucrativos, a divulgação do valor comercial da HE é uma forma de sensibilização da sociedade para as dificuldades de aquisição de um espaço habitacional para a população carenciada, incapaz de prover por si só à obtenção dos materiais e a sua construção, o que ajuda a angariação de fundos.

Definida a data da Construção e angariados os meios financeiros, a equipa responsável de UTPMP, através da área de Logística, inicia a procura pelos menores orçamentos para os diferentes materiais: madeiras, telhas, pregos, se necessário ferramentas e serviços de carpintaria.

A procura dos menores custos e/ou o estabelecimento de parcerias com terceiros interessados em colaborar com o projeto está sempre presente e constituem prioridades de atuação. A qualidade das madeiras e da execução dos trabalhos tem, no entanto, de ser assegurada. Estes aspetos são comparados com as referências usadas noutros países e verificados pelos diretores e/ou voluntários com maior experiência e conhecimento técnico. Habitualmente são da responsabilidade da área de Construção e dos coordenadores de logística das intervenções.

Adquiridas as madeiras necessárias para o número de HE a construir, estas são levadas para um estaleiro, idealmente próximo da construção, para aí serem trabalhadas. Dos serviços de carpintaria fazem parte o corte dos *pilotis*, tábuas, caibros e vigas, das diferentes estruturas e a construção dos painéis,

portas e janelas[23]. A realização da Construção em 2 ou 3 dias depende da correta execução destes materiais. Por vezes, alguns voluntários fazem parte desta atividade de preparação ou são mesmo responsáveis pela totalidade da execução destes elementos. No Chile, dada a dimensão da ONG, existem estaleiros e armazéns próprios e exclusivos de UTPCh, com trabalhadores regulares, entre eles, moradores de comunidades.

Esta etapa caracteriza a HE como uma construção pré-fabricada. A correcta execução dos materiais facilita a construção no local, possibilitando a sua realização nos 2/3 dias previstos.

Todos os materiais e ferramentas principais para a construção da HE são disponibilizados por UTPMP-Brasil. Não existindo *stock* suficiente para a Construção a implementar, a ONG compra ou angaria previamente a quantidade em falta.

Sempre que é prevista a intervenção numa ou em várias comunidades, é necessário promover uma campanha de angariação de voluntários, que passa pela inscrição no site da organização e pela divulgação da atividade nos meios universitários, através de cartazes, panfletos, online, ou oralmente pelos voluntários próximos da ONG.

A posterior distribuição dos voluntários inscritos na atividade pelas comunidades e respetivas equipas, tem em conta fatores como a experiência de construção ou a sua formação académica, de modo a assegurar a heterogeneidade dos grupos.

O tempo para a construção da HE foi estipulado em dois dias. No entanto, UTPMP-Brasil priveligia Construções com a duração de três dias completos, tendo em conta o tempo necessário à criação duma relação entre voluntários e famílias. O facto dos voluntários serem, na sua maioria, inexperientes exige tempo para formação prévia e acompanhamento. Devem ter-se também em conta as eventuais complicações que podem surgir no desenrolar dos trabalhos, por isso as Construções são habitualmente agendadas nas interrupções letivas, fins-de-semana longos ou férias.

23 Elementos que constituem a HE de UTPMP, aboradados no Manual de Construção pag. 45

Após estes passos e antes da partida para o local dos trabalhos, reúnem-se todos os voluntários participantes. Este encontro possibilita o primeiro contacto com a ONG e a noção da amplitude do trabalho, sobretudo no caso de grandes eventos (por exemplo a construção de 50 HE em diferentes comunidades simultaneamente, onde são convocados aproximadamente 700 voluntários).

Já nos locais de alojamento são transmitidas aos voluntários as características específicas do meio, nos seus aspetos espaciais e sociais. Isto permite uma antecipação da realidade, sobretudo para aqueles que contactam pela primeira vez com uma favela.

Complementado no terreno pelos líderes e chefes de escola, a breve descrição prévia é importante, pois prepara os novos voluntários para os eventuais problemas de convivência com uma realidade totalmente desconhecida, inclusive cuidados de segurança e higiene como é o caso do consumo de água disponibilizada pelos moradores. Esta, por ser maioritariamente oriunda de sistemas informais, pode estar contaminada e gerar complicações nos seus consumidores.

Na entrada para a comunidade e no contacto com os moradores, os membros das equipas estão identificados, envergando sempre t-shirts com o nome da ONG, o que facilita o seu reconhecimento e garante alguma segurança.

Todos os voluntários que participam na Construção disponibilizam-se para participar em todos os momentos da atividade, desde o encontro inicial ao regresso à favela na fase de acompanhamento. Só assim a ONG consegue assegurar a formação e acompanhamento adequados ao voluntário.







acolhimento, materiais e partida para a comunidade
Divulgação UTPMP

Esquema de uma Construção

Tendo por base os três dias de intervenção no terreno, pode-se esquematizar o trabalho nas seguintes etapas:

Dia 0 – Anterior ao início da atividade no terreno

- Reunião do grupo de voluntários, incluindo o *staff* (normalmente no final de um dia de semana) e deslocação para o local de alojamento comum, habitualmente uma escola;
- Apresentação de UTPMP pelos Chefes de Escola, apresentação do *staff* e constituição das equipas de trabalho;
- Distribuição de t-shirts identificadoras de UTPMP e esclarecimento dos principiantes sobre a organização e realidade que vão encontrar.

Dia 1 – Início da Construção

- Formação técnica sobre a primeira etapa de construção da HE e o funcionamento das ferramentas a utilizar;
- Distribuição das ferramentas, alimentação e água pelas diversas equipas constituídas;
- Deslocação das equipas para os locais de construção e apresentação às famílias, com perceção *in loco* da realidade sobre a qual vão intervir;
- Reconhecimento do local de construção para encontrar a melhor solução face às condições do terreno, acolhendo a sugestão da família, de forma a adequar a solução ao estilo de vida dos seus habitantes;
- Início dos trabalhos com o envolvimento da família, a fim de aumentar o sentimento de realização própria e a integração comum;
- Construção da base da HE, os ***pilotis*** e o **piso**[24];

24 ver Manual de Construção, pags. 48 a 53





distribuição de materiais e colocação dos pilotis
Divulgação UTPMP
crédito Márcio Ramos

- Resolução de problemas técnicos que surgem – adaptação aos elementos pré-existentes, adequação dos materiais construtivos, etc.;
- Interação com a família através da Construção e também da partilha das refeições, realizadas no local de trabalho;
- Regresso ao alojamento onde, antes do descanso, são debatidas as vicissitudes do dia de trabalho, bem como os problemas encontrados.









colocação dos pilotis, construção da estrutura do piso, distribuição dos materiais, vestuário de voluntário
Divulgação UTPMP









etapas diversas da Construção
Divulgação UTPMP
créd. Paula Marina e Márcio Ramos

Dia 2 – Construção do "corpo" da HE e consolidação da relação com a comunidade

- Se necessário, conclusão dos trabalhos do dia anterior;
- Transporte e colocação dos **painéis**[25] que constituem as paredes das casas;
- Primeira perceção visão das casas, importante na motivação das equipas e nos sentimentos de realização e mudança da vida das famílias;
- Construção da **estrutura da cobertura**[26];
- Verificação do estado de evolução de todas as construções e colaboração, se necessário, das equipas mais avançadas com as mais atrasadas;
- Regresso ao alojamento - constatação do reforço da integração de todos nos objetivos propostos e do impacto que a intervenção está a ter nas famílias.

25 ver Manual de Construção, pag. 54

26 ver Manual de Construção, pag. 58





construção da cobertura
Divulgação UTPMP

Dia 3 – Acabamentos e partida da comunidade

- Se necessário, conclusão dos trabalhos do dia anterior;
- Verificação de que todos os aspetos técnicos da estrutura estão resolvidos;
- Instalação da **cobertura** das HE e das **portas** e **janelas**[27];
- Eventual pintura da casa – caso a ONG disponibilize de tintas (habitualmente fornecidas por um patrocinador);
- Execução de estruturas extra, como degraus nos terrenos com declive acentuado e limpeza dos desperdícios da obra, na casa e na área;
- Entrega simbólica da HE aos moradores através duma "cerimónia inaugural", que sublinha a conquista e empenho da família e equipa;
- Reunião de todas as equipas e beneficiários para despedida e partida da comunidade com indicação às famílias do acompanhamento no futuro próximo.

27 ver Manual de Construção, pag. 60 e 62







inauguração da HE
Divulgação UTPMP

Manual de Construção da Habitação de Emergência UTPMP-Brasil[28]

28 Adaptação do *Manual de Construção de UTPMP Suzano -Junho/2009 e Guia de Construção UTPMP 2010*

Este tópico é a adaptação do documento que acompanha e no qual se baseiam as formações técnicas das Construções de UTPMP-Brasil.

Nele constam as regras necessárias para a correta construção da Habitação de Emergência de UTPMP-Brasil. Estão também incluídos os inconvenientes comuns que surgem durante o processo e possíveis soluções. Apesar destas indicações gerais, a Construção é sempre acompanhada por voluntários experientes que, para além de conhecerem todas as etapas de construção, vão propondo estas ou outras soluções para estes ou outros problemas.

No início duma construção é pedido aos voluntários o máximo rigor e perfecionismo na execução de todas as tarefas. Apesar de se tratar de um abrigo emergencial, esta será a moradia duma família, e que para além de abriga-la, deve protege-la e proporcionar-lhe melhores condições de vida.

Em 2009, a HE de UTPMP-Brasil era construída em madeira, com telhas de fibrocimento, mede 3 x 6 m, tinha duas janelas e uma porta, também em madeira, e era construída sobre uma plataforma elevada do solo.

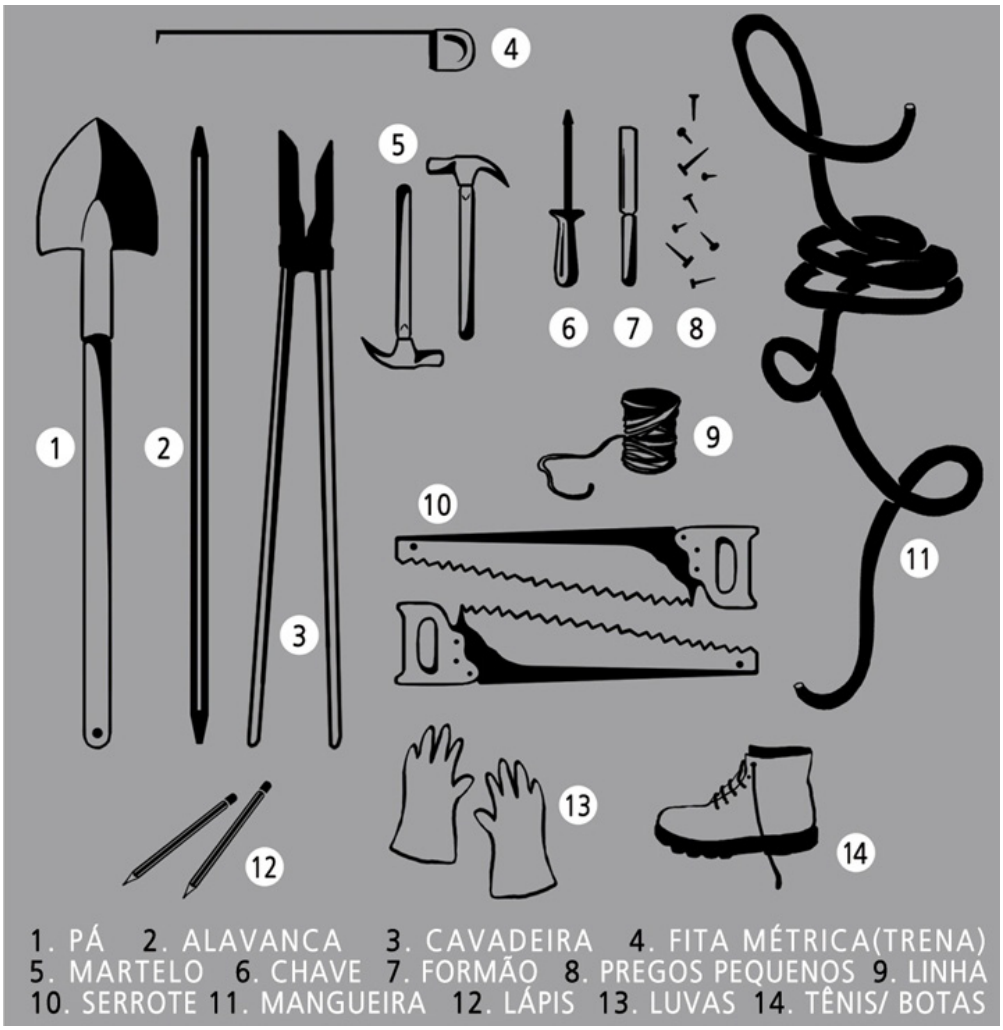
FERRAMENTAS

Para a execução da HE, os voluntários utilizam alguns instrumentos específicos. UTPMP disponibiliza, para além dos materiais, as ferramentas básicas, tais como: alavancas, cavadeiras, pás, mangueiras de nível, serrotes, fitas-métricas, martelos, linhas e prumos.

No entanto, aos voluntários é pedido que levem para o terreno algumas das ferramentas mais utilizadas, como fitas-métricas (maiores do que 3m) e martelos.

Para uso pessoal, é recomendada a utilização de luvas de construção e vestuário, sobretudo, calçado adequado. É aconselhado o uso de protetor solar, chapéu, e capa de chuva (para proteção das agressões climatéricas).

Também é referida a possível utilização



1. PÁ 2. ALAVANCA 3. CAVADEIRA 4. FITA MÉTRICA(TRENA)
5. MARTELO 6. CHAVE 7. FORMÃO 8. PREGOS PEQUENOS 9. LINHA
10. SERROTE 11. MANGUEIRA 12. LÁPIS 13. LUVAS 14. TÊNIS/ BOTAS

doutras ferramentas como lápis, o formão e a chaves-de-fendas.
Eis as principais ferramentas e a descrição da sua utilização:

1 **Pá** – cava buracos, mas com menor eficiência do que a cavadeira. Geralmente é usada para a remoção de terra.

2 **Alavanca** – ferramenta usada para partir pedras, amolecer a terra, alavancar painéis, alinhar as tábuas de piso. Trata-se de um ferro de aproximadamente 1,20m de comprimento, com uma extremidade bicuda e outra ligeiramente espalmada. Deve ser utilizada com luvas.

3 **Cavadeira** – ideal para cavar o tipo de buracos pretendidos para os pilotis, através da recolha da terra. O seu aspecto é o de duas pás finas articuladas, dispostas uma em frente à outra. É uma ferramenta frágil. Para a sua utilização é necessária a certificação da terra a recolher estar solta e não existirem pedras muito grandes que a possam danificar (as pedras devem ser previamente partidas com a alavanca).

4 **Fita-métrica** – mede distâncias. Fundamental para a implantação da fundação. São necessárias uma de, pelo menos, 3m, e outras duas com mais de 6m.

5 **Martelo** – é utilizado em quase todas as etapas da construção. Para segurança pessoal e dos demais, deve ser utilizado com cuidado. Para evitar que as madeiras rachem é aconselhado bater levemente na ponta do prego antes de pregá-lo, assim como evitar colocar o prego sobre um dos nós da madeira, onde esta é mais frágil.

6 **Chave-de-fendas** – usada nas dobradiças das portas e janelas.

7 **Formão** – usado para retirar lascas de madeira. Ferramenta utilizada com o auxílio de um martelo.

8 **Pregos** – de diferentes tamanhos, para as diferentes peças, inclusive, pregos especiais para as telhas (com uma espécie de borracha isoladora).

9 **Linha** – utilizada no prumo e para delimitar o perímetro da casa.

10 **Serrote** – serra, caso necessário, as madeiras e telhas usadas na construção.

11 **Mangueira para nível** – usada para nivelar os pilotis no terreno. Pode ser qualquer tubo com extensão suficiente para se colocar entre os vértices opostos do perímetro da casa. UTPMP utiliza mangueiras de plástico transparente com 1cm de diâmetro aproximadamente. Para a sua utilização é necessário enche-la quase na totalidade com algum líquido (se colorido, a verificação é mais fácil), certificando-se da inexistência de bolhas de ar. A sua correta utilização é o único método fiável para o nivelamento dos elementos, pois a irregularidade do terreno induz muitas vezes em erro o olho humano.

Prumo – verifica a perpendicularidade dum plano relativamente ao chão ou a outro plano.

RECONHECIMENTO DO TERRENO

O terreno onde a HE será construída é, habitualmente, o local onde a família já mora. Antes da Construção, os voluntários pedem à família a remoção de todos os materiais que estão sobre o terreno, inclusive, e na maioria das vezes, a demolição da anterior moradia. Os moradores, com o auxílio de vizinhos ou familiares próximos, guardam os seus pertences, desde mobiliário ao material que constitui paredes e teto (para estas famílias todo o espólio constitui riqueza), e permanecem, caso não tenham abrigo próprio, nas casas vizinhas durante a construção da HE.

A limpeza do terreno é necessária, mesmo que tal tenha de ser feita pelos voluntários. O terreno tem de estar completamente livre para as medições serem feitas corretamente. Podem, eventualmente, surgir algumas surpresas sob o terreno da construção. Isto acontece no caso da sobreposição de construções e utilizações diferenciadas anteriores à fixação da atual família, o que é comum.

A identificação de fossas, valas e canos no terreno ou nas suas imediações são questões fundamentais para evitar incidentes indesejáveis. A família deve ser questionada sobre as mesmas, e verificada a existência de indícios como, por exemplo, um registo de água ou uma torneira. Encontrar uma fossa ou vala inesperada durante a escavação do terreno pode ser perigoso e principalmente, complicado, assim como furar um cano de água. Este é um procedimento relativamente simples e que previne eventuais atrasos na construção.

Identifica-se qual é o ponto mais alto do terreno e a inclinação do mesmo (se existir). Prever e acordar a localização e disposição da HE com a família e com todos os voluntários, auxilia na execução dos trabalhos, sobretudo no momento da implantação, pois todos antevêem a ordem dos acontecimentos.

Se o terreno for de grande dimensão deve ainda ser avaliada a sua orientação considerando a melhor insolação da HE e a proteção das agressões naturais como a chuva e o vento.

PILOTIS

Material
15 pilotis
Cavadeira
Pá
Alavanca
Mangueira de nível
3 Fitas-métricas (pelo menos)
Linha
Pregos para fixar a linha

Esta é a etapa mais importante da construção. A incorreta fixação e nivelamento dos pilotis provocam problemas que se multiplicam nas posteriores etapas. O rigor de execução da fundação aumenta consideravelmente a durabilidade da casa, proporcionando conforto e segurança para a família que ali viverá.

Os pilotis são a estrutura principal da casa. Como fundação, sustentam todo o peso da HE. Tratam-se de trechos de troncos de árvores, cujo diâmetro varia entre 10 e 20 cm.

Como nem todos têm o mesmo diâmetro procura-se seleccionar os pilotis mais grossos para a zona central da HE, onde existirá a junção das

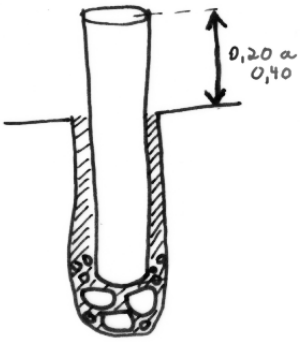
tábuas de piso. Considera-se igualmente o desnível do terreno. Os pilotis mais compridos são destinados à zona mais baixa do terreno.

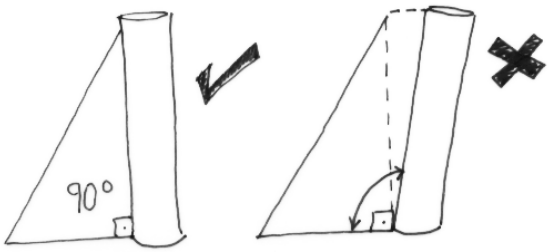
O piloti-mestre é o primeiro a ser colocado e deve estar na zona mais alta do terreno. Este será a referência para a posição e nivelamento dos restantes, ficando entre 20 a 40 cm acima do chão.

Enquanto se cava o buraco, vai-se verificando a profundidade do mesmo.

Antes de posicionar o piloti, forra-se o fundo do buraco com pedras, fixando-as com a terra e socando-a constantemente, para que o terreno seja estável e o piloti fique imóvel. Sem uma boa fundação, a HE ficará torta.

Antes de fixá-lo, deve confirmar-se a perpendicularidade do piloti em relação ao chão.

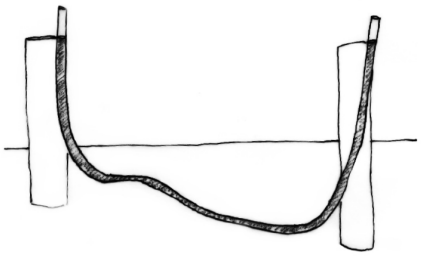




Nível

O nível de todos os pilotis deve ser recorrentemente confirmado e, se necessário, corrigido. Para tal, utiliza-se a mangueira de nível.

Enche-se a mangueira com algum líquido, depois, coloca-se uma das extremidades submersa num recipiente com água e levanta-se o recipiente, deixando a outra extremidade pousada no chão. Espera-se que todas as bolhas de ar saiam e tapam-se ambas as extremidades elevando-as. Para confirmar a fiabilidade desta ferramenta, unem-se as extremidades da mangueira, verificando se a água está ao mesmo nível.

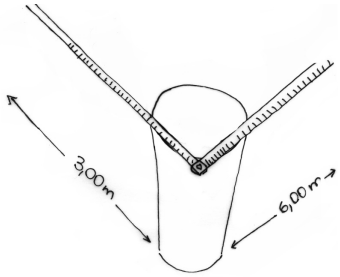


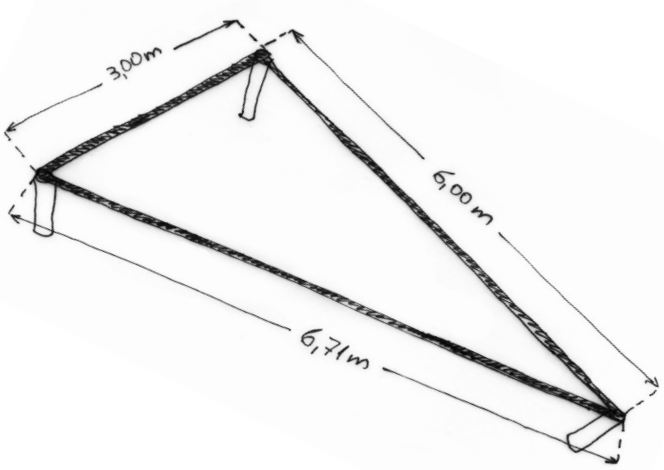
Posteriormente marca-se o lado mais alto da face superior do piloti-mestre (pela irregularidade da madeira é raro a face ser completamente paralela ao chão). Um dos extremos da mangueira deverá estar sempre junto a essa marcação na confirmação do nível dos

restantes pilotis.

Perímetro

Depois do piloti-mestre, colocam-se os outros 3 pilotis que conformam o retângulo limitador da HE. Para tal, deve-se atender às distâncias exatas de 3 m, 6 m e 6,71 m, respetivamente, lado menor, lado maior e diagonal do retângulo. Todas as faces superiores dos pilotis devem ser colocadas dentro da delimitação do retângulo, por isso as medidas são feitas no exterior destes. Quando corretamente fixados os pilotis delimitadores do perímetro, coloca-se uma linha, que os contorne, e assim marca-se a figura da implantação.

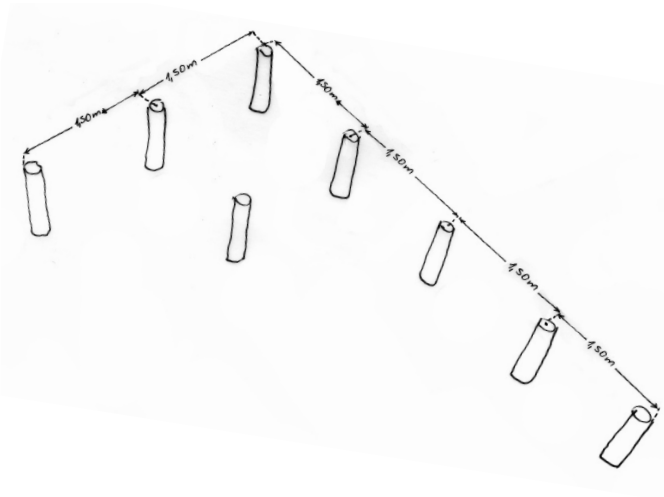




Próximos pilotis

Os restantes pilotis podem ser colocados na ordem mais conveniente e até simultaneamente, desde que o seu distanciamento relativamente aos demais e o nível seja sempre confirmado.

Os pilotis inscritos no rectângulo são alinhados pela marcação física existente. Deve ter-se em atenção algumas distâncias serem cotadas a partir do eixo, e outras, do limite do piloti.



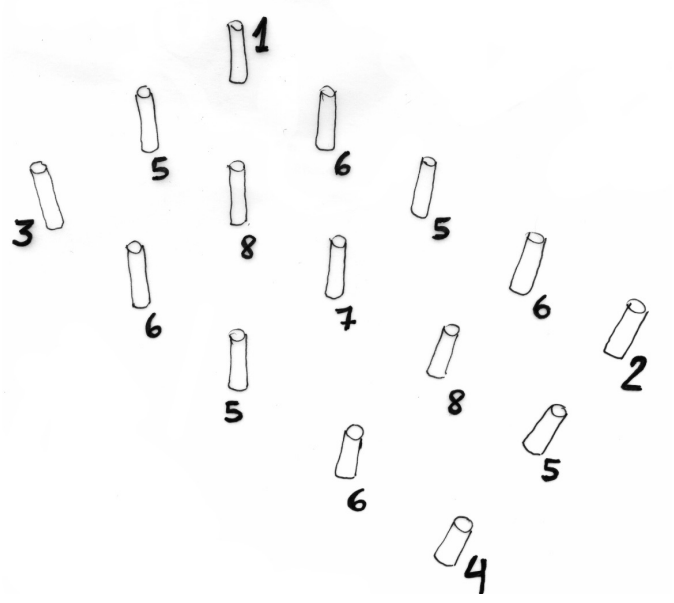
Possíveis e prováveis imprevistos:

Piloti fixado no local incorreto

É possível martelar cuidadosamente na parte lateral do piloti para que ele se movimente, e assim corrigir a sua posição. Mas se o erro for muito grande (maior do que 4 cm), é necessário recolocá-lo.

O piloti não está bem nivelado

Se o piloti estiver um pouco acima do nível pode dar-se algumas pancadas em cima para forçá-lo a descer. Caso esteja abaixo do nível, é necessário recolocá-lo porque, mesmo existindo a possibilidade de elevar sem o retirar, é provável que o mesmo ceda posteriormente.



PISO

Material

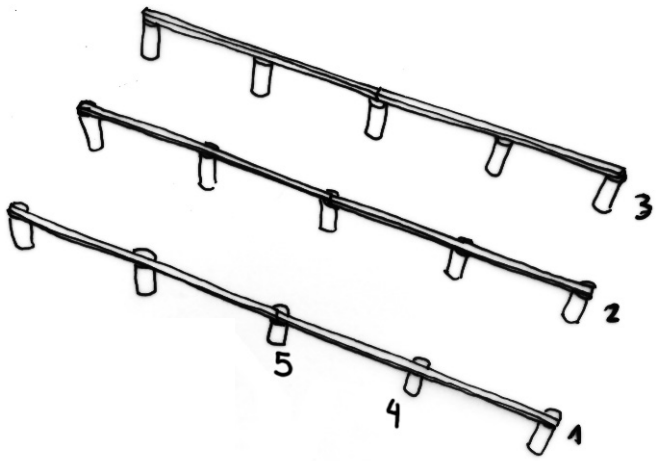
6 vigas de piso (5cm x 10cm x 3m)
12 caibros (5cm x 5 cm x 3m)
Pregos 20x42, 19x36 e 17x21
Tábuas de piso (1cm x 20cm x 3m)
Martelo
Fitas métricas
Serrote
Alavanca

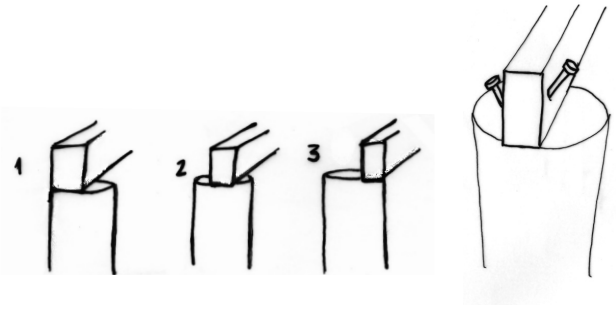
O piso é composto por dois conjuntos de tábuas sob uma estrutura composta por vigas e caibros, fixa diretamente nos pilotis.

Vigas de piso

Inicialmente colocam-se as vigas sobre os pilotis na posição correta: lado menor – 5 cm – apoiado nas faces dos pilotis. As vigas centrais são colocadas no eixo dos pilotis, e as laterais, idealmente, no limite dos pilotis, desde que exista a distância de 3 m entre elas.

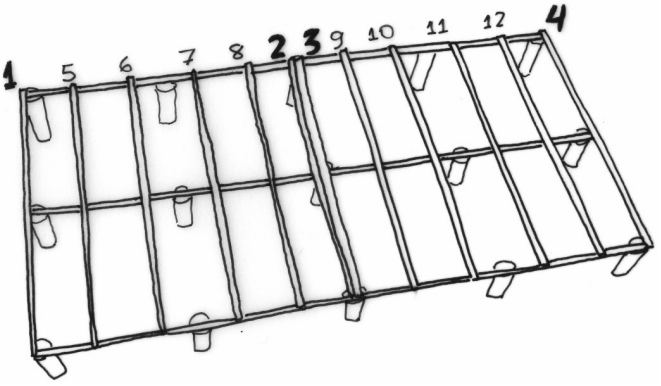
Posicionam-se as vigas e pregam-se, sem fixá-las permanentemente, caso seja necessário alterar a sua posição posteriormente. Nesta ação, utilizam-se os maiores pregos – 20x42. Como estes são pregados diagonalmente, é necessário algum cuidado para que a madeira não rache.





Caibros de piso

Dispõem-se os caibros, perpendicularmente às vigas. Primeiro, são colocados os centrais. Em seguida os caibros extremos (após a marcação da medida total do piso). Estes são pregados nas vigas com os pregos 19x36. Os restantes são fixos com distâncias de 60 cm entre eles. Conferidas as distâncias, finaliza-se a fixação das vigas, martelando totalmente os pregos 20x42 nos pilotis.



Tábuas de piso

Existem dois tipos de tábua de piso: tábuas chanfradas e tábuas retas. A colocação dos dois tipos é a mesma, perpendicularmente aos caibros.

As tábuas chanfradas encaixam umas sobre as outras e evitam a existência de falhas no piso. Este encaixe conforma uma tela única de piso. As tábuas são chanfradas anteriormente em carpintaria, no entanto, no caso do tempo da preparação da Construção ser reduzido ou os recursos financeiros limitados, o mesmo pode ser impossível. Nessa situação são utilizadas tábuas retas.

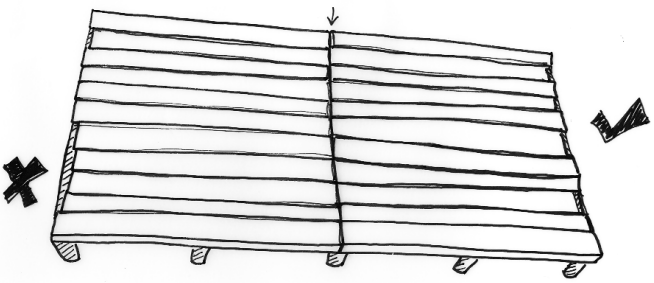
O alinhamento das tábuas deverá seguir o eixo central da casa de forma a evitar falhas muito visíveis.

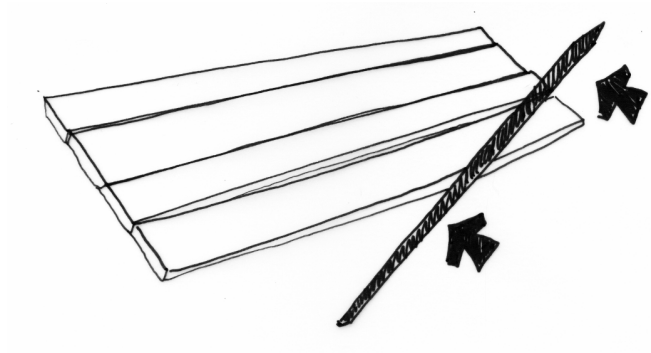
As tábuas provavelmente não têm comprimento exacto de 3 m. Como os painéis são colocados directamente sobre as tábuas, as menores não devem ser colocadas lado a lado, pois isto induz à fragilidade no apoio para os painéis.

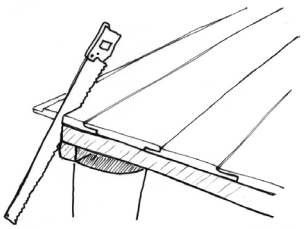
A primeira tábua é pregada numa das extremidades. As restantes seguem esse alinhamento. São utilizados dois pregos de 17x21 por caibro, portanto 12 por tábua para fixá-la.

Possivelmente as tábuas não são regulares. Nesse caso, recorre-se à força da alavanca para unir a tábua à anterior enquanto outra pessoa a prega. É habitual sobrar um trecho da última fora do perímetro. O excesso deve ser serrado para o conjunto ser visualmente regular, mas também para proteger a tábua no caso de ocorrência de precipitação ou impactos físicos.









PAINÉIS

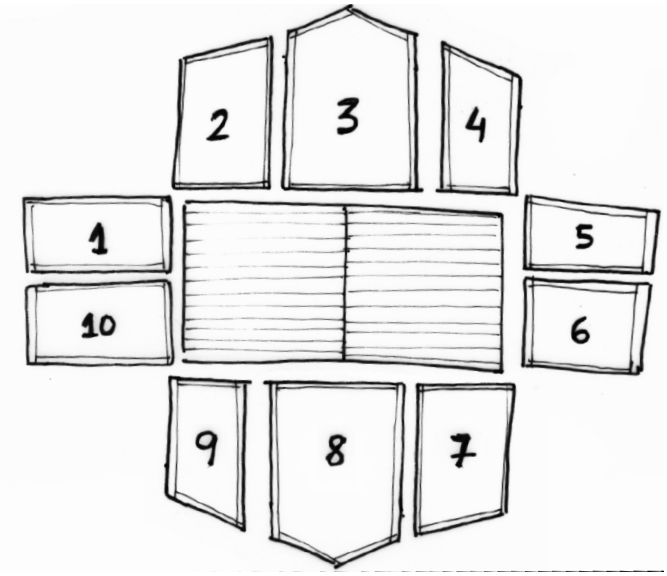
Material
10 painéis pré-fabricados
Pregos 20x42 e 20x48
Alavanca
Martelos
Fitas-métricas
Calços improvisados
Prumo

Os painéis são as 4 paredes da casa. São pré-fabricados e divididos em 10 parcelas. No Brasil a subdivisão das 4 paredes em 10 painéis, deve-se às características físicas das comunidades. As vias de comunicação dos assentamentos brasileiros são habitualmente muito estreitas, o que obriga ao transporte dos painéis verticalmente. Assim houve a necessidade de segmentar ao máximo a estrutura das paredes, os painéis, para estes terem menor peso, possibilitando o seu transporte manual. Noutros países, as paredes estão divididas apenas em 6 painéis.

Cada painel possui uma localização específica e a sua montagem deve seguir uma sequência ideal.

Inicialmente são colocados os dois "U"s que contêm as duas faces maiores da HE. Um painel é pregado ao outro com 3 pregos (os maiores que houverem) na diagonal (2 num sentido e 1 no contrário).

Na colocação dos painéis é necessário garantir que todos conseguem ser transportados para a sua localização final. Para isso pode, inicialmente, colocar-se todos os painéis deitados sobre o piso já construído. Nesta altura a família deve ser questionada sobre a existência de mobiliário maior do que a porta. Caso exista, este deve ser colocado sobre o piso antes de todos



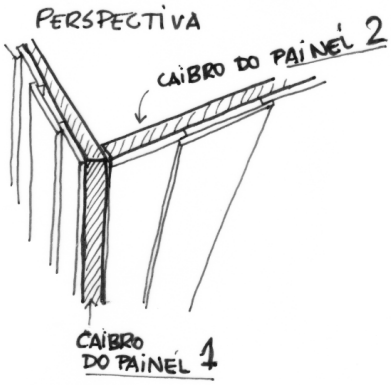
os painéis estarem pregados.
Qualquer painel disposto verticalmente, mas não preso, deve ser seguro por um ou vários voluntários. Os painéis só são fixos à estrutura do piso depois de todos estarem dispostos verticalmente e presos entre si, até então, a sua localização vai sofrendo pequenos ajustes.
Na junção da face maior com a face menor da HE, o painel da primeira deve assentar na parte de fora do da segunda.

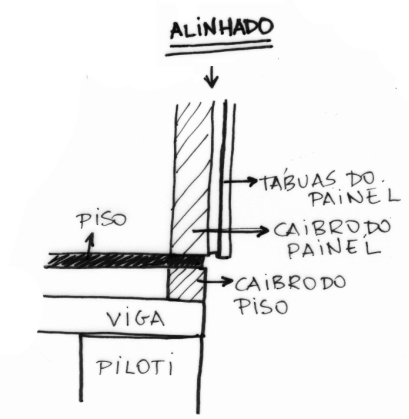
Fixação dos painéis à estrutura do piso

Para fixar os painéis, a estrutura destes (composta por caibros semelhantes aos do piso) deve estar alinhada com os caibros do piso. Nesta verificação é considerada sempre a estrutura do piso, caibros e vigas e nunca as tábuas do mesmo.
À irregularidade da madeira junta-se as irregularidades que surgem na junção entre painéis. Assim, as paredes podem não se encontrar totalmente verticais, tombando um pouco para dentro ou para fora. Procura-se a maior perpendicularidade dos painéis relativamente ao piso. Idealmente, a largura dentro da casa, dum painel ao outro, deve ser de 3 m entre as respetivas estruturas.
Os painéis estão prontos para ser pregados ao piso, desde que se certifique que na colocação do prego, este encontre o caibro do mesmo.

Possíveis e prováveis imprevistos:

Juntando dois painéis estes ficam afastados no topo
Isto pode acontecer pelas já referidas irregularidades do material, ou até pela irregularidade da execução do próprio painel. Para resolver este problema in loco deve pregar-se as partes dos painéis que se encostam, um





ao outro, com um ou dois pregos. Depois alavancam-se as pontas dos dois painéis até que o topo se uma. Colocam-se uns calços auxiliares para que os elementos mantenham essa posição, e prega-se o terceiro, e se necessário um quarto prego.

Juntando dois painéis estes ficam afastados no fundo

Neste caso o procedimento é contrário ao anterior descrito. Os primeiros pregos são colocados no topo e são alavancadas as pontas interiores de ambos os painéis. Quando totalmente juntos, calçam-se, e pregam-se, de forma a se manterem juntos.

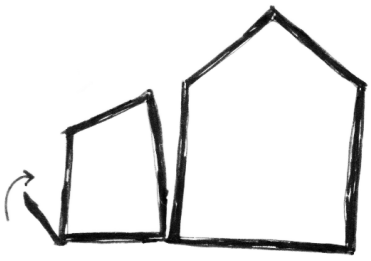
Mesmo depois de realizadas estas possíveis soluções, a fresta entre os painéis pode continuar a existir

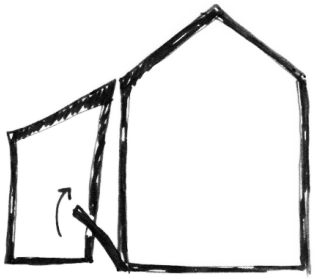
Forçando, através de marteladas, a madeira poderá ceder o suficiente para ficar na posição correcta. No entanto, se alguma madeira de um dos painéis estiver mal cortada pode dificultar esta ação. Neste caso, essa madeira deverá ser corrigida, através do uso do formão. Como última solução, pode recorrer-se à utilização de uma tábua de piso para tapar a fresta existente. A resolução deste imprevisto é importante para vedar e proteger o ambiente interno da HE, e assim, a família.

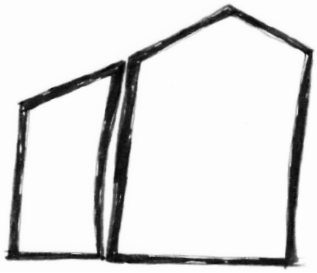
Os painéis estão pregados um ao outro mas não tocam o chão

Se o espaço entre painéis e o piso não for muito grande, normalmente acaba por se resolver quando os painéis são pregados à estrutura do piso. O problema pode, no entanto ser mais complexo, no caso do piloti sob o painel ter cedido, e estar desnivelado relativamente aos restantes.

Contudo todos os imprevistos são cuidados caso a caso, e é pedida a opinião de vários intervenientes,







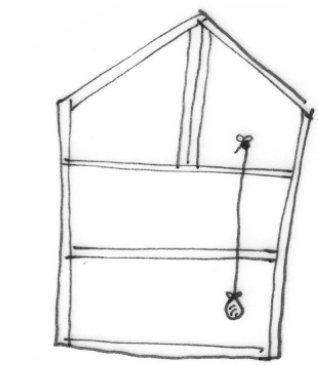
sobretudo dos voluntários com maiores conhecimentos técnicos.

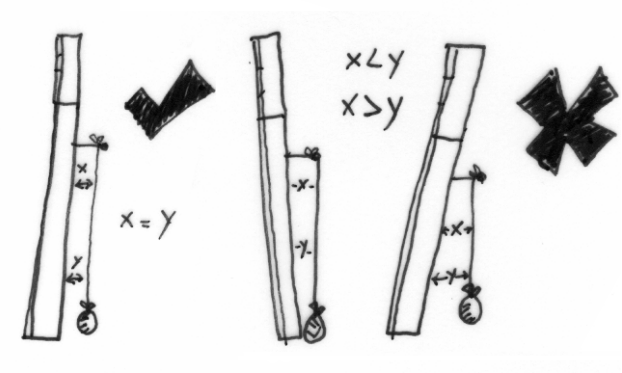
Prumo

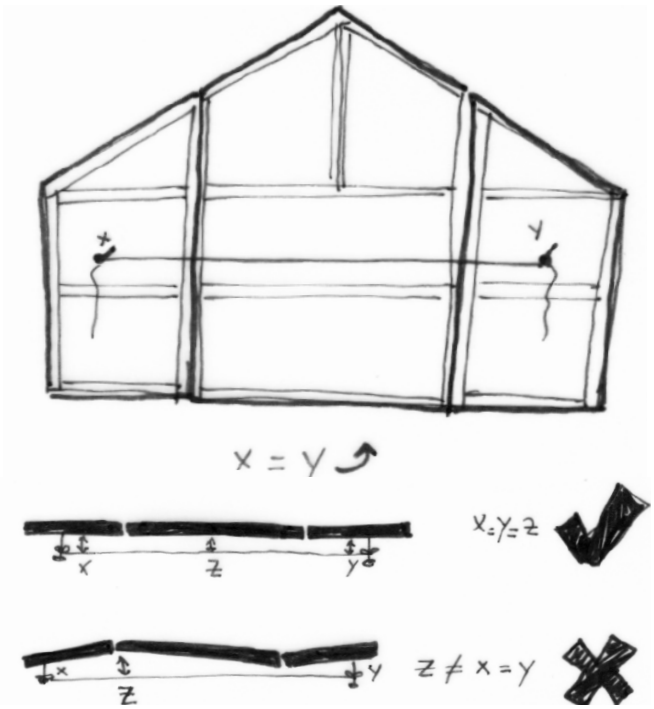
Depois da fixação dos painéis uns aos outros e ao solo, verifica-se e corrigem-se os ângulos através dum prumo vertical e outro horizontal. Assegurar a perpendicularidade e alinhamento dos painéis significa maior rigidez da estrutura e consequentemente menor probabilidade de problemas futuros.

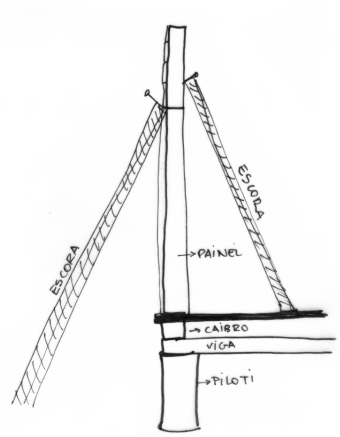
Ambos os prumos podem ser feitos no local sem requererem nenhum instrumento específico. Para o prumo vertical deve pregar-se um prego (o suficiente apenas para fixá-lo, depois de "aprumada" a casa, aquele deve ser retirado) na parte alta do painel central. Ao prego é amarrada uma linha com o mesmo comprimento que a altura do painel e com um peso na ponta, de modo a ficar suspenso pela acção da gravidade. Depois, mede-se a distância do fio ao painel na parte de cima e na parte de baixo. Se as medidas forem diferentes, a parede deve ser forçada para que estas se igualem. O prumo horizontal funciona de forma semelhante. Na mesma parede, pregam-se dois pregos nos painéis extremos. Mede-se a distância do fio aos painéis em todo o seu comprimento, procurando igualá-lo.

Para assegurar a fixação dos painéis nos locais pretendidos, perpendiculares e alinhados, recorre-se a elementos fixos, como as alavancas, ou outros elementos existentes na comunidade. Estes elementos devem manter-se nessas posições até à conclusão do telhado, altura em que toda a HE é um elemento único e compacto.









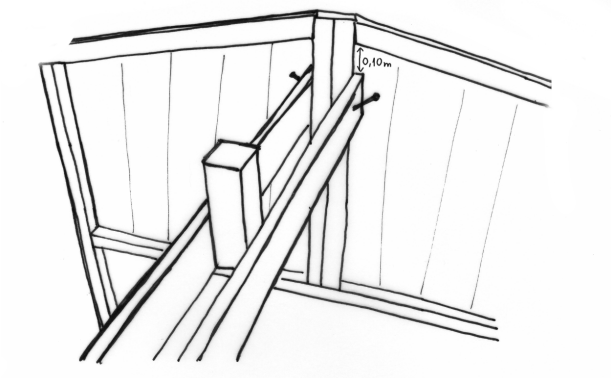
TELHADO

Material
16 telhas de fibrocimento 2,44 m
16 telhas de fibrocimento 1,22 m
8 cumeeiras fêmea
8 cumeeiras macho
2 vigas centrais (2,5cm x 10cm x 3m)
6 vigas secundárias (2,5cm x 10cm x 3,2m)
6 caibros (5cm x 5cm x 2,9m)
8 caibros auxiliares (de comprimento medido em loco)
3 tocos de madeira (10cm x 5cm x 20cm)
Pregos de telhado
Pregos 19x36
Serrote
Fita métrica
Linha

Depois dos painéis erguidos, a construção já se assemelha à imagem final da HE. Resta apenas a construção do telhado e alguns acabamentos.
A construção do telhado inicia-se na sua estrutura. Esta é composta por uma viga dupla central, vigas secundárias e caibros.

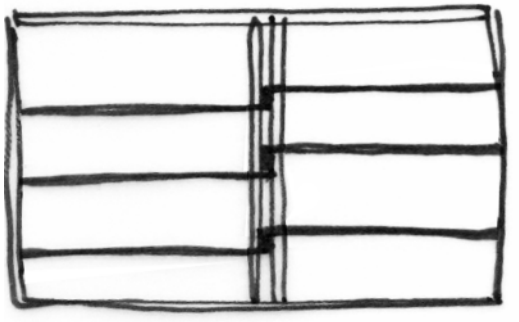
Viga dupla central

Esta estrutura é pré-fabricada no local antes de ser pregada. As duas vigas centrais são pregadas uma à outra através de 3 tocos de madeira. O objectivo final é que as duas vigas estejam dispostas paralelamente com um espaçamento de 10 cm (correspondente à dimensão dos caibros da estrutura dos painéis). Depois de pregados, deve sobrar aproximadamente 10 cm aos tocos de madeira, espaço necessário para pregar as vigas secundárias. Composta esta estrutura deve ser colocada e pregada na zona central dos painéis (a quebra das águas).



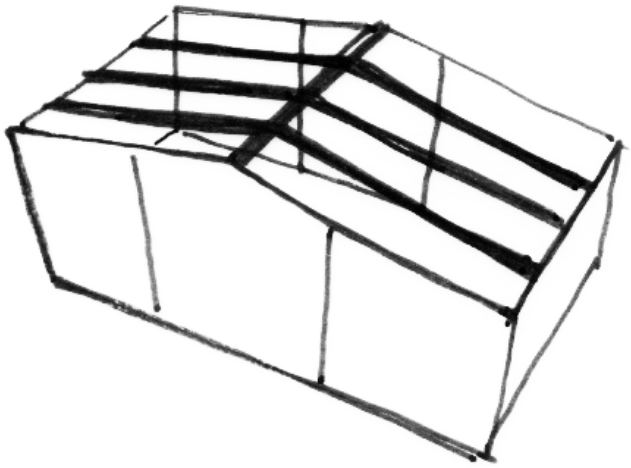
Vigas secundárias

As 6 vigas secundárias apoiar-se-ão na viga central, 3 de cada lado da HE, e serão fixas aos excedentes dos tocos de madeira num extremo, e no outro a caibros fixos no painel. Pode ser necessária a introdução de caibros auxiliares no painel, medidos, cortados e pregados nessa ocasião, consoante as necessidades.

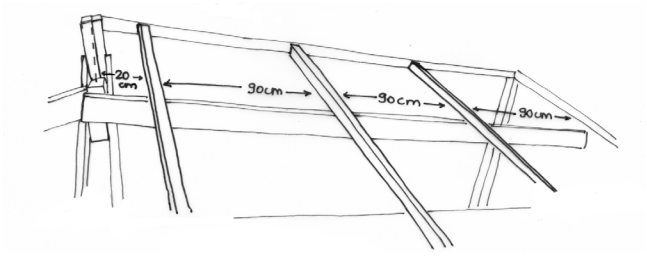


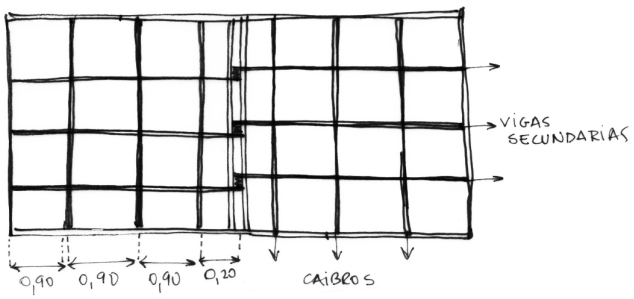
Caibros

Os caibros são colocados transversalmente às vigas, 3 em cada água. A distância a que são colocados entre si pode variar consoante a posição das tábuas que compõem os painéis. As distancias devem, no entanto ser aproximadas e os caibros colocados paralelamente às vigas centrais. Podem colocar-se todos os caibros sobre as vigas e antes de pregá-los verificar essas distâncias, considerando que os centrais devem distanciar-se entre si, aproximadamente 40 cm.



Encontrada a posição ideal, os extremos dos caibros são pregados ao painel com pregos 20x48 em cada extremidade. Nas interseções dos caibros com as vigas secundárias, deve ser utilizado um prego 19x36 em cada interseção.

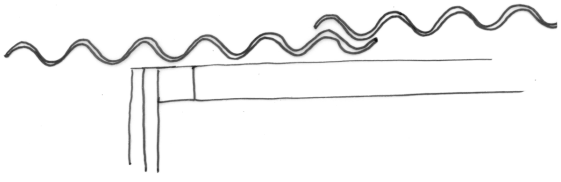




Telhas

As telhas têm a dimensão única de 2,44 m. É então necessário serrar 8 delas ao meio. Como o material é fibrocimento, esta questão é facilmente resolvida com os serrotes existentes, no então é necessário a proteção do rosto, olhos, nariz e boca, devido à poeira libertada pelo material.

Para a colocação das telhas um ou dois voluntários apoiam-se nos painéis, ou na própria estrutura do telhado.



Como esta não é uma estrutura muito densa, aconselha-se a execução por voluntários leves.

As cumeeiras são colocadas por cima das telhas médias e as médias por cima das grandes. Estas são, portanto as primeiras a colocar. É de evitar, qualquer peso sobre as telhas, mesmo que seja um ligeiro apoio. Caso o material ceda pode iniciar uma goteira no interior da HE.

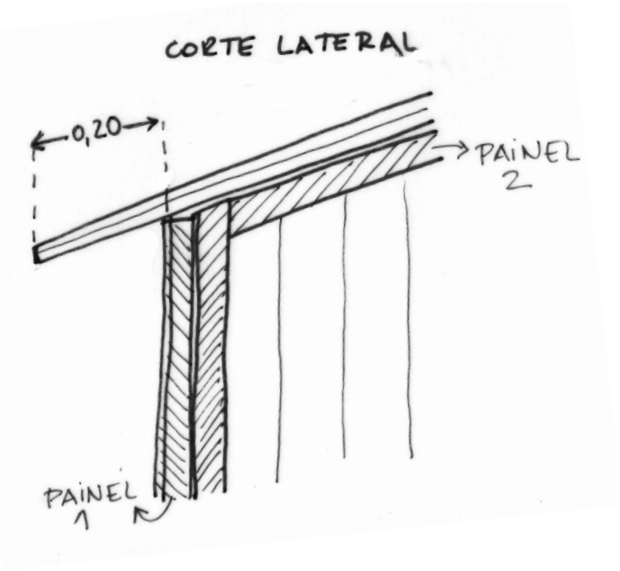
A primeira telha deve distar 3 ou 4 "ondas" para fora do painel, e aproximadamente 20 cm para fora da face menor da casa, desta forma assegura-se uma maior proteção da chuva.

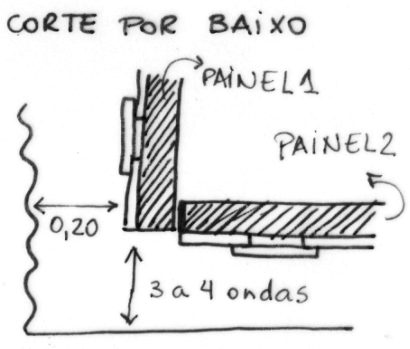
A primeira telha define o alinhamento das restantes. Depois de devidamente colocada, pregam-se dois pregos de telhado, um no caibro do painel e outro no caibro da estrutura. Depois desta, podem pregar-se as restantes telhas maiores. Ao pregar o prego na "onda alta" este tem de acertar no caibro. Para isso pode auxiliar o recurso a uma linha guia que indique a sua orientação. Qualquer erro a pregar uma telha, pode implicar a posterior entrada de água na habitação.

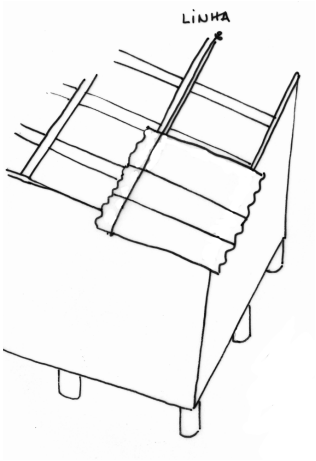
Colocadas as telhas grandes, iniciam-se as médias e, simultaneamente, as cumeeiras. Estas devem ser encaixadas tipo puzzle seguindo sempre a mesma ordem lógica.

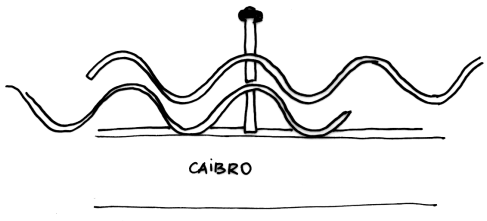
Para pregar deve-se acertar sempre nas sobreposições. Entre as telhas médias e grandes, e médias e cumeeiras.

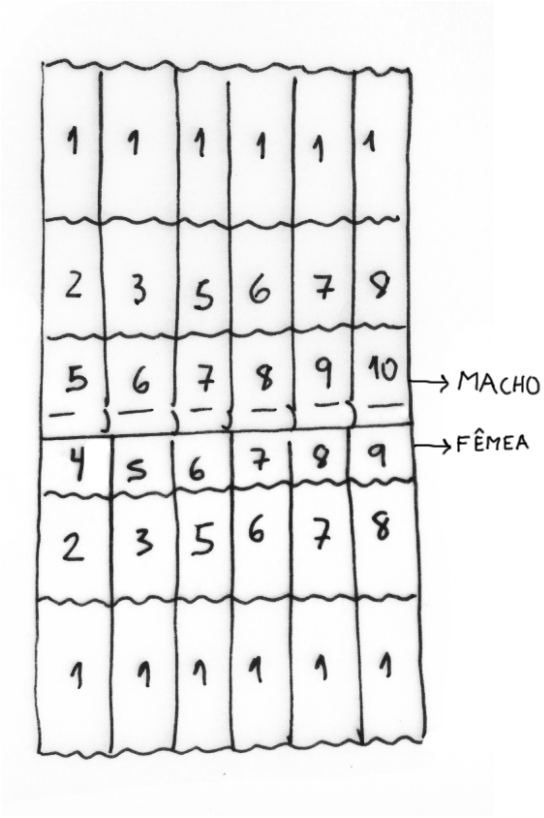
Finalizado o telhado, a saída é realizada por fora da HE. Deve antever-se esse percurso, prevenindo uma saída segura, habitualmente recorrendo a alguma escada existente na comunidade.



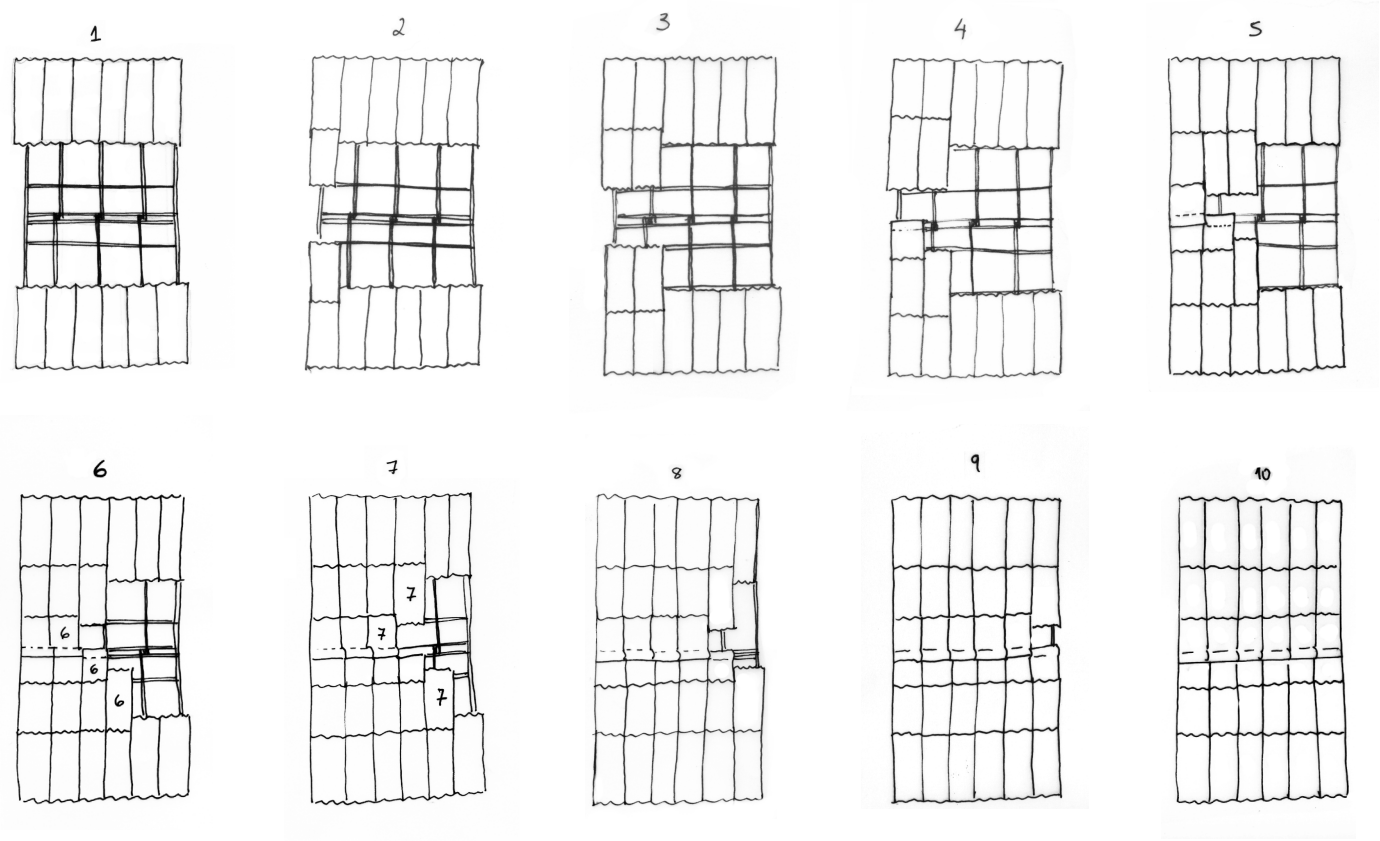












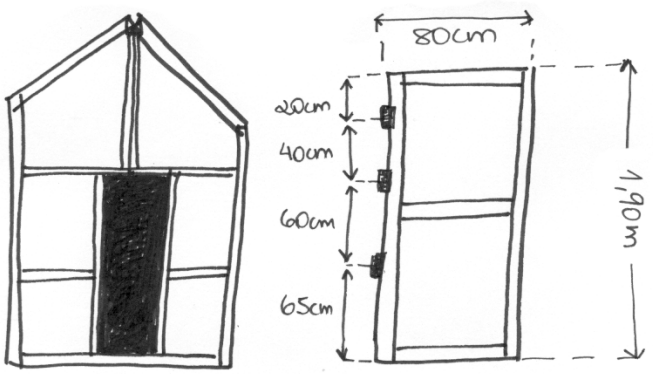
Possíveis e prováveis imprevistos:

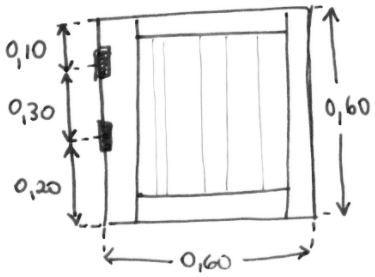
Ao colocar um prego de telha é possível falhar o caibro. Nesse caso deve verificar-se se não é possível retirar o prego e recolocá-lo no mesmo buraco em diagonal. Se isso for impossível devido à grande distância, pode-se trocar a telha de lugar de modo que o furo já feito não prejudique. Em último caso, deixa-se o prego onde está e coloca-se outro prego no lugar correto. Pode-se ainda tentar tapar o buraco com uma espécie de pasta de borracha, que alguns moradores utilizam na resolução de problemas semelhantes, mas não é de todo a solução ideal.

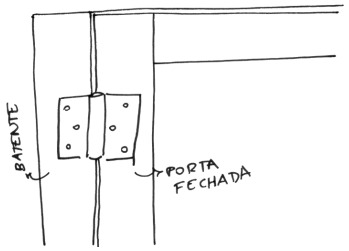
PORTA E JANELA

Materiais:
1 porta
2 janelas
3 dobradiças de porta
4 dobradiças de janela
Chave de fenda
Fita métrica
Lápis

Os últimos trabalhos podem ser realizados ao mesmo tempo que outros voluntários constroem o telhado. Portas, janelas e, se necessário, algum elemento extra, como uma escada de acesso.
Porta e janelas são, tal como os painéis, pré-fabricadas e em madeira. Estes elementos são fixados com dobradiças nos caibros das suas estruturas e dos respectivos painéis onde se vão inserir.
Inicialmente marca-se a localização das dobradiças na porta e janelas, mas também no painel. Devido ao peso do material (madeira) as dobradiças não devem estar centralizadas, mas localizadas mais próximas do topo dos elementos, para evitar posteriores cedências.
Fixa-se a dobradiça, primeiro na porta/ janela, e depois no painel, recorrendo a parafusos e chave de fendas.

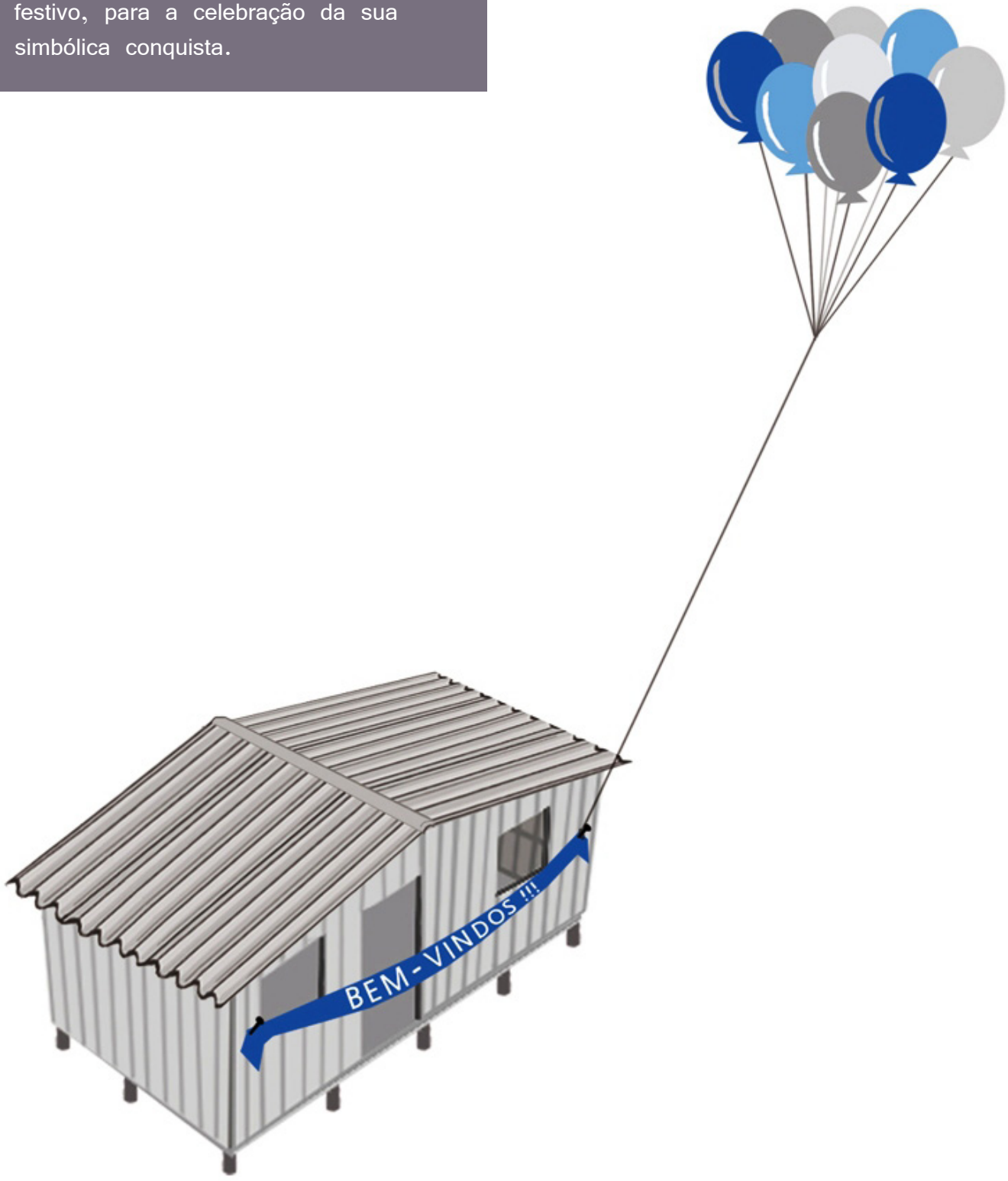






Depois de concluídos estes e outros acabamentos, a HE fica pronta.

Antes da entrega à família, que está presente em todas as etapas da construção, os voluntários procuram limpá-la da melhor forma, eventualmente decorá-la num ambiente festivo, para a celebração da sua simbólica conquista.



Todos os desenhos do presente capítulo são da autoria da equipa de Construção 2009 de UTPMP - Brasil







acompanhamento pós-construção
Divulgação UTPMP

acompanhamento pós-construção

É ainda parte da atividade a organização duma volta à comunidade algum tempo após a realização da Construção.

Orientados pelo *staff* os voluntários visitam as famílias com as quais construíram. Apenas 15 dias depois da mudança para a HE são evidentes as transformações provocadas por aquela intervenção. Na grande maioria constata-se uma melhoria na saúde, segurança e motivação da família. Esta visita é a primeira concretização da promessa de um apoio contínuo e não só da intervenção pontual. É o momento de perceção do impacto da alteração nas condições de habitabilidade nas famílias e também da consolidação dos intensos sentimentos gerados na actividade.

A construção e aprofundamento das relações levam algumas famílias a partilharem os seus problemas, tais como situações de violência familiar ou dificuldades financeiras. Nestas situações, os voluntários, sobretudo os de maior experiência, procuram auxiliar conforme o conhecimento e possibilidades pessoais e da ONG.

Das relações criadas na Construção nasce o interesse e vontade dos voluntários aprofundarem o trabalho iniciado. O acompanhamento das famílias e das comunidades após a primeira construção é, desde o primeiro contacto, o





acompanhamento pós-construção
Divulgação UTPMP

principal objetivo da ONG. No entanto, só é alcançável se a comunidade e os recursos humanos da organização o permitirem.

Esta continuidade é da responsabilidade dos Chefes de Escola de cada Construção e da equipa de Detecção, especificamente da subárea de Acompanhamento. No entanto, como um dos propósitos da atuação da ONG é a relação entre as famílias e os voluntários, todos são convidados a colaborar nas atividades que este grupo vai promovendo.

A vontade de implementação da segunda fase de intervenção de UTPMP– a Habilitação Social – existe desde a primeira visita realizada à comunidade. No entanto, atingir este objetivo é resultado do empenho e comprometimento diário dos voluntários, sobretudo no acompanhamento pós-construção. Para além deste aspeto, e ao contrário das construções da HE, a implementação de qualquer projeto comunitário, seja de apoio jurídico, educação ou outro, implica a vontade e mobilização da maioria dos moradores para o seu sucesso.

(pag. seguinte)
Mapa da Região Metropolitana de São Paulo, com os 39 municípios que a compõe assinalados e a localização dos assentamentos humanos dos casos de estudos

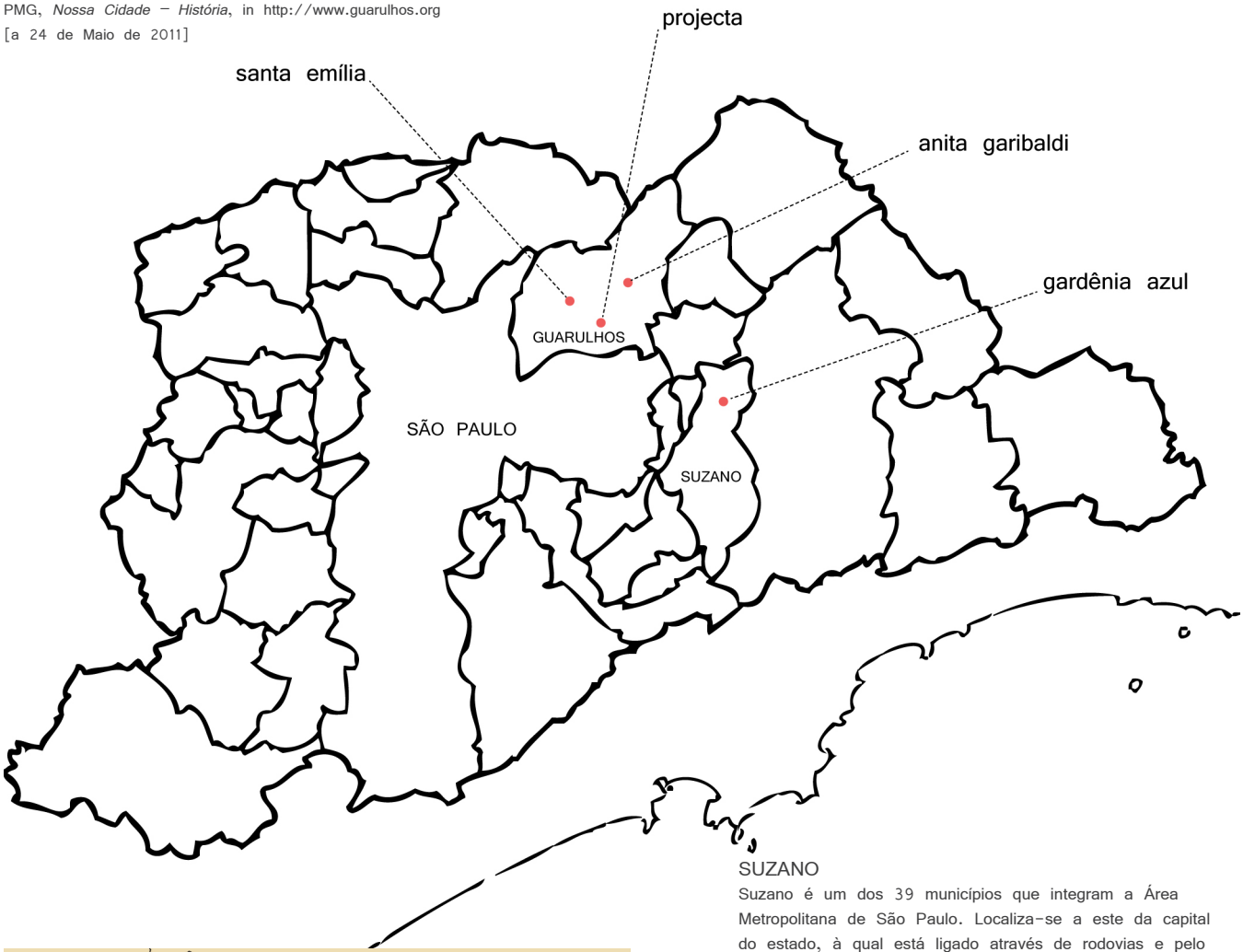
Localização do Estado de São Paulo e da Região Metropolitana de São Paulo

CASOS DE ESTUDO

GUARULHOS

A fundação de Guarulhos data de 1560. O povoado com origem num aldeamento dos índios Guarus, foi-se desenvolvendo em diferentes áreas de produção ao longo do tempo.
O primeiro interesse sobre a região adveio da exploração mineira. Mais tarde, e através da utilização de mão-de-obra escrava, intensificou-se a produção agrícola e pecuária.
No início do séc. XX, foram construídas e melhoradas as redes de transporte (estradas e caminho de ferro), energia elétrica, telefone e emitidas licenças para o funcionamento de indústrias.
Hoje a atividade industrial é a principal atividade desenvolvida.
A cidade é conhecida como a principal satélite de São Paulo, mantendo uma forte ligação com a capital, sobretudo devido à localização do Aeroporto Internacional de Guarulhos.

PMG, *Nossa Cidade – História*, in http://www.guarulhos.org [a 24 de Maio de 2011]





SUZANO

Suzano é um dos 39 municípios que integram a Área Metropolitana de São Paulo. Localiza-se a este da capital do estado, à qual está ligado através de rodovias e pelo acesso ferroviário da linha São Paulo - Rio de Janeiro. Pelo município passam ainda os rios Rio Tietê, Una, Guaió e Taiaçupeba.
A rede de diferentes acessos foi um dos principais motivos de desenvolvimento da região. A fixação da população naquele local iniciou-se em meados do século XVII. Entretanto algumas fazendas foram fundadas e o caminho de ferro construído em 1870.
Com o crescimento abrupto da cidade e região de São Paulo, indústrias e empresas fixaram-se no local, atraídos pela facilidade de escoamento dos produtos. Atualmente a região destaca-se pela produção química e de papel.
Suzano é um dos municípios com o PIB (Produto Interno Bruto) mais alto da região, mas um dos mais pobres considerando a distribuição da riqueza pela população. Isto é reflexo das grandes diferenças sociais existentes.

IBGE, *Cidades@ – Suzano*, *Histórico*, in www.ibge.gov.br [a 1 de Julho de 2011]



favela Santa Emília
Divulgação UTPMP

Santa Emília

A intervenção de UTPMP-Brasil no assentamento informal localizado no Jardim Santa Emília do Município de Guarulhos resultou da indicação de um indivíduo, o "Spanhol".

Em 2008, conhecendo o trabalho de UTPMP, nomeadamente, a construção de habitações de emergência em comunidades carenciadas noutras comunidades de Guarulhos, contactou a Diretora Social da altura e comunicou a necessidade naquela comunidade.

Caracterização espacial

Não existem grandes relatos sobre o momento e motivo da invasão daquele território. Nas imagens disponibilizadas no Google Earth, apercebemo-nos da criação da comunidade entre 2005 e 2008, apesar de se verificar uma ocupação anterior à atual.

O território está integrado na subdivisão administrativa da Bela Vista[29], localizado numa zona central do município, a oeste do Aeroporto Internacional, inserido na Zona Aeroportuária – ZA. Segundo o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, Económico e Social do Município de Guarulhos. De acordo com o **Projeto de Lei nº 113/2006**, as diretrizes para a construção nesta região são:

Capítulo IV – DO ZONEAMENTO E DA DISCIPLINA DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO
Seção I – DAS ZONAS DE USO
Art. 39. As Zonas Aeroportuárias – ZA compreendem a área do Aeroporto Internacional de Guarulhos e seu entorno, que requer tratamento diferenciado quanto à sua ocupação e instalação de usos visando à contenção da densidade populacional.

29 Em 1940 esse território tratava-se duma fazenda de uma das famílias mais ricas de Guarulhos. Com a morte do progenitor, o território foi loteado pelos filhos, de que resultaram 8 lotes, um dos quais o Jardim Santa Emília. O terreno, que tinha vocação agrícola, foi, com a crescente urbanização, invadido progressivamente por loteamentos, o que poluiu a distribuição de água natural. Desde então, Guarulhos e o Jardim Santa Emília são territórios onde existem diferentes funções: habitação, indústria, comércio e serviços. (SHIBUYA, Dirce M., *Nosso Bairro – Bela Vista*, in http://www.educarede.org.br [a 23 de Maio 2011])

ZONA AEROPORTUÁRIA - ZA			LOTE MÍNIMO (em m²)	FRENTE MÍNIMA (em metros)	COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO	TAXA DE OCUPAÇÃO	RECUOS MÍNIMOS (em metros)					
							FRENTE		FUNDOS		LATERAIS	
					CA	VOLUME	VOLUME INFERIOR até 9,0m de altura	VOLUME SUPERIOR acima de 9,0m de altura	VOLUME INFERIOR até 9,0m de altura	VOLUME SUPERIOR acima de 9,0m de altura	VOLUME INFERIOR até 9,0m de altura	VOLUME SUPERIOR acima de 9,0m de altura
NÃO RESIDENCIAL - NR	C - Comércio - isoladamente ou em condomínio		250	10	2,5	0,8	5	5	3	3,0 (1)	0	3,0 (1)
	S - Prestação de Serviços - isoladamente ou em condomínio		250	10	2,5	0,8	5	5	3	3,0 (1)	0	3,0 (1)
	Aeroporto		PARÂMETROS E ÍNDICES DEFINIDOS CASO A CASO PELO CMDU			PARÂMETROS E ÍNDICES DEFINIDOS CASO A CASO PELO CMDU						
	Industrial-isoladamente ou em condomínio (2)	I1	250	10	2,5	0,8	5	5	3	3,0 (1)	1,5 de ambos os lados	3,0 (1)

1 - Os recuos laterais de ambos os lados e de fundo no volume superior serão dados pela fórmula: R = (H - 6) / 10 respeitado, o mínimo de 3,0m, onde:
R = recuos laterais de ambos os lados e fundo no volume superior;
H = altura total da edificação.
2 - Na Zona Aeroportuária são permitidos os tipos de indústrias nos termos da legislação estadual pertinente.

30 Dados UTPMP-Brasil

Nas imediações localiza-se uma feira de ocorrência semanal. Encontram-se também alguns equipamentos, entre eles, escolas e um grande edíficio dos serviços de distribuição de água local.

O assentamento não está em contacto direto com ruas pavimentadas, sendo esta, provavelmente, uma das causas da sua origem. Tratando-se de um terreno vazio e relativamente escondido, os invasores devem ter construído os seus abrigos pressupondo uma menor probabilidade de denúncia às autoridades e consequente remoção.

A favela do Jardim Santa Emília não é uma grande comunidade, constatando-se que estão construídos aproximadamente 100 barracos de madeira. Supondo uma invasão não programada e progressiva do terreno que se encontrava abandonado, uma parte desta ocupação encontra-se sobre terreno privado e outra sobre um terreno público, não existindo referência da correspondência de cada uma das partes.[30]

A sua inserção numa malha já definida e urbanizada disponibiliza aos seus moradores os mesmos recursos utilizados pelos seus vizinhos "legais", com a excepção da acessibilidade viária. Na proximidade existem padarias, cafés, mercados, escolas, o acesso a transportes públicos, entre outros serviços. Para além do acesso ao comércio, os moradores da favela têm acesso facilitado, em termos de proximidade, ao mercado de trabalho. No entanto, a ilegalidade da sua moradia é um grande obstáculo para a obtenção de emprego fixo e formal.



fotografia aérea 2002



fotografia aérea 2005



fotografia aérea 2009



fotografia aérea favela Santa Emília 2009
fonte: google earth



pormenor fotografia aérea favela Santa Emília 2009
fonte: google earth

O Santa Emília ocupa um pequeno vale mas não está numa situação de risco de desmoronar ou alagar. No entanto, algumas das casas foram construídas em zonas de grande declive e outras sofrem infiltrações pela proximidade às duas linhas de água que passam no terreno. A forma afunilada e a localização de difícil acesso podem tratar-se de algumas das justificações para o seu abandono e consequente ocupação ilegal.

Há casas construídas em terrenos mais nivelados, quer na zona mais elevada como na parte baixa do assentamento. As condições físicas do terreno funcionam simultaneamente como proteção e agravamento das agressões naturais, no caso do vento e da chuva. Na ocorrência de pluviosidade, o percurso da água das chuvas é feito pelo meio das construções, junto com as escoadas das habitações, por não haver qualquer tipo de canalização. As duas linhas de água existentes transformam-se em esgotos a céu aberto, o que é problemático para a saúde das pessoas e para o meio ambiente.

As construções distribuem-se principalmente ao longo de duas vias que cortam o terreno longitudinalmente. Estas vias, que não são regulares, são cortadas ocasionalmente por perpendiculares e o seu percurso desviado. Esta disposição e a largura das mesmas, aproximadamente 1,5 metros, impossibilitam a sua completa visualização de qualquer dos seus pontos, dando-lhes um aspeto labiríntico. Estas características funcionam como uma forma de proteção dos moradores da favela, sobretudo para as situações ilícitas, nomeadamente tráfico de drogas. As duas únicas entradas na comunidade situam-se na sua parte superior, mas, como o terreno não é vedado, a fuga da área pode ser feita por vários lugares, apesar da dificuldade física imposta pelo terreno e pelas construções.

Não existem espaços públicos tradicionais como praças ou largos, reunindo-se os moradores nos cruzamentos das vias de circulação e num espaço comercial precário semelhante a um bar, situado no centro da favela.

Na primeira visita, os voluntários identificaram esta comunidade como apropriada ao trabalho da ONG. As casas, com cerca de 25 m^2, densamente construídas e erguidas diretamente sobre a terra ou numa camada de cimento, eram maioritariamente em madeira e contraplacado, e as coberturas em retalhos de chapa metálica ou fibrocimento. A precariedade que caracterizava a comunidade colocava-a como ideal para a Construção de HEs.

Na visita foram igualmente identificadas as dificuldades físicas para a eventual realização duma Construção. Os diminutos espaços de circulação no interior da favela e a inacessibilidade de veículos dificultavam a distribuição dos materiais, ao passo que a possibilidade de alagamento de alguns terrenos e o desnível acentuado de outros poderiam dificultar a execução das fundações das HEs a construir.

Caracterização social

Na primeira visita, os voluntários estimaram a existência de aproximadamente 100 barracos e cerca de 450 moradores, por informação do líder local, "Spanhol".

Este tratava-se de um dirigente de um projeto social de intervenção ativa na comunidade, figura de referência para a maioria dos moradores, apesar de não ter residência na mesma, deslocando-se ali aos fins-de-semana.

O seu relacionamento e interesse em ajudar os habitantes e a comunidade não era muito claro para os voluntários de UTPMP. Contudo, como figura de referência conhecia bem o dia-a-dia da comunidade e dos seus moradores, o que o tornava numa fonte de informação privilegiada para obtenção de informações úteis para o processo, tendo os responsáveis de UTPMP compreendido que a sua captação como colaborador do projeto era imprescindível para a aproximação às famílias e uma mais-valia no sucesso da intervenção. A atuação do seu projeto passava pela reunião periódica com os moradores, angariação de recursos, financeiros e materiais, com os quais promovia acções de melhoria da comunidade, de que se destacava a implementação de postos de distribuição de electricidade, a tubulação dos esgotos, a doação de materiais para melhoria ou construção de algumas das habitações, e também a organização de eventos comunitários, como por exemplo, lanches para as crianças.

Depois de compreender a forma de trabalhar de UTPMP e os objectivos visados, o próprio acompanhou os voluntários à comunidade na primeira visita. Na zona mais elevada da favela a circulação fazia-se livremente, no entanto, para a deslocação à zona mais baixa, foi necessária a autorização do "chefe" de tráfico de droga no local. Esta era uma atividade presente e florescente no bairro sobretudo naquela zona do terreno, onde as vias eram mais apertadas, ainda mais labirínticas e o ambiente pesado, o que foi sentido pelos voluntários.

Aí localiza-se a "boca[31]". Contudo, esta atividade envolvia poucos moradores e influenciava apenas uma parte da favela.

O cuidado para lidar com este tipo de situações é constante no trabalho da ONG. No entanto, a sua existência na comunidade não é, por si só, um impedimento para a intervenção dos universitários. Esta realidade não pode ser julgada como um fenómeno isolado. Apesar dos preconceitos associados, a grande maioria dos moradores dos assentamentos informais não tem um envolvimento direto com o tráfico, sabendo da sua existência e reconhecendo o poder e liderança inerentes aos envolvidos. Na maior parte dos casos, os traficantes reconhecem as melhorias que UTPMP propõe à comunidade, aceitando as suas atividades sem qualquer objeção.

Dados mais assertivos sobre a comunidade e os seus moradores, foram conseguidos depois da primeira Detecção no local realizada a 25 famílias.

A maioria das famílias entrevistadas estava na comunidade há menos de um ano. Para muitas delas, a fixação naquele território tinha sido desencadeada por um acontecimento pontual que as colocara numa situação de maior fragilidade (migração forçada, desemprego, impossibilidade de pagamento de um aluguer, desavenças familiares, separação do conjugue,...). À semelhança de outros assentamentos, a maioria das famílias encontrava-se numa situação de grande precariedade.

A escolha daquele local específico para estabelecer moradia era direcionada por vias diversas, entre as quais a indicação de alguém próximo que conhecia um terreno livre para ser ocupado. Constava-se que, inicialmente, as famílias iam ocupando o terreno conforme as zonas que encontravam livres. Porém, aquando da intervenção de UTPMP no Santa Emília, a rotatividade dos moradores funcionava de acordo com um negócio imobiliário ilegal e informal. As famílias que abandonavam a favela, ou alguém que assumia a sua posse, vendia o terreno com ou sem casa a outras interessadas. Apesar das condições

31 Boca (informal) – local de tráfico ilegal de drogas. São pontos específicos, muitas vezes escondidos em favelas ou bairros pobres. Estes locais respondem a uma organização mínima e funcionam como um comércio onde a preocupação dos envolvidos é a receção, preparação e venda dos estupefacientes, assim como a proteção das autoridades ou de outros traficantes.



favela Santa Emília, com construções do bairro formal ao fundo
Divulgação UTPMP

miseráveis, a compra de um terreno ou uma casa nestas condições aparentava ser a única solução possível para uma família em situação de precariedade.

No geral as famílias eram jovens, existindo bastantes monoparentais. Tratando-se de casal, era habitual uma relação conjugal não formalizada. A partilha do mesmo espaço por mais do que um núcleo familiar também era uma característica comum. A maioria dos chefes de família visitados era mulher, habitualmente, o elemento estável no caso de existirem crianças, sendo as famílias quase sempre numerosas, com mais de 3 filhos menores.

As ocupações laborais dos moradores do Santa Emília situavam-se sobretudo no plano informal: trabalhadores ocasionais, vendedores ambulantes, desempregados, domésticas. Algumas famílias recebiam apoios financeiros estaduais, o que habitualmente tratava-se do único rendimento fixo.

Para a primeira intervenção de UTPMP na comunidade, foram selecionadas 12 das 25 famílias inquiridas. A primeira construção na favela do Jardim Santa Emília realizou-se em Janeiro de 2009, durante 6 dias, com cerca de 50 voluntários. Esta foi também a minha primeira Construção.

Intervenção UTPMP

A primeira Construção de 2009 de UTPMP-Brasil foi organizada no período de interrupção letiva de Verão[32] de 12 a 18 de Janeiro, e destinou-se a universitários. Sem atividades académicas, os jovens poderiam disponibilizar os 6 dias previstos para a Construção. Esta duração, que requeria o dobro do tempo habitual, englobava a construção de duas HE por cada equipa de voluntários, destinadas a duas famílias na mesma comunidade.

Desde a primeira intervenção em São Paulo em 2006, esta foi a maior actividade desenvolvida pela ONG em território brasileiro. No início de 2009, UTPMP-Brasil ainda estava a dar os primeiros passos na sua consolidação, não sendo uma ONG conhecida, muito menos reconhecida. Isso refletiu-se no número de voluntários angariados para a Construção, muito aquém do necessário para a regular realização da mesma. Participaram cerca de 100 universitários de diferentes formações académicas, distribuídos por duas comunidades de Guarulhos, popularmente conhecidas entre os voluntários como o Santa Emília e o Anita (caso de estudo 2).

A deslocação para as imediações do local da Construção deu-se no dia anterior ao início dos trabalhos. Cada grupo, de cerca de 50 voluntários, ficou instalado em escolas públicas nas proximidades da respetiva comunidade.

Inserida no grupo que se deslocara para as imediações do Santa Emília, fomos recebidos pelo *staff* da Construção que já se encontrava no local de alojamento. Depois de uma breve apresentação geral sobre UTPMP, da actividade em si e dos elementos do *staff*, os voluntários foram distribuídos pelas equipas, cujos líderes já estavam designados.

Devido à fraca adesão e consequente reduzido número de voluntários, cada equipa era constituída pela dupla de líderes e mais 4 ou 5 voluntários. Os mesmos líderes transmitiram, nessa noite e através duma conversa informal, a filosofia do trabalho de UTPMP, a partilha de experiências anteriores e

32 Situado no Hemisfério Sul, o Brasil organiza o ano letivo no período de Fevereiro a Dezembro. O ensino universitário funciona semestralmente com interrupções bi-anuais em Janeiro e Julho.



entrada da favela Santa Emília
Divulgação UTPMP

abordaram os receios naturais dos voluntários inexperientes acerca da favela, procurando tirar todas as dúvidas.

O dia seguinte começou com as primeiras noções técnicas sobre a Construção - reconhecimento do terreno, colocação dos pilotis e estrutura do piso - lecionadas pela dupla de monitores. Conhecimentos que seriam aprofundados *in loco*, pelos líderes de equipa, monitores e voluntários mais experientes, durante o dia de construção.

Foram também apresentadas as respetivas famílias, que a maioria conheceria à chegada ao local.

A construção da primeira HE de que fiz parte destinou-se a uma família constituída por uma mãe de 7 filhos, todos de diferentes pais, com idades entre os 16 e os 2 anos. A matriarca tinha 34 anos de idade e vivia há 4 anos com o companheiro de 26 anos, pai do filho mais novo, porteiro num edifício na cidade de Guarulhos.

Estavam na comunidade há menos de um ano. Moravam naquela habitação em consequência do desabamento, causado pela chuva, da anterior moradia noutra comunidade. A escolha pela situação de ilegalidade advinha da falta de meios para pagar um aluguer no sistema formal. Ela estava desempregada, mas as suas limitações físicas (cega de um olho) dificultavam as possibilidades de empregabilidade, realizando ocasionalmente trabalhos temporários como costureira ou empregada doméstica. Ao todo a família contava com um rendimento mensal fixo, R$ 527, uma ajuda estadual, R$ 122, e esporádicos rendimentos ocasionais para sustentar os 9 elementos.

A habitação localizava-se na zona alta do terreno, próxima das entradas na favela, num entroncamento, zona de passagem obrigatória na entrada e saída da comunidade. Em termos construtivos, a casa tinha o chão cimentado, as paredes de tijolo e o telhado construído com telhas cerâmicas. No entanto, as áreas eram muito reduzidas, apenas 10 m^2, com duas divisões a funcionarem

como cozinha e quarto e uma pequena casa de banho. A relativa proximidade da moradia de um familiar do elemento masculino possibilitava que alguns elementos do agregado ali fossem dormir. Alguns animais peçonhentos entravam em casa e as crianças já tinham sido mordidas por escorpiões.

No terreno em frente à habitação, a família dispunha de espaço livre com dimensões aproximadas de: 5,50 x 3 m. Este seria o espaço disponível para a construção da HE, considerando a demolição duma das paredes limites do referido terreno.

À chegada ao local, constatámos que a parede não fora removida, conforme acordado na visita de Designação. A família tinha sido avisada que isso inviabilizaria a construção da HE. No entanto, convencidos que o espaço disponibilizado seria o suficiente para a edificação da nova casa, o elemento não fora removido.

Esta atitude tem de se compreender na ótica do impacto negativo inerente à destruição daquilo que representava, até então, o espaço conquistado individualmente ou pela família.

Situações deste género eram recorrentes, sobretudo nas primeiras atuações da ONG nas favelas. A disponibilização dum espaço externo à habitação existente, por vezes maior que a própria casa, parece à família suficiente. Por desconhecimento, esta acha que a habitação construída por UTPMP pode ser ajustada às dimensões da área disponibilizada, analogamente ao sistema de auto-construção que lhes é familiar, mas a mesma não pode ser ajustada no momento da construção, pelas características inerentes à pré-fabricação.

Iniciar a atividade com a demolição, mesmo que dum elemento frágil, como o caso desta divisória, pode influenciar negativamente a relação dos voluntários com a família e consequentemente, da comunidade com a ONG.

Na evolução do trabalho de UTPMP-Brasil concluiu-se que a ocorrência destes percalços na altura da construção diminui tanto mais quanto melhor





contrução Santa Emília jan 09 fixação dos pilotis e percalsos Divulgação UTPMP

fosse o acompanhamento dado previamente à família. Este ponto era, na altura, uma das fragilidades de UTPMP-Brasil.

Atendendo às gritantes carências da família, foi decidido avançar com os trabalhos. Apesar das iniciais reticências da família, acordou-se a necessidade de remoção da parede limite e o avanço de 10 cm da HE sobre o caminho comunitário.

Após os trabalhos de demolição, a equipa envolveu-se no reconhecimento do terreno e nos preparativos da instalação das estruturas de suporte. Como o terreno disponibilizado tinha dimensões aproximadas às dimensões da HE, a colocação dos pilotis teria de ser muito rigorosa. Para além da inserção no terreno, procurando não sobrepor em demasia o caminho comunitário, e ainda um ligeiro afastamento da moradia já existente, era necessário prever o espaço de acesso à HE.

O reconhecimento do terreno é determinante para a escolha do tamanho dos pilotis a utilizar nos seus diferentes pontos. A necessidade de sobreposição da HE à via contígua aumentava inesperadamente a diferença de cotas do terreno. Esta construção necessitava de 3 pilotis de 2,50 m de altura, para um dos lados de 3 metros de largura. Como os materiais são cortados previamente em carpintaria, inclusive os pilotis com as medidas indicadas pela equipa de logística, essas devem ser as ideais para a utilização no primeiro dia da construção. No entanto, a existência da parede limite do terreno, na altura da realização da enquete e levantamento do terreno tinha impedido uma correta averiguação do desnível total.

Dispúnhamos apenas de pilotis com, no máximo, 1,80 m de altura. Em casos de desadequação dos materiais, procura-se encontrar uma solução alternativa que assegure a estabilidade da construção, como a substituição dos pilotis de UTPMP por outras madeiras semelhantes encontradas na favela. Nesta HE a solução encontrada foi a utilização dos pilotis disponíveis,



contrução Santa Emília jan 09
colocação do piso sob aguaceiros
Divulgação UTPMP

reforçando-os através do travamento aos restantes. Na altura desconhecíamos se a solução era viável e segura, mas decidimos progredir a construção por falta de outras alternativas.

Esta dificuldade atrasou o trabalho do primeiro dia, pois tratavam-se dos pilotis que limitavam o retângulo de implantação da HE, os primeiros a fixar. O atraso tornou-se ainda maior no final do dia, quando, ao escavar um dos buracos para fixar outro piloti lateral, foi encontrada uma pedra com dimensões de cerca de 1 x 0,60 x 0,50 metros.

Como o buraco para fixar a fundação em questão necessitava de ter pelo menos o dobro da profundidade conseguida, a única solução era a retirada da grande pedra. A equipa não poderia realizar outra má fixação de piloti, arriscando a segurança da HE. A variação prevista para os três pilotis limites era já risco suficiente. Consequentemente terminámos o primeiro dia com apenas 6 dos 15 pilotis colocados, muito aquém do esperado, todos os pilotis e a instalação da estrutura do piso.

Neste dia a família pouco participara da atividade. A chefe de família mantinha uma atitude de espectadora, provavelmente resultado do início atribulado, e da falta de compreensão sobre as primeiras etapas da Construção, o que dificultara a interação entre a família e os voluntários.

Nessa noite, nas conversas com as outras equipas, constatou-se em todas a existência de problemas de várias ordens, designadamente a necessidade de outras demolições, inclusive de habitações completas, e trabalhos em terrenos completamente alagados pela proximidade com linhas de água e fossas não tratadas, o que provocara atrasos generalizados.

O segundo dia iniciou-se com formação técnica dada pelos monitores, a incidir sobre a colocação do piso e dos painéis da HE. Devido aos problemas do primeiro dia, os voluntários de quase todas as equipas tinham de fazer um esforço redobrado para concluírem os trabalhos dentro do prazo previsto.





contrução Santa Emília jan 09
estrutura do telhado e vista da janela
Divulgação UTPMP

A agravar a situação de atraso, cada equipa teve de disponibilizar um elemento para ajudar a equipa de logística a transportar os painéis, que chegariam nesse dia à favela num camião. Foram também entregues os painéis destinados à construção do segundo grupo de HE nos últimos 3 dias da atividade. Estes permaneceram numa das entradas da comunidade até à sua utilização.

Apesar dos contratempos, agravados com a ocorrência de aguaceiros, o ânimo dos voluntários não esmoreceu. E a equipa da qual fazia parte tinha conseguido colocar todo o piso antes do final do dia de trabalho.

Face a este desenvolvimento, constatou-se também uma maior participação da matriarca da família. A evolução da construção e a sua visualização têm, neste âmbito, um impacto positivo nos moradores. De facto constatava-se uma progressiva mudança de atitude com o avanço dos trabalhos. A realização do estrado que constitui o piso da casa concretiza a noção de que algo vai realmente surgir e induz melhorias na colaboração dos moradores mais reticentes e motivação na equipa de trabalho.

No final do dia, os aguaceiros tinham aumentado de intensidade, e no debate sobre os acontecimentos diários, lamentou-se a situação das famílias que se encontravam sem abrigo devido à demolição das suas habitações, e de todas as outras em situação de precariedade. Situação habitualmente agravada pelas condições climatéricas como as sentidas naquela noite.

Para o terceiro dia, a equipa da qual fazia parte, tinha de fixar os painéis, construir a estrutura de suporte do telhado, colocar as telhas de fibrocimento, porta e janelas da HE. A cobertura requeria cuidados acrescidos, não só devido ao risco das telhas partirem com a eminente chuva, mas também por causa do declive do terreno, que somada à altura da habitação, introduzia insegurança na montagem do telhado. Felizmente não ocorreram incidentes o que possibilitou a regular conclusão da HE, e ainda a disponibilização dos voluntários da equipa na ajuda a outras mais atrasadas.

Durante a construção e, sobretudo na resolução dos problemas que foram surgindo, compreendi a importância da adequada liderança da equipa. De facto a dupla de líderes responsáveis pela minha tiveram, em tudo, uma postura que contribuiu para levar a bom termo o que a ONG se propunha.

Em termos operativos, enquanto um orientava uma atividade o outro explicava o que acontecia, preocupando-se o primeiro com a rápida e correcta execução dos trabalhos e o segundo, através de pausas introduzidas de tempos a tempos, com a reflexão e explicação sobre o procedimento a realizar. Isto fazia com que os inexperientes (como o meu caso) apreendessem e praticassem a melhor forma de construir uma HE. Por outro lado havia neles a constante preocupação com o relacionamento entre os voluntários e a família beneficiada, promovendo a participação da última nos trabalhos e a constante inter-relação entre todos.

No término do dia foi feito o ponto da situação de todas as HE da primeira fase e programou-se a segunda fase de construção para os três dias restantes. Houve necessidade de reajustamento das equipas face à incapacidade de todos os elementos de uma delas terem contraído uma virose. Esta supôs-se que tivesse origem num esgoto a céu aberto que tinha alagado o terreno da construção da HE. Para colmatar esta situação todas as outras equipas cederam um elemento para constituir uma nova equipa e assim construir as 6 restantes HEs.

A construção da segunda HE, a cargo da equipa onde me integrava, destinou-se a outra família igualmente em situação de precariedade. Tratava-se deum pequeno núcleo familiar, um casal com uma filha de 3 anos. A mãe, de 19 anos, encontrava-se desempregada. O único rendimento familiar derivava de alguns trabalhos temporários realizados pelo elemento masculino, de 26 anos. A família aparentava, contudo, ser bem estruturada. Na enquete realizada tinham referido a vontade de juntar ao agregado um quarto elemento, filho de





contrução Santa Emília jan 09 fixação dos pilotis e percalsos Divulgação UTPMP

um dos progenitores duma anterior relação, mas que as limitações espaciais não permitiam até então.

A família vivia naquele lugar há mais de um ano. A casa tinha aproximadamente 28 m^2 situava-se numa das entradas da comunidade (a única com acesso viário). Contava com três divisões interiores: uma cozinha/sala, um quarto e uma casa de banho. O chão era em parte cimentado. Os grandes problemas da habitação estavam nas paredes em madeira e contraplacado, sem revestimento, com frestas e infiltrações, e no teto em retalhos de telhas, com algumas goteiras. As infiltrações e falta de ventilação mantinham o ambiente interior permanentemente húmido e bafiento, o que provocava problemas respiratórios, sobretudo na filha do casal. A habitação dispunha dos serviços de eletricidade, água e escoamento de esgotos, existentes na comunidade, ainda que ilegais e irregulares.

Para a construção da HE, a família disponibilizara a parte do terreno onde na altura se situava a sala/cozinha. Isto previa a demolição parcial da habitação. A família utilizaria a HE a construir como moradia única, aglutinando posteriormente a casa de banho, já construída.

Dado o rendimento familiar ser insuficiente para suportar a "compra" da HE, foi feito o seguinte acordo: a família auxiliaria a confeção das refeições dos voluntários realizadas nas 6 noites passadas na escola, diminuindo o valor cobrado.

Até à data, UTPMP-Brasil cobrava às famílias beneficiárias 10% do valor comercial da HE. Depois da Construção de Janeiro 2009, compreendendo o panorama das famílias realmente carenciadas brasileiras, este valor foi reduzido para 5% do valor comercial, sendo cobrado desde então R$ 150.

Nesta construção, o principal problema técnico relacionou-se com a canalização existente no terreno que servia a habitação e as circundantes. A sua localização interferia com a adequada implantação dos pilotis. Foi necessário o cuidadoso desvio das tubulações, prevenindo o seu rompimento, tarefa difícil





contrução Santa Emília jan 09 estrutura do telhado, intervenção dos moradores
Divulgação UTPMP

por se desconhecer o seu exato percurso. No caso duma interferência grave naquelas tubulações, isso poderia implicar o corte geral do fornecimento da água do bairro, não só a favela, mas das habitações vizinhas.

A HE foi, no entanto, concluída sem que nenhum percalço tenha surgido. A facilidade desta construção deveu-se, sobretudo à participação ativa de todo o agregado familiar assim como dos vizinhos, que compensaram a falta de recursos humanos da ONG.

O mesmo resultado não foi, no entanto alcançado em todas as construções da segunda fase, voltando alguns elementos da ONG no dia seguinte à comunidade, para o seu término.

A visita de regresso à favela foi marcada 15 dias mais tarde. Esta visita marca o início do acompanhamento dado às famílias e revela aos voluntários participantes as primeiras transformações derivadas do trabalho que desenvolveram.

A primeira família para a qual construíra não aparentava grandes mudanças. A mãe mantinha a mesma postura de distanciamento relativamente aos voluntários. As crianças, contudo mostravam grande entusiasmo e alegria por voltarem a contactar com os elementos da equipa e por poderem usufruir dum espaço só delas. A nova casa servia como dormitório de todos e espaço privilegiado para brincadeiras, anteriormente inexistente.

A reação da segunda família foi de total acolhimento. No seguimento da Construção, a relação, quase familiar, criada entre as duas partes manteve-se e prolongou-se depois do regresso à favela.

A família tinha-se apropriado e adaptado o espaço habitacional da HE às suas necessidades. Interiormente, a HE estava dividida em cozinha/sala e quarto através duma parede construída pela família. Tinham também feito uma nova abertura, possibilitando a relação com o sanitário já existente.





contrução Santa Emília jan 09
crianças da comunidade
Divulgação UTPMP

Presenciar diferentes modos de utilização do mesmo espaço pelas diferentes famílias foi uma das primeiras lições adquiridas nesta minha experiência. Outra foi sem dúvida a melhoria direta na qualidade de vida das famílias, sobretudo na saúde, higiene e segurança relativas à habitação.

Os passos para a saída da situação de informalidade eram dados devagar, mas a aquisição da HE demonstrava ser um dos impulsos necessários, para muitas famílias atingirem esse objetivo.

Como já referido, UTPMP-Brasil atravessava um processo de reestruturação. Depois da Construção de Janeiro de 2009 a ONG só manteve actuação na comunidade onde a Construção foi realizada simultaneamente, no Anita Garibaldi.

No Santa Emília foram vários os fatores que dificultaram esta continuidade. Um deles foi a constante permuta das famílias na comunidade. Alguns moradores permaneciam por um curto período de tempo, o que influenciava a progressão da relação com a ONG. Outro foi a dificuldade do cumprimento do pagamento por parte de algumas famílias, acrescido ao reduzido número de recursos humanos de UTPMP-Brail na altura, o que dificultava o acompanhamento continuado à comunidade e respetivos moradores.

Em 2010, na maior Construção realizada por UTPMP-Brasil até ao momento, de 100 HE construídas em 5 dias, a ONG voltou ao Santa Emília e construiu para outras 14 famílias necessitadas. No conjunto das duas atuações de UTPMP na favela do Jardim Santa Emília foram realizadas 46 enquetes na comunidade e construídas 26 HE desde 2007.



favela Anita Garibaldi
Divulgação UTPMP

Anita Garibaldi

O primeiro contacto de UTPMP com a comunidade do Anita Garibaldi aconteceu na preparação da Construção de Verão de 2009. Na altura, a equipa de Detecção mobilizou-se na procura de potenciais comunidades para o desenvolvimento do trabalho de UTPMP.

Desta mobilização surgiram os contactos com o assentamento do Jardim Santa Emília e do Anita Garibaldi.

O Anita foi o primeiro assentamento informal que visitei durante a minha colaboração com UTPMP no Brasil. E apesar de ter visitado a comunidade noutras ocasiões e participado em inúmeras actividades aí desenvolvidas, participei apenas numa das 5 Construções aí realizadas em 2009.

Caracterização espacial

A grande quantidade de trabalho desenvolvido na comunidade deve-se a diversos fatores que a caracterizam. De sublinhar a dimensão e número de famílias, mas também as características físicas do assentamento com poucos impedimentos logísticos.

O assentamento humano Anita Garibaldi encontra-se numa colina no bairro do Bonsucesso, situado a este do Aeroporto Internacional de Guarulhos e, portanto, afastado da região central do município, Guarulhos.

Está inserido numa Zona de Uso Misto – C (ZM C) com as seguintes diretrizes para ocupação:

CAPÍTULO IV – DO ZONEAMENTO E DA DISCIPLINA DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

SEÇÃO I – DAS ZONAS DE USO

Art. 34. As Zonas de Uso Misto – ZM correspondem às áreas da cidade onde se pretende estimular a diversificação de usos com predominância residencial, subdividindo-se em:

III – ZM-C: Corresponde às áreas da cidade inseridas na Macrozona de Urbanização em Desenvolvimento e na Macrozona de Dinamização Económica e Urbana, caracterizadas pela proximidade das áreas de preservação ambiental, na qual se pretende a diversificação de usos, com densidade construtiva média.

ZONA MISTA C			LOTE MÍNIMO (em m²)	FRENTE MÍNIMA (em metros)	COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO	TAXA DE OCUPAÇÃO		RECUOS MÍNIMOS (em metros)					
								FRENTE		FUNDOS		LATERAIS	
					CA	VOLUME INFERIOR até 9,0m de altura	VOLUME SUPERIOR acima de 9,0m	VOLUME INFERIOR até 9,0m de altura	VOLUME SUPERIOR acima de 9,0m de altura	VOLUME INFERIOR até 9,0m de altura	VOLUME SUPERIOR acima de 9,0m de altura (1)	VOLUME INFERIOR até 9,0m de altura	VOLUME SUPERIOR acima de 9,0m de altura (1)
RESIDENCIAL – R	R1- uma unidade habitacional por lote - casas isoladas		125	5	1,5	0,7	0,7	5	5	2	3 (2)	0	3,0 (2)
	R2 - conjunto de duas ou mais unidades habitacionais agrupadas horizontalmente e/ou superpostas (1)		125	5	1,5	0,7	0,7	5	5	2	3 (2)	0 (3)	
	R3 - aquele constituído em condomínio por duas ou mais unidades habitacionais agrupadas horizontalmente e/ou superpostas	R3 - Vila (1)	125	5	1,5	0,5	0,5	5	5	2	3 (2)	0	3,0 (2)
		R3-Horizontal	125	5	1,5	0,5	0,5	5	5	2	3 (2)	0	3,0 (2)
	R4 - aquele constituído em condomínio por mais de duas unidades habitacionais agrupadas verticalmente	Edifício residencial	500	10	1,5	0,7	0,5	5	5	3	3 (2)	0	3,0 (2)
		Conjunto residencial vertical	500	10	1,5	0,7	0,5	5	5	3	3 (2)	0	3,0 (2)
NÃO RESIDENCIAL – NR	C - Comércio (4) - isoladamente ou em condomínio		125	5	1,5	0,8	0,8	5	5	3	3 (2)	0	3,0 (2)
	S - Prestação de Serviços (4) - isoladamente ou em condomínio		125	5	1,5	0,8	0,8	5	5	3	3 (2)	0	3,0 (2)
	Industrial - isoladamente ou em condomínio	I1	250	10	1,5	0,8	0,8	5	5	3	3 (2)	1,5 de ambos os lados	3,0 (2)

1 - Ver quota mínima de terreno por unidade habitacional no § 1º do artigo 57 e § 2º do artigo 58.
2 - Os recuos laterais de ambos os lados e de fundo no volume superior serão dados pela fórmula: R = (H - 6) / 10, respeitado o mínimo de 3,0m, onde:
R = recuos laterais de ambos os lados e fundo no volume superior;
H = altura total da edificação.
3 - O conjunto de casas agrupadas horizontalmente deverá respeitar recuos laterais mínimos de 1,50m de ambos os lados, junto às divisas do lote.
4 - Na Zona Mista C não são permitidas as categorias C4 e S4 - ver Anexos 15 e 16 - Atividades Comerciais e de Prestação de Serviços.

A envolvente é de facto uma zona ocupada por usos mistos, com uma grande percentagem habitacional, algumas indústrias e empresas de comércio e serviços localizam-se nas proximidades, existindo também várias escolas. O assentamento está próximo da Rodovia Presidente Dutra, e é de fácil acessibilidade viária. Passam pela zona algumas linhas de autocarros, único transporte público na região.

Várias ocupações ilegais da área metropolitana de São Paulo estão identificadas como áreas de Favela no Atlas da Ocupação e Uso do Solo de 2006. A zona de ocupação do Anita, no entanto, é identificada por áreas diferenciadas, todas de vegetação, apesar de a ocupação estar consolidada e a invasão ter ocorrido em 2001.

Ao contrário doutras ocupações e assentamentos humanos informais, o Anita tem uma aparência organizada, com lotes, ruas e praças definidos num sistema ortogonal, em resultado da história da ocupação do seu território. A invasão data de 2001, quando um grupo de pessoas liderado pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST)[33], ocuparam um terreno abandonado, de 113 hectares, para aí estabelecerem as suas moradias.[34]

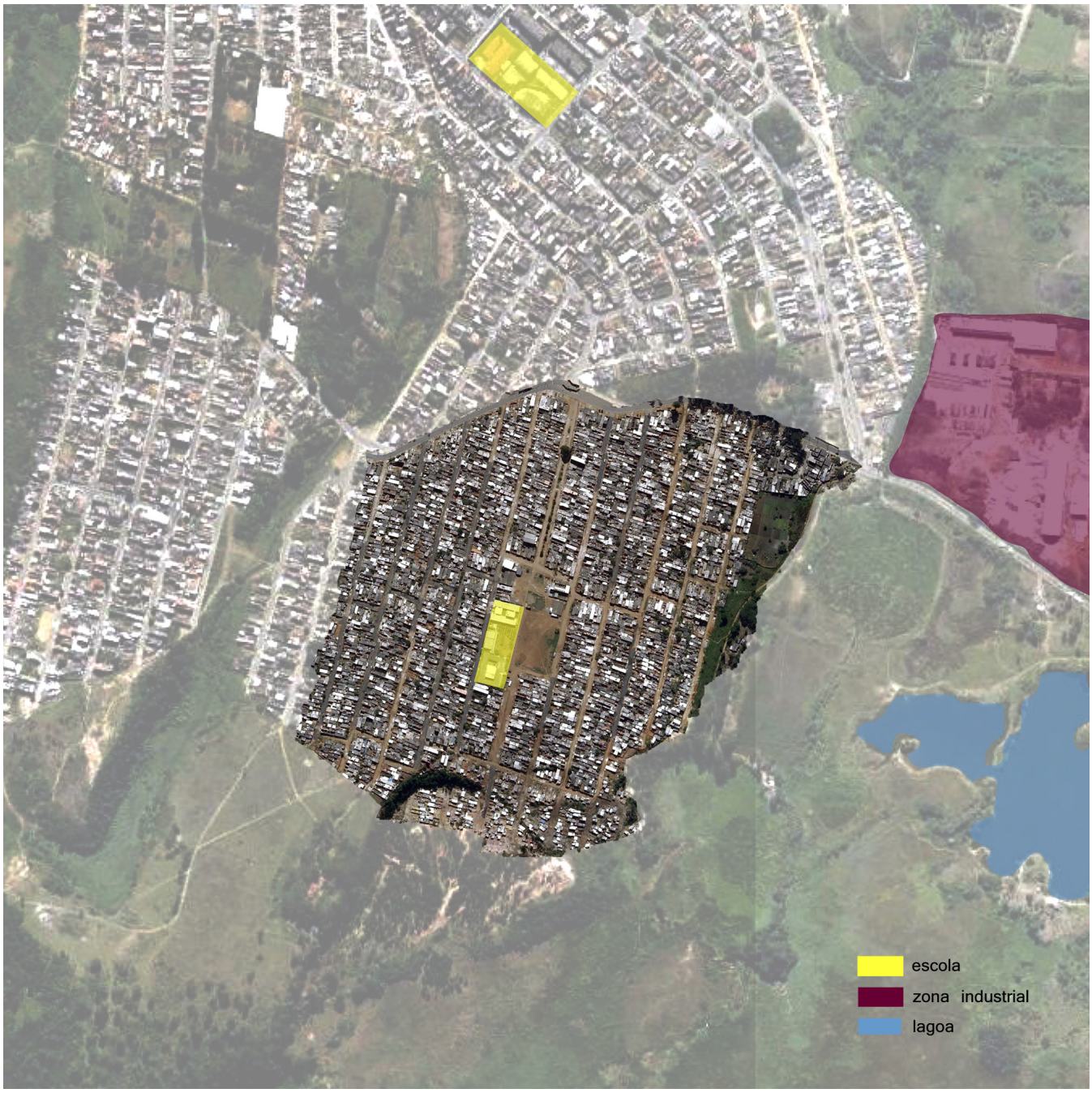
A ocupação teve como objetivo último a transformação daquele território num bairro formal, solução para inúmeras famílias que até então não tinham casa ou quaisquer outras condições de habitação. Desde o início foi desencadeada uma longa luta física, e sobretudo judicial, que se prolonga até hoje.

Inicialmente, as 300 famílias que participaram da invasão viveram num acampamento em comunidade, com uma organização quase militar, vigiando e defendendo o terreno que reclamavam. Quando a possibilidade de expulsão diminuiu, a comunidade, auxiliada por um grupo de estudantes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP), iniciou a divisão e organização racional do terreno. Desenharam-se as ruas e os espaços livres, e por fim os lotes para habitação, pressupondo a futura regularização e urbanização da área. [35]

33 MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem Teto é um movimento brasileiro de carácter social, político e popular. Surgiu em 1997 "da necessidade de organizar a reforma urbana e garantir moradia a todos os cidadãos além de lutar por um modelo de cidade mais justa". A sua forma de actuação é, sobretudo, através da ocupação de terrenos urbanos vazios, com recurso a acampamentos improvisados de um grande grupo de pessoas. in *Quem Somos* www.mtst.org [em 2011/06/04]

34 in *O ASSENTAMENTO ANITA GARIBALDI: ENTREVISTA COM O MTST*, www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista [em 2011/06/04]

35 idem



fotografia aérea favela Anita Garibaldi 2009
fonte: google earth



pormenor fotografia aérea favela Anita Garibaldi 2009
fonte: google earth

As ruas têm 6 metros de largura e são dispostas paralela e perpendicularmente umas em relação às outras, formando quarteirões regulares, todos os lotes o mesmo desenho retangular com dimensões de 20 por 5 metros. Esta disposição e formato promovem a igualdade entre os moradores e uma densidade populacional pouco elevada.

Para a área central, a zona mais alta do morro, foi pensada a localização dos espaços comunitários servidos por uma avenida (de maior dimensão que as ruas e com separador central) que acede à rua formal e pavimentada. Atualmente existe ali um amplo espaço livre, utilizado como campo de jogos, e alguns edifícios com funções comunitárias como a sala de reuniões da associação dos moradores e uma escola primária.

Depois da segmentação e distribuição do terreno, outras famílias ocuparam as parcelas disponíveis. Todas as ocupações eram registadas na Associação de Moradores local. Hoje o Anita conta com mais de 3000 famílias[36]. No início as construções eram todas muito pobres, em madeira, cartão ou plástico. Isto traduzia a situação de precariedade das famílias, mas também o medo do investimento numa construção em materiais mais resistentes e mais caros, pois o risco de expulsão do terreno era eminente.

Em Novembro de 2008, data da minha primeira visita à comunidade, já existiam algumas construções em alvenaria com um ou dois pisos, sobretudo na zona central do terreno. O resto do edificado variava nos materiais construtivos, desde a chapa metálica, à madeira, plástico ou cartão. Cerca de 20% das habitações encontravam-se em situação de precariedade pior ou semelhante às encontradas no Santa Emília.

Neste tipo de habitações, o tamanho e distribuição dos compartimentos derivavam habitualmente da quantidade de pessoas que o habita. Verificava-se uma tentativa da separação dos espaços por atividade (zona de dormir com uma cama e zona comum - preparação de comida e de convívio familiar) por elementos físicos (uma parede) ou pela diferente localização num mesmo espaço. As instalações sanitárias, quando existiam, estavam numa zona periférica da habitação pela necessidade de relação com o sistema de escoamento (fossa direta não tratada). Os elementos de distribuição entre os

36 in *O ASSENTAMENTO ANITA GARIBALDI: ENTREVISTA COM O MTST*, www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista [em 2011/06/04]





favela Anita Garibaldi
arruamento tipo e campo de jogos
Divulgação UTPMP

espaços e sua separação, nomeadamente corredores e portas, eram sempre de medidas reduzidas, permitindo a circulação apenas a uma pessoa de cada vez.

Quando sobrava espaço exterior, algumas vezes era aproveitado para uma agricultura de subsistência (o que foi pensado pelo projeto dos estudantes da FAU), mas habitualmente era utilizado como espaço de armazenamento de materiais adquiridos ou coletados pelos moradores. Para esses espaços eram "projetados" o alargamento e a melhoria das instalações já construídas.

Independentemente do material ou forma do edificado, os limites dos lotes eram rigidamente respeitados pelos moradores que os marcavam com altas divisórias ou com as paredes das habitações. A implantação do edificado dentro do lote era da total responsabilidade do seu ocupante desde que os limites não fossem extrapolados, por isso existia uma grande variedade: construções que ocupavam a totalidade do lote, outras menores implantadas junto à rua, no fundo do lote, ou na zona central.

O terreno, pela sua situação de irregularidade, continuava sem infra-estruturas urbanas. Não existia rede de saneamento básico, sendo este maioritariamente resolvido através de fossas não tratadas em cada habitação, o que constitui uma solução perigosa e poluente. As ruas, não pavimentadas,









favela Anita Garibaldi
lotes, exemplo de habitações
(exterior e interior)
Divulgação UTPMP

eram, no entanto, ladeadas por valas pouco profundas por onde corria a água da chuva e a excedente do interior dos lotes. A água "canalizada", quando existia, era desviada da distribuição pública, através de sistemas manufacturados, ou extraída de furos. Ambas as soluções correm o risco de contaminação e são causa da propagação de doenças. A eletricidade usada nas habitações era também desviada da rede pública através dos chamados "puxadinhos" ou "gatos", de má execução, que frequentemente originam sobrecargas, curto-circuitos e acidentes perigosos nos executantes e utilizadores.

Numa tentativa de formalização do bairro e da cobrança dos serviços utilizados, os organismos públicos procuraram inserir a comunidade na rede formal de distribuição de água e luz. No entanto, vários moradores não tinham possibilidades financeiras para pagar, ou optavam por não o fazer, recorrendo às redes de distribuição alternativas, de risco, mas gratuitas.

Em relação às características com influência numa eventual realização de Construção de UTPMP, destacava-se o declive e as canalizações existentes nalguns lotes.



favela Anita Garibaldi
Anita II, acesso e construções
Divulgação UTPMP

Em 2008 iniciou-se um segundo assentamento, numa área próxima da primeira ocupação, o Anita II. As famílias que se fixavam eram igualmente registadas na Associação de Moradores e a distribuição dos loteamentos seguia, aparentemente, a mesma lógica da existente. Pela precariedade de todas as construções sem excepção (em madeira, cartão ou plástico, sobre a terra), o aspeto do conjunto era mais sujo e desorganizado.

A sua localização está na zona sul do Anita Garibaldi, uma área plana, mais baixa do que a comunidade já estruturada e próxima dum pequeno lago. Esta é uma zona com grande risco de inundação. O único acesso é realizado pelo meio do Anita Garibaldi, através duma via estreita, íngreme e em terra. A sua utilização viária é impossibilitada com a ocorrência de chuva.

Esta ocupação e restantes melhorias nas habitações surgiram apesar da proibição dos organismos públicos. Atualmente, o terreno encontra-se em situação de legalização e disputa judicial, por isso "congelado", e os moradores impedidos de realizarem qualquer alteração física, sob pena de perderem os seus direitos como futuros proprietários.

Processos deste tipo prolongam-se por vários anos e muitas vezes são esquecidos. Entretanto, as famílias vão sobrevivendo conforme e adaptando-se consoante as possibilidades.



favela Anita Garibaldi
família entrevistada na entrada do seu lote
Divulgação UTPMP

Caracterização social

Grande parte das informações adquiridas sobre o movimento de ocupação surgem da informação divulgada pela comunicação social da época. Em conversa, alguns moradores relatam os acontecimentos, mas sem grande especificidade nos dados referidos.

Em 2009 o Movimento, no seu âmbito político, já não tinha grande presença na comunidade e a Associação de Moradores, constituída no tempo da ocupação, já não funcionava como pólo centralizador e unificador da população residente. Provavelmente, isso era resultado da dimensão e dispersão do Anita.

Esta situação colocava dificuldades na obtenção de dados concretos e fidedignos sobre a comunidade, necessários ao êxito da intervenção. A juntar a isso existia pouca comunicação entre os moradores, em termos globais. As famílias moradoras na mesma rua contactavam entre si e reconheciam-se, mas o mesmo não acontecia em pontos opostos da comunidade, ou até entre moradores de duas ruas subsequentes.

Apesar da pouca influência da associação de moradores, a sua dirigente era respeitada e, dessa forma, uma das fontes privilegiadas de informação sobre o Anita. As apresentações e reuniões organizadas por UTPMP com os moradores aconteciam nas instalações da sede da associação.

Para além da "autorização" da dirgente da associação, os voluntários contactaram os líderes do tráfico local de droga, devido à sua influência, para explicação do projeto e melhorar a sua difusão e aceitação pela comunidade.

Foram realizadas 148 enquetes a famílias interessadas, que, apesar de representarem apenas 5% da população do Anita, traduzem uma amostra bastante exemplificativa da população em pior situação na comunidade.



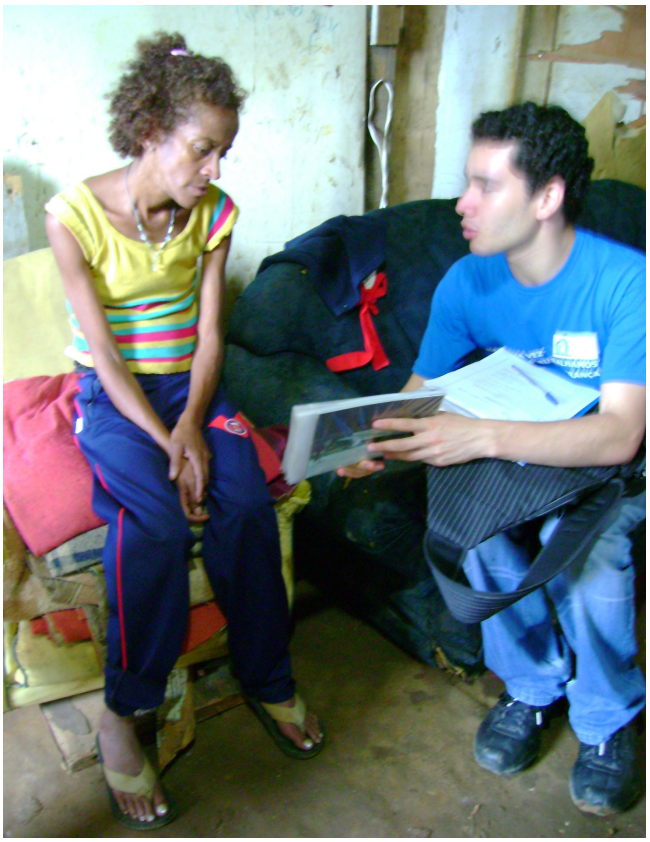
favela Anita Garibaldi
voluntários e família no interior duma habitação
Divulgação UTPMP

A maioria das famílias entrevistadas encontrava-se na comunidade desde a ocupação em 2001, fazendo parte das que tinham adquirido os seus lotes de forma gratuita, com a distribuição inicial. Na altura da invasão a única condição para manter a posse do lote era a sua ocupação imediata e a construção duma habitação.

Outras famílias tinham adquirido posteriormente o terreno, com ou sem construção, através da sua compra. Apesar de ativo, o negócio imobiliário não era muito claro. Provavelmente funcionaria desta forma: a família que ocupara o terreno em 2001 decidia o destino do seu lote (venda, empréstimo, cedência) caso saísse da comunidade.

Era comum a existência de mais de um núcleo familiar por lote e muitas famílias monoparentais, à semelhança doutras comunidades informais. Existiam também alguns moradores mais velhos a viverem sozinhos.

As ocupações laborais predominava no plano informal, mas também havia alguns casos de trabalho registado. Por toda a comunidade existiam pequenos negócios. Bares, mercearias, mas também o anúncio da prestação de serviços: mecânico, pedreiro, picheleiro, cabeleireira, costureira, etc. A atividade comercial estava mais concentrada na zona central da comunidade, com alguns estabelecimentos de maior dimensão e melhores condições (uma padaria, uma mercearia, uma drogaria, etc.).



favela Anita Garibaldi
voluntário e moradora da comunidade em conversa
Divulgação UTPMP

No centro do terreno tinha sido construída uma escola que UTPMP chegou a utilizar nas suas atividades. Apesar da sua localização central na comunidade, o edifício era limitado por altos muros, passando despercebido para os que desconheciam a sua existência.

Devido às suas características, a comunidade enquadrava-se no perfil necessário para o início duma potencial e promissora relação com UTPMP. Apesar de não ser uma das comunidades com piores condições, muitas famílias eram extremamente carentes. O histórico de mobilização comunitária antevia a possibilidade de evolução para uma segunda fase de trabalho com a ONG – a Habilitação Social.

A dimensão da comunidade e o elevado número de famílias a envolver requeriam um processo demorado para obter a confiança dos moradores, com intervenções diferenciadas e a necessidade da presença constante da ONG no terreno.



favela Anita Garibaldi
voluntários na comunidade
Divulgação UTPMP

Intervenção UTPMP

A intervenção de UTPMP no Anita Garibaldi iniciou-se com a Construção de Verão de 2009, onde 12 famílias colaboraram com os voluntários da ONG na construção das suas HE.

O assentamento Anita Garibaldi foi a primeira comunidade informal que visitei, acompanhando umas das visitas de Designação das famílias para a referida atividade.

O grupo de voluntários que participava nesta ação não era muito grande, num total de dez. Deslocámo-nos para a comunidade numa tarde de sábado e visitámos algumas das famílias que beneficiariam da construção das HE.

O impacto da primeira impressão da comunidade não foi muito grande comparando com a imagem mental que tinha construído duma favela. À distância, o Anita assemelhava-se à restante paisagem que compunha a periferia de São Paulo. As ruas largas e os amplos espaços que percorríamos eram facilmente confundidos com qualquer bairro mais pobre duma cidade em desenvolvimento.

No entanto, nos lotes e habitações identificadas para a intervenção na comunidade era evidente a necessidade da intervenção da ONG. As três habitações em causa estavam construídas diretamente sobre o chão de terra, com paredes feitas de pedaços de madeira. Para tentar proteger a entrada de vento e de água, os moradores tapavam os buracos existentes com plásticos ou outros materiais impermeáveis e cobriam o chão com tapetes ou cartões. Por isso o ambiente dentro das moradias era húmido e abafado, origem de doenças, sobretudo respiratórias.

O tamanho das habitações variava, mas em todas elas os espaços de circulação eram diminutos, sem área suficiente para a entrada de todo o grupo, facto que favorecia o teor da conversa a ter com os moradores. A visita tinha como objetivo a explicação dos últimos requisitos para a construção, inclusive a aceitação dos tópicos indicados no Termo de Compromisso. Temas delicados





favela Anita Garibaldi
conversa entre voluntários e moradora, grupo de voluntários
Construção de Maio 2009
Divulgação UTPMP

a expor, aconselhando-se uma conversa intíma entre o morador e um ou dois voluntários.

Apesar da minha participação nesta e noutras ações desenvolvidas por UTPMP-Brasil no Anita, construí pela primeira e única vez na comunidade em Maio de 2009.

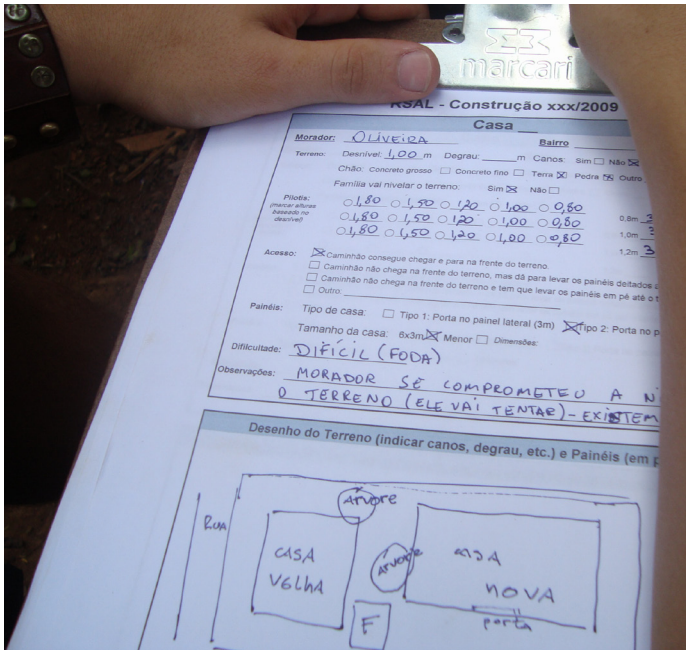
A respetiva atividade decorreu no fim de semana de 1, 2 e 3 de Maio, aproveitando o feriado de sexta feira, como era prática da instituição.

Nesta atividade UTPMP pretendia fortalecer a equipa central, cativando os voluntários interessados em manter o vínculo com a Organização, onde se realizaria uma Construção acompanhada por uma formação bem estruturada. Neste sentido foram pensadas equipas com 10 elementos, lideradas por dois líderes, um com bastante experiência, e outro a exercer essa função pela primeira vez. Existindo a possibilidade, em cada equipa estaria presente pelo menos um voluntário experiente, para além da referida dupla. Foi também pensada uma equipa de logística composta por voluntários todos eles com experiência, que se responsabilizaria pela distribuição e manutenção dos materiais, libertando todo o tempo da atividade da equipa para a construção efetiva da HE e para o relacionamento com as respetivas famílias.

Pessoalmente fui contactada para integrar uma das duplas de líderes, juntamente com outro voluntário, líder na Construção de Verão no Santa Emília.

Além de representar UTPMP junto da família e dos novos voluntários, a dupla de líderes é responsável pela formação dos mais inexperientes nos métodos construtivos e no acompanhamento da experiência, em ternos psicológicos e emocionais. fazendo parte do *staff*, estive envolvida, desde o momento inicial, na programação de todas as atividades práticas e de formação.

Por norma, antes da construção, o *staff* faz sempre uma visita à comunidade, em que os líderes têm o primeiro contacto com a família objeto da ação.



favela Anita Garibaldi
levantamento de características do terreno
Divulgação UTPMP

Nesta visita obtém-se a noção da sua real necessidade, o que dificilmente é conseguido no primeiro dia da ação. Aí estabelece-se a necessidade de limpeza prévia do terreno e a demolição das construções existentes, caso necessário.

Para a família em causa, constituída por um homem de 45 anos que vivia com a companheira de 47 há pouco mais de um ano na comunidade, isso não seria necessário. O seu terreno tinha uma área livre adequada à construção da HE.

A casa onde viviam era muito precária, com dimensões de apenas 2 por 2,5 metros, albergando o espaço de cozinha, com uma banca e um fogão, e uma cama. O terreno era servido por água e eletricidade informais e existia um compartimento lateral onde funcionava a casa de banho, servida por uma fossa não tratada. Por causa da insalubridade e más condições da habitação, a senhora encontrava-se hospitalizada com pneumonia.

Apesar da aparente conformidade do terreno, foram observados alguns elementos que poderiam dificultar a construção da HE. Para além da habitação utilizada pelo casal, o terreno era ocupado por um pequeno galinheiro e duas árvores. Foi aconselhada a remoção destes elementos e também o nivelamento do terreno.

Na altura da visita, o elemento masculino do casal encontrava-se sem trabalho por, na semana anterior, ter sofrido um acidente. A falta da habitual remuneração poderia implicar dificuldades no pagamento acordado com UTPMP, que era gerido pelos Chefes de Escola, também presentes na visita.

Dada a necessidade da família e compreendendo a causa da impossibilidade do pagamento previamente acordado (algumas parcelas eram pagas antes, outras depois da construção, conforme a possibilidade da família, e cada uma rondava os R$50), novas datas foram acordadas. À saída, os Chefes de Escola alertaram-nos para eventuais problemas do elemento masculino com





construção Anita Garibaldi Maio 09 implantação dos pilotis, utilização da mangueira e fita-métrica Divulgação UTPMP

bebidas alcoólicas. A total sobriedade era uma das condições acordadas com os moradores durante os dias de Construção, sob pena da HE não ser construída.

Para construção efetiva foi mobilizado um grupo de aproximadamente 70 voluntários, que se reuniu no final do dia 30 de Abril, em São Paulo, e partiu no mesmo dia para se instalar na Escola Ponte Alta III, localizada nas proximidades do Anita Garibaldi.

Alguns dos voluntários tinham já participado na Construção de Verão e outros frequentavam o escritório de UTPMP, mas cerca de 50 voluntários participavam pela primeira vez numa atividade da ONG. A sua integração foi auxiliada pelo exemplo dos restantes jovens já experientes.

A grande afluência de voluntários quer inexperientes, como recorrentes nas atividades da Organização, permitiu o alcance de todos os objectivos propostos, facilitado pelas condições climatéricas favoráveis durante toda a Construção.

Das dificuldades técnicas na construção da HE em que estive envolvida, a assinalar, apenas o momento de implantação dos pilotis devido ao declive acentuado, mas dificilmente percetível. Na zona mais baixa do terreno, a HE ficou 1 metro elevada do chão.

Os elementos da equipa puderam participar, activamente e sem excepção, em todas as etapas e ainda relacionar-se com a dona da casa, sempre presente durante a Construção. O marido, por já se encontrar laboralmente activo, apenas esteve presente no último dia.

A distância entre a localização das HEs em construção dificultava a perceção da evolução dos trabalhos umas das outras. Este entrave era colmatado, em parte, pela equipa de logística, monitores, chefes de escola e coordenadores da construção, que se deslocavam pela comunidade. Pelas







construção Anita Garibaldi Maio 09
construção do piso, painéis e telhado
Divulgação UTPMP

informações que nos iam facultando não surgira nenhum imprevisto de grande dificuldade, encontrando-se as 5 equipas em etapas equiparadas.

No final do primeiro dia, sexta feira dia 1, instalámos metade do piso, concluindo o restante no segundo dia de Construção, assim como a colocação dos painéis e parte da estrutura do telhado. No último dia foram colocadas as telhas, porta e janelas. Houve ainda tempo e disponibilidade de alguns voluntários realizarem uma escada em madeira para facilitar o acesso devido à diferença de cotas.

Este ou outros de detalhes de acabamento eram da iniciativa dos próprios voluntários mobilizados pela vontade de realizarem todos os trabalhos necessários para assegurarem máximo conforto, dentro das possibilidades existentes, para a família em causa.

Concluída a HE, tivemos a oportunidade de visitar as outras equipas e auxiliá-las nas conclusões dos respetivos trabalhos.

Nos 3 dias de construção, cada equipa de voluntários pode familiarizar-se e conhecer a história dos futuros moradores das HEs. Desta Construção criaram-se laços e até relações de auxílio técnico (o caso do aconselhamento judicial sobre violência familiar), e fortaleceram-se as relações criadas na Construção de Janeiro desse ano. Simultaneamente outros moradores procuravam os voluntários demonstrando o interesse na participação. Esses eram assinalados para a realização de futuras Detecções.

Quinze dias após o término da construção, o grupo de voluntários reuniu-se para regressar à comunidade e visitar as famílias. Era uma oportunidade para verificar o impacto que a nova casa motivara e aferir a eficácia das soluções técnicas de execução da HE (designadamente se entrava água pelo telhado ou qualquer outro problema). Este procedimento, além de permitir o acompanhamento dos acontecimentos no local, fazia parte da avaliação sistemática das intervenções da ONG.



construção Anita Garibaldi Maio 09 inauguração da HE Divulgação UTPMP

Nas diversas atividades realizadas posteriormente por UTPMP no Anita Garibaldi em 2009, participei em visitas de acompanhamento ou de apoio logístico e nalgumas detecções, inclusive uma Detecção Massiva, organizada a 26 e 27 Setembro de 2009.

Apesar do grande número de famílias, as visitas recorrentes de voluntários à comunidade foram ganhando espaço na vida dos moradores que reconheciam o voluntário da ONG pela t-shirt, mesmo não conhecendo o rosto que a vestia.

As informações sobre a comunidade e os seus moradores, os problemas, mas também os desejos e ambições eram partilhados pelas próprias famílias que reconheciam a ajuda e confiança nos voluntários da Organização.

UTPMP-Brasil teve uma grande atuação em 2009 e 2010 no Anita Garibaldi, realizando 148 enquetes e construindo 65 HE, em Construções Universitárias, Corporativas e de Famílias[37]. Até ao momento é a comunidade onde a ONG teve maior atuação no Brasil.

Em 2010, a Associação de Moradores recebeu o reforço da proibição de alterações físicas a realizar na comunidade. Esta indicação enunciava alguma mobilização no processo de legalização aparentemente esquecido pelos organismos responsáveis.

A relação deste acontecimento com a intervenção de UTPMP não é directa. Mas com a Construção de Verão de 2009, o nome do Anita Garibaldi voltou a surgir nos meios de comunicação, não só municipais mas também estaduais e até nacionais. Acontecimento que pode ter desencadeado a mobilização do processo.

37 Construção de Famílias e Construção Corporativas são outros modelos de Construção que UTPMP utiliza para, dessa forma, possibilitar a ação de grupos alvo, nomeadamente, adultos (habitualmente, familiares ou conhecidos dos voluntários) e empresas.



favela Projecta - via Divulgação UTPMP

Projecta

O início da intervenção de UTPMP-Brasil no núcleo sub-habitacional Projecta, em Cumbica, Guarulhos, data de 2008. Em Abril desse ano foi construído no local o primeiro grupo de 5 HE. Até à minha colaboração foram realizadas outras ações, num total de 22 HEs construídas.

A grande actuação de UTPMP-Brasil no local (4 construções até 2009) indicava uma forte relação com a comunidade e a possibilidade de avançar para a segunda fase de intervenção, a Habilitação Social. No entanto, esta possibilidade advinha duma avaliação pouco criteriosa, consequência da já referida inexperiência do grupo no início de 2009. A favela situava-se numa zona exclusivamente industrial, estando prevista a sua remoção pelos organismos públicos. Esta foi uma das condicionantes que impediu a continuidade de atuação da ONG neste território.

Contudo, as relações criadas com os moradores mantinham-se, tendo inclusive originado que um morador da comunidade, filho e irmão da anteriores beneficiárias do projeto, participasse como voluntário noutras Construções, inclusive noutras comunidades.

Esta proximidade foi também o motivo que levou ao contacto motivador da Construção de Emergência realizada a meados de Maio de 2009. Um dos moradores das HEs ali construídas contactou a Organização, dando conta do incêndio que vitimara a sua moradia e as moradias vizinhas. Este contacto desencadeou uma parceria entre UTPMP e a Defesa Civil[38] de Guarulhos com o objetivo de auxiliar as famílias desalojadas.

38 Defesa Civil (no Brasil) ou Proteção Civil (em Portugal) é o organismo que coordena o conjunto de acções preventivas, de socorro, assistenciais e reconstrutivas destinadas a evitar ou minimizar os desastres naturais e os incidentes tecnológicos, preservar a moral da população e restabelecer a normalidade social, habitualmente realizadas por um organismo identificado para esse fim.





favela Projecta
avenida Projecta e tubulações
Divulgação UTPMP

Caracterização espacial

Algumas informações municipais indicam o estabelecimento desta comunidade há mais de 15 anos. O assentamento do bairro Cumbica ocupa um espaço partilhado por indústrias, grandes empresas e outros assentamentos informais.

O bairro Cumbica era uma antiga fazenda duma família conceituada, que a tinha cedido para o estabelecimento da Base Aérea de São Paulo. Esta foi posteriormente transformada no Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos[39], localizado a 25 km do centro da capital. A necessidade de acesso a este equipamento levou à construção de grandes vias rodoviárias que atravessam o bairro.

As características espaciais do bairro Cumbica, limitado a sul pelo Rio Tietê e a norte pelo Aeroporto Internacional, dificultavam a sua expansão como potencial bairro habitacional ou de uso misto. Proporcionavam contudo o fácil transporte e escoamento de grandes cargas, favorecendo a construção dum distrito industrial e empresarial.

Na área limitada a norte e sul pelas rodovias já referidas, a este pela Av. Santos Dummont e a oeste pelo curso do Rio Baquirivu-Guaçu, encontra-se a Projecta. Segundo o Atlas de Uso e Ocupação do Solo do Munícipio de Guarulhos esta área é exclusivamente de utilização industrial, com a exceção de uma percentagem de assentamentos localizados entre os grandes armazéns.

A especialização deste território nos usos industriais e empresariais pode também ser justificada pela localização do espaço na *planície aluvionar* do rio Baquirivu-Guaçu[40], uma zona propícia a alagamentos. Procurando maior e melhor aproveitamento do solo, as inúmeras linhas de água foram canalizadas (a maioria das vezes de forma precária), passando os seus cursos a coincidir ou a ladear as vias de uso público que se foram abrindo.

O estabelecimento de pelo menos 6 assentamentos irregulares[41] neste território aconteceu em parcelas de terreno abandonadas. Os moradores, provavelmente à procura dum espaço habitacional próximo do local de

39 Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos, popularmente conhecido como Aeroporto de Cumbica, é o aeroporto mais importante do Brasil e o mais movimentado da América Latina.

40 Segundo Mapa dos Recursos Hidrológicos de Guarulhos de 2007

41 É difícil a definição de cada um deles por não existirem fronteiras físicas, e esses dados não estarem apurados.

trabalho (empresas e indústrias da região), foram-se apropriando dos espaços vazios. Estes são na maioria os de piores condições entre os demais. Localizados nas margens das linhas de água, sem acesso viário formal, nem saneamento, distribuição de água ou electricidade.

Nas redondezas não há referência da existência de qualquer estabelecimento comercial, nem de atividades pontuais como uma feira de rua. Procurando colmatar esta situação, alguns moradores dos assentamentos desenvolveram atividades comerciais informais nas suas habitações ou nas proximidades.

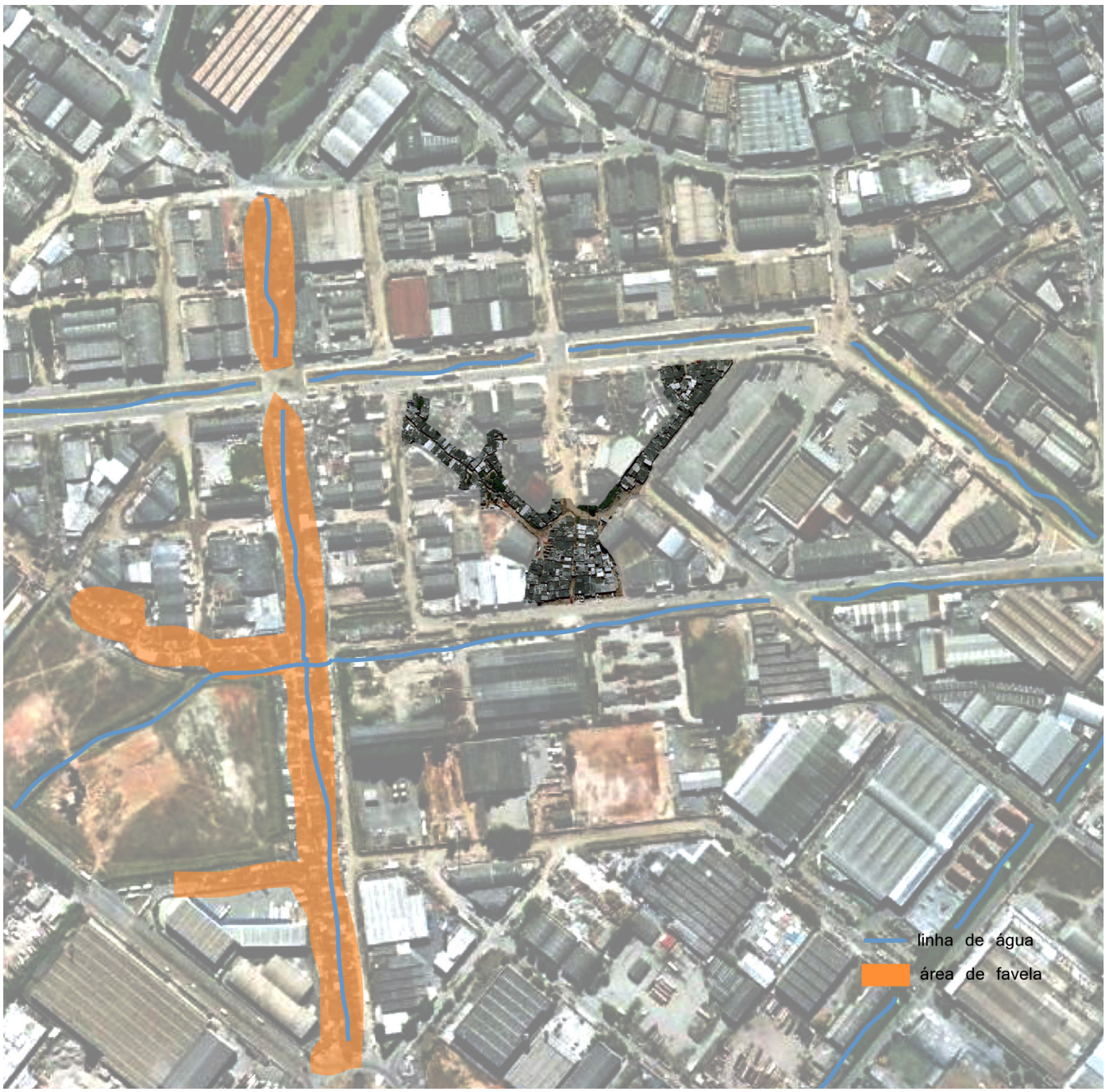
Por não ocuparem grandes áreas e se localizarem entre os armazéns industriais, a maioria das favelas existentes é relativamente bem servida por acessos viários. A favela Projecta é limitada a sul pela avenida com o mesmo nome e a norte pela avenida Guinle. O acesso viário pode ser realizado por qualquer uma destas vias municipais. No entanto, as características físicas do assentamento impediam que tal acontecesse nas suas vias internas.

A disposição das construções compõe um aglomerado próximo da Av. Projecta, transformando-se em duas diagonais em direção à Av. Guinle, relativamente afastadas (espaço sem construções) do primeiro conjunto construído. Na fotografia aérea do local é percetível a existência de uma via central que parte da Av. Projecta e atravessa o aglomerado. Nesta entrada localiza-se um espaço comercial, constituído por um bar. No extremo oposto da via, à saída do aglomerado, existe outro espaço comercial. Ambos, por se localizarem nas entradas da favela servem-se de espaços mais amplos e são locais de encontro e reunião.

A densidade da ocupação da Projecta é elevada. As habitações são menores e as vias de distribuição ainda mais tortuosas do que na favela Santa Emília.

Dos aproximadamente 50 barracos[42] existentes na comunidade e das 41 habitações visitadas e "detectadas", a maioria era construída em madeira, com o chão cimentado, e cobertas com telhas onduladas, em chapa ou fibrocimento.

42 Informação cedida por UTPMP-Brasil. São contabilizadas as construções passíveis de serem substituídas pelo modelo de HE.



fotografia aérea favela Projecta 2009
fonte: google earth



pormenor fotografia aérea favela Projecta 2009
fonte: google earth

Existiam algumas construções em piores condições do que as anteriormente descritas, e outras ainda em alvenaria.

Um dos principais problemas da comunidade é o risco constante de alagamento. Por se encontrar na *planície aluvionar* do rio Baquirivu-Guaçu, mas também pela inexistência de diferentes cotas, a água (da chuva e a utilizada nas habitações para uso doméstico) não tem possibilidade de escoamento quando o seu nível aumenta. Para obstar a isso alguns moradores recorreram a métodos preventivos, como a construção de pequenos muretes de alvenaria que protegem as frágeis paredes de madeira.

Como o território não é servido por saneamento básico, recorrendo os moradores a fossas diretas e a canalizações precárias e não protegidas, que contaminam e são contaminadas, esta situação envolve um risco permanente e potencializa a propagação de doenças. As vias de circulação, em terra, estão constantemente húmidas ou mesmo enlameadas, o que os moradores da comunidade tentam reverter através de tábuas, plásticos, e outros materiais, colocados no solo.

A diminuta dimensão dos espaços de circulação, das casas e dos terrenos disponíveis para construir, menores do que os 18m^2 necessários, aumentavam as dificuldades identificadas pelos voluntários de UTPMP-Brasil para a intervenção na comunidade. Apesar disso, a precariedade vivida na comunidade pela maioria dos seus moradores necessitava duma transformação urgente.

Antes da intervenção, UTPMP averiguou junto aos organismos públicos a situação da comunidade. Constatou-se a vontade de remoção desta e das restantes favelas existentes naquela área. Contudo, a maioria das famílias que moravam nos assentamentos humanos daquela região fazia-o por não encontrarem uma alternativa habitacional.



favela Projecta
crianças da comunidade
Divulgação UTPMP

Caracterização social

O assentamento informal da Projecta contava com uma população de 200 famílias aproximadamente. Destas, segundo as indicações de UTPMP-Brasil, à volta de 50 moravam em habitações passíveis de serem substituídas pelo modelo da HE.

Como a grande parte da intervenção de UTPMP-Brasil acontecera antes do meu envolvimento com a ONG, o meu conhecimento sobre a comunidade não foi tão aprofundado como nos restantes assentamentos abordados.

Era evidente a proximidade existente entre os voluntários e os moradores da comunidade, que frequentemente nos convidavam a entrar nas suas moradias.

Uma das relações mais fortes foi a criada com o casal proprietário do bar/café/restaurante situado na comunidade, que funcionava como ponto de reunião e encontro dos moradores. Aí se realizaram as reuniões de apresentação do projeto para a comunidade. Para além do espaço, o casal, de aproximadamente 50 anos de idade, compreendendo os benefícios do projecto para a população, disponibilizava todo o auxílio de acordo com as suas possibilidades.

Para além da ajuda, o casal era uma das fontes de informação dentro da comunidade. O chefe da família podia mesmo ser considerado um dos líderes locais. Mantinha uma relação afável com a maioria dos moradores, conhecendo os problemas, carências e potencialidades do aglomerado. Algumas das famílias beneficiadas derivavam da sua indicação.

Na comunidade eram comuns as relações de entreajuda, não só entre familiares mas também vizinhos, através da partilha de alguns espaços habitacionais, ou de pequenas doações, materiais ou monetárias.

À semelhança das populações já descritas, na Projecta a comunidade era jovem. A maioria das famílias era composta por casais de 25 a 35 anos e respetivos filhos, havendo alguns casos de casais com maior idade, até aos





favela Projecta
crianças da comunidade
Divulgação UTPMP

60 anos, e casos de famílias monoparentais. A renda familiar dependia das actividades desenvolvidas, geralmente apenas pelos progenitores, sendo sobretudo derivadas de atividades de carácter informal e independente.

As crianças frequentavam o ensino escolar apenas a partir dos 6 anos de idade, provavelmente por não existir nas proximidades do bairro qualquer estabelecimento de ensino para as idades inferiores. Assim, era habitual encontrar grupos de crianças de pequena idade a vaguearem pela favela durante o dia.

Existiam alguns casos de doenças relativamente graves que atingiam pelo menos um dos membros de cada família, com uma grande incidência nas doenças respiratórias causadas pela insalubridade dos espaços.

Ao contrário do Santa Emília, a incidência do tráfico de drogas era relativamente baixo, existindo, apesar disso, o conhecimento de elevado consumo de bebidas alcoólicas entre os moradores.

Respirava-se na Projecta um ambiente relativamente tranquilo, igual a muitos bairros formais. Era no entanto, como outros assentamentos informais, um espaço sem as mínimas condições habitacionais nem possibilidade de desenvolvimento individual ou comunitário.



favela Projecta
vestígios do incêndio
Divulgação UTPMP

Intervenção UTPMP

Como já referido, a intervenção de UTPMP na favela Projecta iniciou-se na fase de implementação da ONG em São Paulo.

A relação entre comunidade e voluntários, iniciada em 2008, foi fortalecida pelas cinco construções realizadas no local no mesmo ano e pelas subsequentes visitas de detecção e acompanhamento, contando ao todo com 22 famílias beneficiadas por UTPMP.

No início de Maio de 2009 o contacto com UTPMP foi desencadeado na sequência de um sinistro na comunidade. Com base na confiança e no conhecimento da natureza emergencial do projeto, um morador informou os voluntários de UTPMP sobre o incêndio ocorrido na favela na madrugada de 2 de Maio, que destruíra 8 habitações, inclusive a sua HE.

Nos dias seguintes ao incêndio, a Defesa Civil, conhecendo o trabalho de UTPMP através das HE construídas na comunidade e doutras intervenções no município, iniciou o diálogo com a ONG no sentido da construção de HEs para as famílias afetadas.

Como organismo público, a Defesa Civil não podia desenvolver uma atividade de reconstrução formal sobre uma comunidade de características ilegais como a Projecta. No entanto é seu dever proteger o valor humano afetado por acidentes de qualquer natureza.

UTPMP-Brasil pretendia igualmente a resolução das necessidades emergenciais dos moradores da comunidade, salvaguardando todas as premissas do seu modo de atuação. Conciliando o interesse dos dois organismos, decidiu-se a intervenção através duma Construção, com o apoio logístico da Defesa Civil.

Na primeira visita realizada ao local, os voluntários mais experientes avaliaram a situação em consonância com os moradores prejudicados e com



construção Projecta Maio 09
chegada dos voluntários ao local
Divulgação UTPMP

os responsáveis da Defesa Civil. Tendo em conta as famílias mais necessitadas, identificou-se a necessidade de construir cinco HE.

Até à intervenção no terreno, as famílias afetadas estariam abrigadas nas habitações dos moradores vizinhos.

Neste período de tempo, todos os esforços de UTPMP foram mobilizados para a Construção na Projecta, a realizar no fim de semana de 16 e 17 de Maio de 2009.

Regra geral, cada oficina de UTPMP realiza uma programação anual das suas atividades. É estabelecido o número de casas a construir, as datas e períodos de cada intervenção bem como a angariação de fundos necessária para a sua concretização.

Para a realização duma actividade deste tipo - emergencial e não programada - é necessária a angariação de fundos extra e a utilização de todos os recursos existentes. No entanto, na altura verificava-se alguma escassez, pois a construção do início de Maio acontecera no mesmo fim de semana do incêndio na Projecta.

Assim, os fundos utilizados nesta Construção foram angariados posteriormente, em resultado da decisão tomada pelos organismos diretivos de UTPMP. Uma decisão deste género pode endividar a ONG e comprometer as metas propostas. Neste caso, a decisão foi no sentido da evidente necessidade de auxílio às cinco famílias que tinham perdido tudo no incêndio, não só as habitações mas também o seu espólio, ou seja, a totalidade dos seus bens.

Em duas semanas foram conseguidos todos os materiais necessários para a construção: pregos, telhas, madeiras, e planeados os trabalhos de carpintaria, corte dos pilotis, vigas, caibros e tábuas, e construção dos painéis, portas e janelas, para tudo estar preparado para a Construção no dia 16 de Maio.

Tratando-se de uma situação não programada, a actividade teria de se restringir apenas aos dois dias do fim de semana. Como tal foram convocados todos os voluntários experientes, pois o tempo era limitado para conciliar a



construção Projecta Maio 09
início dos trabalhos
Divulgação UTPMP

Construção com a formação de novos voluntários. No entanto, considerando a necessidade de envolver cerca de 70 pessoas, uma pequena percentagem de voluntários teve a possibilidade de participar e conhecer a comunidade Projecta e o trabalho de UTPMP pela primeira vez.

A Defesa Civil, que por atuar em situações de emergência no alojamento de populações dispunha de condições mínimas, com balneários e cozinha, cedeu o espaço para a instalação dos voluntários durante a atividade. Apesar de serem instalações de piores condições do que os habituais estabelecimentos escolares eram suficientes para acolher o grupo de 70 voluntários durante as duas noites necessárias para a Construção de Emergência. Para além das instalações, a Defesa Civil proporcionou o transporte dos voluntários e dos materiais, diminuindo os custos da atividade para a ONG.

Face ao curto prazo de preparação, a equipa de *staff* para a intervenção no terreno foi constituída pelos voluntários experientes e já conhecidos da Equipa Central. Fui convidada para fazer parte da dupla de intendentes, responsável pelos cuidados de alimentação do grupo e manutenção dos espaços de alojamento.

Numa visita ao local antes da realização da atividade pude constatar que o aspeto da favela era muito semelhante com o do Santa Emília. O local destinado à construção das HEs tinha sido "limpo" pelo fogo. O cenário era um pano de fundo quase preto das madeiras chamuscadas e das cinzas no chão. Para além do reconhecimento do local tive a oportunidade de contactar com alguns moradores, não só os beneficiários desta Construção, mas também com todos aqueles que mantinham relações de proximidade com voluntários mais antigos entrando, inclusive, nalgumas habitações.

No dia da reunião de todo o grupo, foram explicadas as noções gerais da atividade aos voluntários menos experientes. A saída, no sábado de manhã, para o primeiro dia de Construção aconteceu sem a habitual formação técnica,





construção Projecta Maio 09
colocação dos pilotis
Divulgação UTPMP

tendo os voluntários inexperientes sido divididos, dois por cada equipa, a fim de facilitar a respetiva formação ao longo dos trabalhos, a ser ministrada pelos líderes e restantes voluntários experientes.

Acompanhei pontualmente esta Construção realizando, com o colega da intendência, a primeira visita ao local na hora do almoço do primeiro dia de Construção. Durante a manhã as condições climatéricas tinham sido favoráveis e, dada a experiência dos voluntários, esperávamos encontrar grandes avanços. No entanto, sabiamos que é na primeira etapa, a colocação dos pilotis, onde surgem mais imprevistos.

No local, observamos uma Construção com características completamente diferentes das anteriores. Os 70 voluntários trabalhavam num mesmo espaço, nas 5 construções que iam nascendo lado a lado. Na primeira fase, cada equipa estava empenhada na colocação dos pilotis da respetiva HE. Para iniciar a actividade, foi necessária uma prévia avaliação da implantação de cada uma, considerando a dimensão da casa, os espaços de acesso e circulação entre elas, mas também os espaços de "manobra" dos voluntários, possibilitando a construção simultânea das cinco moradias.

Algumas equipas tinham já vários pilotis colocados, outras, no entanto, encontravam-se com algumas dificuldades. Como as HE estavam a ser construídas sobre as localizações das casas incendiadas, alguns destroços e vestígios dessas construções tinham atrasado os habituais processos. Em alguns casos existia ainda a totalidade do pavimento da anterior habitação, plataformas em cimento sobre o terreno. Isso dificultava não só a perfuração, mas também a averiguação da composição do solo, para além da necessidade de elevação da HE, acima do nível da plataforma existente.

A colocação da estrutura e das tábuas do piso das HE, que se esperava estar concluída durante a tarde, apenas tinha sido alcançada em três das cinco habitações em construção. Nas restantes verificou-se o rompimento de duas canalizações. Numa delas o "remendo" foi efetuado com o auxílio







construção Projecta Maio 09
cano furado e alagamento do terreno
Divulgação UTPMP

dos moradores da comunidade, que, habitualmente, têm bastante experiência em situações semelhantes. Esta resolução foi relativamente fácil por se tratar de um cano de água limpa, a 50 cm de profundidade, com um diâmetro de aproximadamente 3 cm.

Qualquer interferência com canalizações existentes dificulta os trabalhos devido ao rápido alagamento do solo, tanto mais tratando-se dum terreno com características pantanosas. Isso dificultou a perfuração para os restantes buracos e a fixação dos pilotis no terreno. Para resolver estas dificuldades os voluntários recolhiam a água excedente para recipientes, baldes e bacias disponibilizados pelos moradores vizinhos, e procuravam a fixação dos pilotis com pedras ou outros materiais resistentes que permitissem uma fixação segura.

O segundo caso de "rompimento", noutra HE, teve proporções muito mais complexas. Esta situação deu-se numa das habitações construídas sobre uma plataforma de cimento. Dada a necessidade de elevação da habitação sobre a plataforma, alguns pilotis tinham dimensões de aproximadamente 1,80 metros. Isso implicava uma perfuração de pelo menos um metro de profundidade para garantir a segurança da sua fixação.

Desconhecendo a composição do solo sob a plataforma, os voluntários, à medida que o perfuravam, encontravam várias canalizações em diferentes buracos de pilotis, danificando uma das quais e que não aparentava qualquer possibilidade de solução. A tubulação encontrava-se a aproximadamente 70 cm de profundidade e tinha características diferentes das habitualmente implantadas no solo do assentamento destas comunidades, com um diâmetro e um débito de água superior ao habitual, o que rapidamente alagou não só o terreno da construção desta HE, mas das contíguas.

Em casos de perfuração de canos de maior dimensão, procura-se o registo que serve a tubulação em causa para desligar o fornecimento de água e facilitar







construção Projecta Maio 09 alagamento do terreno, construção da estrutura do piso Divulgação UTPMP

a sua resolução. Contudo, na situação que se nos deparava, ninguém, inclusive os representantes da Defesa Civil que se encontravam no local, sabia qual a origem daquele fornecimento.

As dificuldades prolongaram-se até ao final do dia, quando os voluntários deixaram a comunidade para se dirigirem às instalações de alojamento. Um grupo de 6 voluntários mais experientes permaneceu no local, acompanhado por elementos da Defesa Civil e pelos moradores preocupados com o desenvolvimento e as implicações do acontecimento. A situação resolveu-se com o contacto efetuado com a empresa responsável pela distribuição de água municipal, que desligou temporariamente o fornecimento daquele distrito e possibilitou a substituição do cano danificado. Tudo indicava que a danificação se situava numa das tubulações do sistema formal de distribuição da água que servia os edifícios industriais vizinhos da favela Projecta.

Apesar de totalmente resolvido, o problema tinha dificultado o normal desenvolvimento dos trabalhos. Como o tempo para a construção das HEs estava limitado a dois dias, a quase totalidade da HE em causa ficava confinado a um só dia, havendo ainda o término das restantes.

No início do segundo dia de Construção as HE mais atrasadas foram a prioridade. Todos os voluntários e equipas se mobilizaram para a recuperação do atraso nos trabalhos. À hora do almoço de domingo estavam colocados os painéis em todas, restando apenas construir a estrutura das coberturas, cobri-las com as telhas e concretizar os últimos acertos.

Neste dia, a favela foi visitada por alguns elementos da comunicação social da rede municipal. A divulgação das atividades de UTPMP através destes suportes são extremamente úteis em dois aspetos: na denúncia da situação das famílias que se encontram em situações precárias e marginalizadas, um dos objetivos da ONG, e na promoção do seu trabalho, o que potencia a angariação de voluntários e eventuais financiadores.





construção Projecta Maio 09
entrega dos painéis e presença da comunicação social
Divulgação UTPMP

Mesmo com o avanço dos trabalhos no último dia da construção, as finalizações são sempre morosas, pois depreendem maior rigor de execução. Neste dia, a distinção entre voluntários de cada equipa era agora quase inexistente. Todos faziam tudo o que era necessário, ainda que não correspondesse à construção da HE da sua equipa. Assim se concluíram os trabalhos, quase simultaneamente nas cinco habitações.

Durante todo o domingo vários moradores da Projecta visitaram e auxiliaram a construção, sobretudo as famílias beneficiadas, sempre presentes e dispostas a participar.

A entrega das casas às famílias realizou-se na noite de Domingo através da simbólica inauguração das habitações com a participação dos voluntários intervenientes e da Defesa Civil.

Esta foi uma a primeira atuação de UTPMP no Brasil onde a vontade de atingir o principal objetivo da ONG foi assumida por todos de forma geral:







construção Projecta Maio 09
construção simultanea das 5 HE, inauguração conjunta, voluntários e famílias
Divulgação UTPMP

voluntários, comunidade e sociedade (através da Defesa Civil e em parte no interesse demonstrado pela Comunicação Social). A mobilização dos diferentes grupos possibilitou a criação duma alternativa digna para as famílias em situação de emergência.

Com esta ação de Emergência, UTPMP concluíu a construção de 27 HE na favela Projecta. Desde então, não foram organizadas outras construções na comunidade. Isto pela abrangência das famílias com maiores necessidades, mas também pelo risco de remoção da favela e dificuldade de estabelecimento da comunidade naquele território, o que impendia o desenvolvimento do trabalho da ONG para as restantes etapas e objetivo final, que era transformar aquela numa comunidade legal, formal e sustentável.

No entanto, a relação com os moradores manteve-se através das visitas, algumas de caracter pessoal. Atualmente o núcleo sub-habitacional Projecta mantém-se no mesmo local.



construção de Emergência em São Vicente 2010
Divulgação UTPMP

Depois desta, UTPMP atuou noutras situações emergenciais a nível nacional no caso da ocorrência de catástrofes (naturais e outras) em favelas do Estado de São Paulo, chegando mesmo a realizar uma Construção de Emergência de 17 HE em São Vicente (costa marítima de São Paulo) em 2010.

De destacar outras atuações como a visita de avaliação realizada por um grupo de voluntários UTPMP-Brasil, no início do ano de 2011, no Estado do Rio de Janeiro aos locais e populações afetadas pelos deslizamentos de terra provocados pelas fortes chuvas de Verão. Dado o grande número de vítimas, UTPMP-Brasil disponibilizou a sua assistência junto dos organismos responsáveis. Apesar dos contactos realizados, das necessidades evidentes e da vontade de expansão da ONG, a atuação de UTPMP-Brasil noutro estado para além de São Paulo ainda não ocorreu até ao momento.

A nível latino-americano, e desde a minha participação em UTPMP, a Organização atuou noutras situações de emergência como as ocorridas no Haiti e no Chile, em consequência dos grandes sismos que afetaram os dois países no início de 2010.

No Haiti, a intervenção da ONG, possibilitou o estabelecimento de uma oficina local que mantém atividade até ao momento.

No Chile, toda a sociedade foi mobilizada para socorrer as populações afetadas pelo sismo e as diversas oficinas locais de Un Teto Para Chile disponibilizaram esforços e voluntários nesse auxílio. Em 2001 a ONG tinha promovido o objetivo: *2010 sin campamentos*, a ocorrência do terramoto fortaleceu a vontade dos voluntários e dos financiadores nacionais para esse alcance.



favela Gardênia Azul
Divulgação UTPMP

Gardênia Azul

O crescimento de UTPMP-Brasil em 2009, em recursos humanos e financeiros, possibilitou a procura de novas comunidades para a expansão de atuação da ONG.

Numa visita a Suzano dois voluntários receberam a indicação da existência duma comunidade, próxima de algumas indústrias, com as características de precariedade e carências adequadas à intervenção de UTPMP, o Jardim Gardênia Azul.

Caracterização espacial

O assentamento informal Gardênia Azul localiza-se na zona norte do município de Suzano. O seu acesso é feito pela Estrada do Furuyama, que para além da comunidade serve as indústrias localizadas nas imediações.

A comunidade está de alguma forma escondida. A via de acesso que deriva da estrada principal não é pavimentada e atravessa uma zona agrícola e florestal até à entrada da comunidade. Uma colina onde está implantado o bairro formal mais próximo esconde o assentamento a noroeste.

Existe ainda uma unidade industrial, que também ocupa o terreno de forma ilegal, cujos muros limitam e "protegem" a comunidade.

O terreno ocupado pelo Gardênia e pelo edifício industrial é privado. Segundo o Atlas da Ocupação e Uso do Solo de 2006 esta é uma área de vegetação. Na última reformulação à lei do Zoneamento de Suzano houve uma alteração sobre a sua designação. De reserva ambiental o terreno passou a constar duma zona residencial.

As primeiras famílias, em número reduzido, invadiram o terreno há mais de 18 anos. As suas casas correspondem atualmente à grande parte das edificações construídas em alvenaria e constituem um núcleo concentrado. Entretanto outras famílias foram-se instalando e construindo os seus abrigos no sentido nordeste, ladeando a estrada do Furuyama.

A densidade de ocupação do assentamento é ainda menor do que o verificado no Anita Garibaldi. A comunidade tem um aspeto rural, estando as casas dispersas pela vegetação rasteira e muitas delas estão implantadas numa zona de grande inclinação, próxima da primeira ocupação. O restante terreno varia entre zonas planas e de inclinação moderada.

Da estrada do Furuyama surgem 4 vias perpendiculares de acesso às habitações da comunidade. As duas localizadas na zona mais consolidada são

estreitas e de acesso apenas pedonal. Para acederem a todas as construções vão-se desmultiplicando noutras vias menores e irregulares. A sua implantação aparenta ser resultado da utilização diária dos seus moradores. As outras duas vias são mais largas (4 a 5 m) e têm acessibilidade viária, apesar de não serem pavimentadas. A maioria das ocupações surgiu perpendicularmente a estas vias. Existem ainda algumas habitações no centro do terreno, a cotas mais altas.

Apesar do fácil acesso, as moradias instaladas na cota mais baixa sofrem constantes inundações. Pela comunidade correm algumas linhas de água, inclusive uma paralela à estrada do Furuyama. O terreno tem características pantanosas, com solo argiloso e vegetação típica, havendo dificuldade de escoamento da água da chuva frequente, originando nalguns locais inundações com níveis elevados de água.

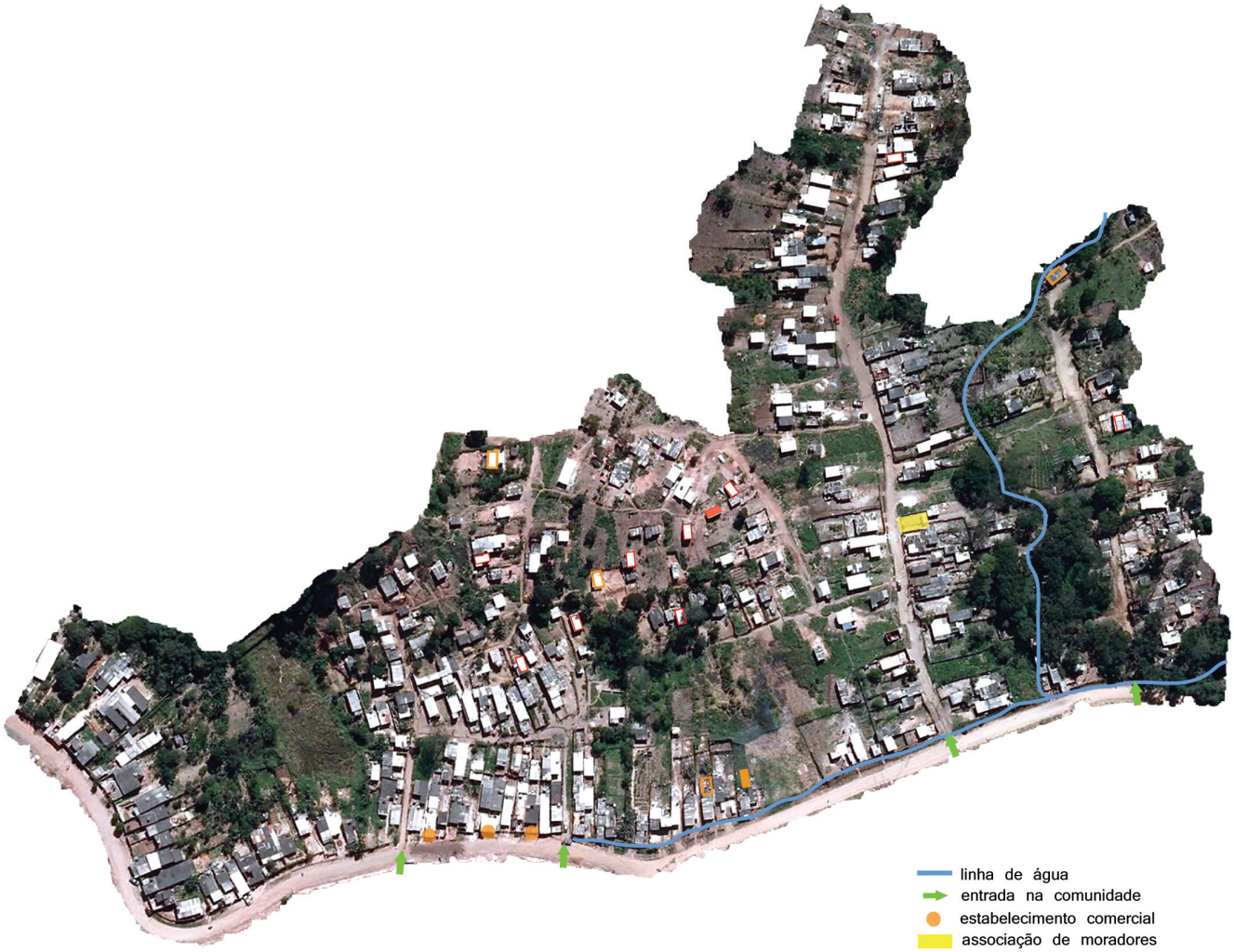
Não existem infra-estruturas no terreno, servindo-se os moradores de um ponto de água disponibilizado pela empresa responsável pelo serviço local, cuja distribuição é realizada pelo habitual sistema informal e precário. A eletricidade existente também é desviada, de forma ilegal, da rede pública e as fossas de saída das habitações não são tratadas, confundindo-se com as linhas de água que circulam pelo território.

Como os terrenos são amplos e as construções não são próximas umas das outras, a dimensão das habitações varia conforme as possibilidades dos seus moradores. Algumas habitações têm as instalações de sanitários no mesmo edifício, outras fora ou nem sequer dispõem desse serviço. Nalguns terrenos existem pequenas hortas de subsistência.

Na associação de moradores, relativamente recente, foram registadas aproximadamente 300 famílias. Um terço das quais vivia em habitações em madeira, chão de terra e telhados pouco seguros. As habitações mais precárias correspondiam às famílias mais recentes na comunidade, instaladas no máximo há 5 anos.



fotografia aérea favela Gardênia Azul 2009
fonte: google earth



pormenor fotografia aérea favela Gardênia Azul 2009
fonte : google earth

Em 2008 iniciou-se o processo de expropriação e regularização do terreno em nome da comunidade e da indústria vizinha. Tratando-se dum proprietário privado e com a intervenção dum parceiro (a indústria) através do financiamento da urbanização do território, o processo seria relativamente fácil.

Alguns engenheiros e arquitetos municipais visitaram o local começando a delinear os projetos de urbanização, que, abrangeriam as famílias cadastradas, estabelecidas na comunidade. Porém, em 2009, o processo aparentava estar parado e esquecido.

Desde então, tiveram início outras duas zonas de ocupação por parte de outras famílias e indivíduos.

Para além das indústrias, nas imediações existia duas escolas e outras estruturas formais, como a sede duma ONG no bairro vizinho à comunidade, também utilizada para o alojamento de voluntários de UTPMP.

O Gardênia Azul localizava-se próximo duma zona de grandes superfícies comerciais, com fácil acesso viário, o que poderia ser útil, no caso da realização ocorrência de atividades da ONG.



favela Gardênia Azul
"gatos" - ligações elétricas informais
Divulgação UTPMP

Caracterização social

Nas conversas e entrevistas que se realizaram na comunidade (38 enquetes realizadas até ao momento) compreendeu-se a falta de representatividade da Associação de Moradores. Esta surgiu com o processo de legalização do terreno, mas nem todos os moradores reconheciam a sua existência, nem liderança.

A comunidade aparentava funcionar através de núcleos de vizinhança, que funcionavam como pólos de entreajuda e informação. Existiam algumas relações de parentesco entre moradores, o que acontecia pela deslocação para a comunidade resultar muitas vezes duma relação pessoal, característica habitual destes assentamentos.

Alguns moradores assumiam naturalmente papéis de maior liderança junto dos restantes. Conhece-los, por analogia com outras intervenções, facilitava o contacto com a comunidade através do acesso às informações sobre a mesma e divulgação do trabalho de UTPMP junto da restante população residente.

O perfil das ocupações laborais assemelhava-se às restantes comunidades já referidas. E a habitual causa de residência era a inexistência duma renda fixa ou suficiente para o pagamento duma habitação no sistema formal.

Os estabelecimentos comerciais e/ou serviços desenvolvidos pelos moradores no assentamento localizavam-se todos na área mais consolidada da ocupação.

Esta era uma comunidade com uma média de idades mais alta relativamente às outras analisadas. Apesar de existirem famílias numerosas e algumas crianças, as idades dos chefes de família, rondavam os 35, 45 anos, com bastantes casos de maiores de 50 anos.

A influência do tráfico de drogas não era proeminente, apesar de existirem casos de consumo entre os moradores.

Mesmo com as necessidades verificadas nas famílias inquiridas, a maioria demonstrava grande vontade na mudança de vida, mas que as dificuldades inerentes ao meio impediam de atingir.



construção Gardênia Jul 09
alojamento dos voluntários, sala de aula duma escola
Divulgação UTPMP

Intervenção UTPMP

Desde a primeira visita ao assentamento informal Gardênia Azul, os voluntários de UTPMP tiveram um ótimo acolhimento por parte dos moradores.

Decidida a data e quantidade de HE a construir na primeira Construção no Gardênia, 10 HE em Julho de 2009, os preparativos iniciaram-se.

Esta seria uma Construção de 10 HEs. 10 equipas construiriam pela primeira vez em Suzano, divididas em 2 grupos de 5, cada qual instalado em diferentes alojamentos (uma escola e na sede daONG do bairro vizinho).

A pedido dos organizadores, a minha colaboração nesta atividade foi como líder experiente duma equipa, acompanhada por um colega a exercer a função pela primeira vez. Além da preparação da Construção, competia-nos visitar a comunidade e conhecer previamente as famílias para quem íamos construir, o que foi concretizado no fim de semana anterior à intervenção no terreno.

O Gardênia tinha um aspeto distinto das favelas que conhecera até então, com bastante vegetação entre o edificado e as construções dispersas pela encosta. Os voluntários com experiências noutros países onde UTPMP actuava transmitiram-me ser comum este tipo de assentamentos informais em países como o Paraguai ou o Chile, em comunidades afastadas dos centros urbanos e por isso de aspeto rural.

A HE que iríamos construir situava-se numa cota alta, afastada das vias principais e por isso com relativa dificuldade de acesso. Destinar-se-ia apenas a uma beneficiária. Tratava-se de uma migrante nordestina, mas que morava no Estado de São Paulo desde a infância. Na comunidade estavam instalados dois dos seus irmãos. Um deles com graves problemas de alcoolismo. Era conhecida e auxiliada por várias pessoas da comunidade apesar de viver ali apenas há dois anos.

Na altura a sua habitação era próxima e construída paralelamente a outra, duma família também selecionada para a Construção de Julho. A família



favela Gardênia Azul
reunião entre moradores e voluntários na preparação para a Construção de Julho de 2009
Divulgação UTPMP

mantinha uma relação de bastante proximidade com a vizinha apesar da inexistência de ligação familiar.

A sua moradia não media mais do que 3 por 4,5 metros, com uma construção menor contígua (1 por 1,5 metros) que funcionava como a casa de banho. A construção estava inserida num terreno, com alguns limites marcados, de cerca de 5 por 25 metros aproximadamente.

As paredes da habitação eram em madeira, as telhas de fibrocimento e o chão em terra batida. Apesar do afastamento em relação aos restantes edifícios, o ambiente era húmido. Tinha chovido nesse dia, e pudemos constatar que o chão estava enlameado.

Dentro da habitação existia uma frágil divisão entre a zona de dormir e a zona de estar.

No interior da habitação sentia-se a entrada de vento pelos buracos das paredes, e quando chovia a cama ficava inutilizável, pois a parede e o telhado estavam danificados permitindo a entrada da água da chuva. Toda a precariedade da habitação agravava a situação de saúde da moradora que sofria de bronquite asmática.

Para a construção da HE não seria, no entanto, necessário a demolição da atual habitação, apenas a terraplanagem da parte posterior do terreno, situada a uma cota mais alta, cujos trabalhos ficaram a cargo da proprietária.

Para além da visita de apresentação dos líderes, esta foi também a visita final do acordo de pagamento e comprometimento da HE. No caso presente, devido às carências evidentes e à impossibilidade de pagamento do habitual valor cobrado, foi proposta a colaboração da moradora na preparação das refeições realizadas na comunidade durante os dias de trabalho e à noite no local de alojamento.

Antes de regressarmos a São Paulo, famílias e voluntários presentes na comunidade (as duplas de lideres, os Chefes de Escola e outros voluntários





construção Gardênia Jul 09
distribuição dos materiais
Divulgação UTPMP

da equipa central) reuniram-se na Associação de Moradores, onde o projeto foi mais uma vez apresentado para todos em conjunto. Esta era a primeira atividade de UTPMP a realizar no Gardênia. Foi sublinhado o objetivo de auxílio comunitário e não das famílias individualmente. A intervenção realizar-se-ia uma semana depois.

Na chegada dos 120 voluntários mobilizados para os respetivos alojamentos foram realizadas as habituais atividades e distribuídas as equipas. Os espaços de alojamento dos dois grupos constituídos por 60 voluntários casa eram próximos, o que permitia conciliar a partida e regresso da comunidade. A divisão em dois grupos facilitava e melhorava o acompanhamento das equipas e respetivos voluntários e famílias.

No assentamento esta distribuição correspondia à localização das HE a construir: 5 equipas estavam na zona mais consolidada, as outras 5 na mais dispersa. Aqui se localizava a construção da HE que liderei. Como as construções eram próximas, havia contacto visual com outras duas na encosta em frente. Isto permitia o acompanhamento de todas as equipas e facilitava o auxílio entre elas, caso necessário.

Estando em Julho (Inverno), e considerando os altos níveis de pluviosidade de Suzano, contávamos com chuva, o que aconteceu nos 3 dias de construção, com incidência de grande pluviosidade no primeiro dia, o que dificultou os trabalhos de fixação das fundações. O terreno, devido às características pantanosas, encharcava facilmente o que impedia uma fixação rigorosa dos pilotis. Para tal tivemos de recorrer à utilização de bastantes pedras para as fundações. Estas eram no entanto escassas no terreno e tiveram de ser procuradas e transportadas das redondezas pelos voluntários.

Para além desta dificuldade o ânimo dos voluntários diminuía pela morosidade deste primeiro processo, mas também pelo desconforto causado







construção Gardênia Jul 09
construção da cobertura
Divulgação UTPMP

pela chuva e frio. Aumentavam as dificuldades de comunicação e mobilização dos voluntários da equipa, o que se refletia em atrasos relativamente ao esperado para o primeiro dia de construção.

No segundo dia os trabalhos decorreram conforme as possibilidades. A chuva acalmara e, após a fixação dos pilotis, todos os voluntários tiveram a oportunidade de executar tarefas, o que ajudou na motivação individual e coletiva.

A maior dificuldade surgiu no transporte e distribuição dos painéis, vigas e caibros da estrutura do telhado pelas HE em construção. O terreno enlameado e o declive acentuado entre a via de acesso para o camião e os locais das construções impediam uma circulação segura, agravada pelo peso e dimensão dos materiais. Apesar do atraso geral, as equipas mais adiantadas disponibilizaram alguns dos seus voluntários para auxiliarem a equipa de logística neste processo.

No final do segundo dia, apenas uma das equipas conseguira erguer e fixar os painéis da respectiva HE.

Os voluntários das diferentes equipas trocavam, entretanto, impressões sobre a evolução dos trabalhos e tinham a possibilidade de conhecer outras famílias e outras histórias. Estes momentos aumentavam as relações entre os moradores e abriam portas a futuras intervenções de UTPMP na comunidade.

Apesar de no terceiro e último dia quase não ter chovido, verificavam-se atrasos significativos na maioria das HE, que foram agravados pela deformação dos painéis. No momento da junção duns com os outros, constatou-se a existência de grandes aberturas devidas à má-formação das peças, resultado da execução errada ou das madeiras já empenadas. Alguns painéis foram desmontados e reajustados no local, outros sofreram ajustes com o auxílio do formão. Outras falhas foram ainda compensadas com elementos extras - tábuas ou pedaços de caibros.



construção Gardênia Jul 09
visita pós-construção
Divulgação UTPMP

Os voluntários trabalhavam incansavelmente procurando terminar as HEs. Ao mesmo tempo temiam a ocorrência dos aguaceiros previstos para o final do dia, o que impediria a colocação das telhas.

Já tinha anoitecido quando os voluntários decidiram abandonar a comunidade. Apenas duas das dez HE tinham sido concluídas.

Estimou-se um dia de trabalho para a conclusão das restantes habitações, tendo os voluntários com disponibilidade para terminar os trabalhos aceitado regressar no dia seguinte.

Na segunda-feira, um grupo de cerca de 30 voluntários, do qual fazia parte regressou ao Jardim Gardênia e retomou a conclusão dos trabalhos. Tratava-se, essencialmente, da colocação das telhas, existindo alguns casos de maior atraso, como uma HE que ainda não tinha estrutura de telhado. Todos colaboraram de uma forma organizada, com entreajuda e motivação para que todas as HE fossem concluídas.

A inauguração simbólica da habitação é um momento importante não só para a celebração da conquista da família, o que aumenta a sua auto-estima e valorização pessoal, mas também é importante para os voluntários. A visualização do impacto que o seu trabalho provocava em determinada família aumenta a motivação para continuar o trabalho iniciado na construção.

Por todas as dificuldades referidas, esta não tinha sido uma construção muito estimulante para os novos voluntários. A segunda-feira, dia extra de construção, proporcionara aos voluntários intervenientes a oportunidade de presenciar não uma, mas várias inaugurações de HE e assistir à celebração dos seus moradores, partilhada por outros membros da comunidade. O mesmo não aconteceu com aqueles que não puderam estar presentes.

Apesar disso, quinze dias mais tarde os grupos mobilizaram-se para regressarem à comunidade e visitar as famílias.



Campanha UTPMP - Brasil

Os voluntários impossibilitados de concluir as HE assistiram naquele dia à transformação conquistada pela sua participação na construção. As melhorias na salubridade das habitações, saúde e segurança dos seus moradores eram evidentes. Tanto que a beneficiária da HE cuja construção liderei já não recorria à medicação para a bronquite desde a sua mudança.

Depois da Construção de Julho a comunidade era visitada regularmente por voluntários da ONG.

Em Setembro de 2009 o Jardim Gardênia foi uma das comunidades integradas na primeira Detecção Massiva realizada no Brasil. Esta é organizada de forma semelhante à Construção Universitária. Os voluntários reúnem-se, recebem formação e são distribuídos em duplas pelas diferentes comunidades, onde efetuam entrevistas às famílias interessadas na colaboração com o projeto. A realização desta atividade teve em vista a preparação duma Construção Universitária de grandes dimensões em Novembro desse ano.

A preparação duma Construção inicia-se alguns meses antes da realização da mesma. As famílias e os voluntários têm de ser selecionados, o que se trata dum processo moroso e ponderado. Para além da arrecadação dos fundos necessários para as despesas.

A atividade realizar-se-ia no fim de semana de 20, 21 e 22 de Novembro e seriam construídas 20 HE simultaneamente, organizadas em 4 grupos de 5 equipas, distribuídas por 3 comunidades, nomeadamente, no Anita Garibaldi em Guarulhos, no Gardênia Azul e no Jardim Maitê em Suzano.

Tendo em conta o meu percurso na ONG, fui convidada a participar como Monitora no grupo de 5 equipas que construíria no Gardênia Azul. Os monitores são os responsáveis técnicos da atividade, formam os voluntários, resolvem eventuais problemas construtivos e participam na equipa de logística. Acabam por conhecer todas as famílias participantes na Construção, pela necessidade de circulação constante, inerente ao exercício das suas funções.



construção Gardênia Nov 09 preparação para a atividade, construção dos painéis Divulgação UTPMP

Isso implica pouca profundidade de relacionamento com as famílias e demais voluntários.

Envolvida desde os preparativos iniciais da atividade, pude participar nos diferentes aspetos que compõem a Construção. Contribuí na organização da formação dos voluntários, na distribuição e capacitação dos líderes de equipa e restante *staff*, e ainda fiz parte duma equipa destacada para a realização e distribuição dos painéis. Nesta Construção, a ONG não tinha conseguido mão-de-obra suficiente para a realização destas peças a tempo. Nos dias que antecederam a atividade, alguns voluntários foram mobilizados para a finalização dos 120 painéis, 20 portas e 40 janelas necessários.

O dia da partida para a Construção foi passado, por mim e por outros voluntários, entre a construção e distribuição dos painéis e restantes materiais pelas comunidades.

No final do dia juntámo-nos aos restantes, num total de 270 jovens voluntários. A reunião da totalidade do grupo na partida e na chegada das diferentes comunidades possibilitava a compreensão de integração numa atividade com um alcance relativamente amplo. Nos 3 dias de Construção os voluntários estavam conscientes de que noutras comunidades, outras famílias, outros voluntários, atuavam com o mesmo propósito.

Na manhã do primeiro dia de Construção, antes da partida para a comunidade, eu e o outro monitor ministrámos a aula sobre a técnica de fixação dos pilotis e construção do piso. Na sala de aula a maioria dos voluntários participava numa acividade do género pela primeira vez. Até então, esta foi a Construção que mobilizou maior número de voluntários, tendo os de maior experiência sido divididos pelos 4 grupos das 3 comunidades.

Ao contrário da Construção de Julho, não esperávamos a ocorrência de aguaceiros, para além das habituais chuvas de Verão, abundantes mas momentâneas, o que era uma vantagem *a priori*. Na chegada à comunidade as equipas dividiram-se: duas para a zona mais alta e consolidada do assentamento,

outras duas para a zona mais baixa e alagadiça e a última para uma zona mais afastada da comunidade, junto a um riacho.

Das 5 famílias, duas eram de risco potencial, com elementos consumidores de álcool e drogas. Tinha sido previamente transmitido que se, à chegada dos voluntários, estivessem sobre efeito dessas substâncias, a construção não se realizaria. Naquela manhã, todos cumpriram o prometido e as construções iniciaram-se.

Outra família localizada na cota mais alta do terreno, à semelhança de algumas situações ocorridas no Santa Emília, não tinha demolido a habitação conforme prometido aos voluntários. A família acreditava que a HE poderia ser construída no terreno posterior à atual habitação. Os voluntários tinham confirmado essa impossibilidade no fim de semana anterior e explicado a necessidade do espaço da actual casa para a nova construção.

Como monitora fui chamada ao local. Pude verificar que, para além de não existir espaço suficiente para a HE, o terreno que a família disponibilizava não aparentava ter segurança suficiente para a sua construção, não estando devidamente consolidado e existindo um grande desnível para o qual não havia pilotis com tamanho suficiente. Apesar de alguma relutância, a família concordou com a demolição, que os voluntários auxiliaram.

Mesmo com a precariedade das habitações substituídas, o processo de demolição coloca a família e voluntários numa situação de maior estranheza do que aquela causada pelo primeiro encontro entre as duas realidades. Os primeiros ficam com a sensação de que os segundos lhes retiram algo. Os voluntários mais antigos sabem que esta situação se inverte ao longo do processo de construção da HE, apesar de tudo, iniciar a atividade com uma demolição nunca é fácil para o grupo, para além do consequente atraso.

Permaneci no local para auxiliar a demolição e tentar diminuir o atraso relativo às restantes equipas.



construção Gardênia Nov 09
dificuldades do terreno na colocação das fundações
Divulgação UTPMP

A habitação foi completamente demolida a meio da manhã e a equipa iniciou o trabalho de reconhecimento do terreno. Nessa altura, a minha ajuda foi requisitada noutro local.

Desci a comunidade e encontrei uma das equipas a construir junto da Estrada do Furuyama apenas com dois buracos iniciados. O piloti-mestre ainda não estava fixado, mas a equipa queria mesmo assim avançar. A fixação do primeiro piloti é condicionante para a fixação dos restantes. A dificuldade estava na morfologia do terreno, de natureza pantanosa, que originava inundações dos buracos abertos tanto piores quanto mais se aprofundavam.

Todas as tentativas de fixação do piloti-mestre tinham falhado devido à grande quantidade de água existente no solo. Na altura ninguém tinha a noção da amplitude da dificuldade que isso colocaria à restante construção. A solução encontrada para o piloti-mestre foi a utilização apenas de pedras para a sua fundação, colocando uma camada sob o piloti, e as restantes, de vários tamanhos, encaixadas à sua volta, para o imobilizar. Para tal, o buraco teria de ser mais fundo e largo do que o habitual, mas não demasiado, por risco de cedência do terreno periférico. Depois deste estar seguro a mesma solução teria de ser aplicada aos restantes, o que implicava ainda maior morosidade no processo.

Quando deixámos a comunidade no final do primeiro dia, apenas dois dos pilotis estavam correctamente colocados naquela HE. Já na escola, depois de realizadas as actividades de formação, o staff reuniu-se para a avaliação do primeiro dia, tendo sido discutida a continuidade daquela construção. A preocupação maior era a segurança da futura habitação. Com a utilização, depois da sua construção, existia o risco da fundação ceder, total ou parcialmente, o que traria insegurança para a família.

A família necessitava, contudo, urgentemente daquele auxílio. A matriarca tinha-se esforçado para conseguir a quantia cobrada pela ONG. Ambicionava um espaço limpo e seco onde os filhos de 11 e 13 anos pudessem dormir,





construção Gardênia Nov 09
piso e painéis
Divulgação UTPMP

estudar e brincar. A família era humilde e, mesmo com as dificuldades do primeiro dia, tinham procurado auxiliar os voluntários dentro das suas possibilidades.

O modelo de HE de UTPMP é um modelo considerado para 5 a 7 anos de utilização. Nesse período espera-se que a família se estabeleça e conquiste outras metas para, por fim, alcançar uma habitação digna e formal. Para tal, pressupõe-se o acompanhamento regular dos voluntários da ONG. Esta foi uma das considerações na decisão da continuidade da construção. O acompanhamento de dois voluntários mais velhos, eu e outro elemento com bastante experiência construtiva, foi outra. Por fim, a decisão final só seria tomada na manhã seguinte, se os pilotis já colocados permanecessem imóveis.

Tendo-se verificado essa situação, a equipa continuou os trabalhos. Colaborei então, na orientação dos restantes membros da equipa, inclusive dos líderes presentes que não eram muito experientes. Para ajudar, um dos elementos jovens da família e alguns voluntários procuravam e traziam para o local de construção as pedras e terra seca, que apesar de escassas iam encontrando.

A implantação de cada piloti demorava o triplo da situação normal devido às características pantanosas do local, que dificultavam os trabalhos. A lama era uma mistura da terra com o lençol de água, a que se juntava o escoamento das águas sujas das habitações.

Enquanto construíamos o piso, pude verificar que a madeira das vigas, caibros e tábuas, era menos densa do que a habitualmente utilizada. Isso indicava uma maior probabilidade de quebra. À partida, depois de toda a estrutura montada e fixa, esse problema seria minimizado pelos inúmeros apoios de cada peça e por toda a estrutura funcionar como um elemento



construção Gardênia Nov 09
equipa sobre os painéis - colocação da estrutura do telhado
Divulgação UTPMP

só. Teríamos apenas de ter cuidado na realização do telhado, deixando essa concretização para as pessoas mais leves da equipa.

O esforço extra exigido aos voluntários foi compensado, tendo a HE sido a segunda a inaugurar na comunidade. Na celebração desta conquista com a família, entrámos todos na casa construída e saltámos de alegria, tendo provocado a quebra de um dos caibros do piso devido a cedências mínimas já esperadas em alguns pilotis. Como era a zona central, e por isso a que suportaria o peso das movimentações, decidimos reforçar a zona com um duplo caibro que deveria ser pregado ao partido.

Confiantes da solução encontrada como a única resolução do problema, não deixámos contudo de alertar a responsável da família para ter especial atenção no caso de ocorrer alguma alteração nas semanas seguintes.

Tive a possibilidade de realizar mais uma visita ao Gardênia acompanhada por um pequeno grupo de voluntários, duas semanas depois. Pude então verificar que, apesar de não terem sido colocados muitos móveis na HE (talvez por receio), o espaço era utilizado como um dormitório seco e seguro para a família, permitindo inclusive que as crianças estudassem tranquilamente no espaço.

Depois desta, UTPMP realizou outras atividades na comunidade, num total de 24 HE construídas.

No Jardim Maitê, a outra comunidade de Suzano com construção simultânea em Novembro de 2009, a intervenção de UTPMP não foi tão bem sucedida. Durante a Construção, a Escola utilizada para alojamento foi assaltada, e os bens dos voluntários furtados, apesar de mais tarde, terem sido readquiridos. Das 5 HE construídas 3 foram retiradas por problemas posteriores à construção.







construção Gardênia Nov 09 moradora a pintar a HE, volta à comunidade pós-construção Divulgação UTPMP

Esta decisão ocorre habitualmente no caso da família não cumprir algum dos termos acordados no Termo de Compromisso (venda ou abandono da HE, recusa de pagamento, utilização do espaço para fins comerciais, etc.). Esta, como outras decisões sensíveis para a ONG e para as famílias envolvidas, não é tomada sem a compreensão da complexidade dos factos implícitos.

Para além destas, a ONG não atuou até ao momento noutras comunidades do município, optando até ao momento pela intervenção noutros municípios da área metropolitana de São Paulo.

CONCLUSÃO

Analisar a atuação de UTPMP é, antes de mais, compreender a dimensão do objetivo a que a Organização se propõe: Erradicar a Extrema Pobreza.

Apesar deste ser defendido globalmente como um propósito alcançável, UTPMP tem consciência de que, para atingi-lo em cada uma das cidades e países de atuação, é necessário a mobilização e envolvimento de todos os segmentos da sociedade.

Para compreender então os resultados da atuação da ONG, é necessário uma análise incidente sobre os atores desta ações individuais. No caso, os novos moradores de Habitações de Emergência e os voluntários que colaboraram na sua construção.

A construção de HE está longe de ser a solução para a pobreza. Na sua maioria, os voluntários de UTPMP estão conscientes de que este modelo de intervenção, sem o devido acompanhamento, tem inúmeras falências. E mesmo com o acompanhamento adequado pode não alcançar as metas desejadas, pois a sua conquista depende sempre das duas partes intervenientes, voluntários e moradores, e de outros fatores relacionados.

No entanto, para a grande maioria de beneficiários, a construção da HE é sinónimo da melhoria imediata na sua qualidade de vida. Ainda que com dimensões reduzidas e de características relativamente pobres, este abrigo proporciona o espaço, a segurança e a salubridade que anteriormente não existiam. A HE trata-se duma ferramenta que pode e deve ser utilizada para alcançar outras metas que possibilitem a saída da situação de precariedade na qual se encontra o seu morador. A moradia pode até não ser a maior necessidade de determinado indivíduo ou família, mas através da sua diminuição, possibilita-se uma melhor e maior dedicação às restantes necessidades latentes de indivíduos que sobrevivem em condições de extrema pobreza.

Para o voluntário universitário, sobretudo se estudante das disciplinas de Urbanismo e/ou Arquitetura, como é o meu caso, envolvendo-se numa

destas atividades, encontra a totalidade da realidade que o envolve, por vezes geograficamente tão próxima mas socialmente distante.

Para além da aquisição de noções construtivas e da possibilidade de aplicação de conhecimentos teóricos no encontro de soluções alternativas para os problemas concretos que surgem na atividade, participando activamente numa Construção, o voluntário percepciona a importância do espaço habitacional, da sua distribuição e qualidade, e influência na vida humana. Esta experiência, a par da sua formação académica resulta, muitas vezes, na tomada de consciência da sua responsabilidade social como profissional. Como arquitetos, temos uma quota parte na procura de soluções espaciais mais justas e dignas para todos e na distribuição equilibrada dos espaços em que vivemos.

Para mim, conhecer a realidade vivida nos assentamentos informais descritos e o impacto que a HE tem na vida dos seus moradores foi a aproximação à compreensão do significado da habitação como uma das necessidades básicas do Homem.

Para além dos conhecimentos abordados ao longo do trabalho, através desta experiência compreendi, acima de tudo, a relatividade da noção de qualidade arquitetónica dum objeto.

BIBLIOGRAFIA

CASTELLS, Manuel (2003), *"O Fim do Milénio" A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, Volume III (1998), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

DAVIS, Mike (2006), *Planeta Favela*, Boitempo, São Paulo

HAUGHTON, Jonathan e KHANDKER, Shahidur R. (2009) *Handbook on Poverty and Inequality*, The World Bank, Washington DC

HURTADO, Alberto (1947), *Para que haja pátria*, (documento interno)

JENKINS, Paul e FORSYTH, Leslie (2010), *Architecture, Participation and Society,* Routledge, New York

KLIKSBERG, Bernardo (2002), *América Latina: uma região de risco . pobreza, desigualdade e institucionalidade social*, UNESCO, Brasília

SACHS, Jeffrey D. (2006) *O Fim da Pobreza. Como consegui-lo na nossa geração.* Casa das Letras, Lisboa

SARDO, Delfim (2010), *Falemos de Casas: entre o Norte e o Sul*, Trienal de Arquitectura de Lisboa 2010, Athena, Lisboa

SOLAR, Felipe Berrios del (2006), *Todo comenzó en Curanilahu*e (documento interno)

THE WORLD BANK (2008), *World Development Indicators 2008*, The World Bank, Washington DC

TIBAIJUKA, Anna Kajumulo (2009), *Building Prosperity: Housing and Economic Development*, Earthscan, London

TURNER, John F.C. (1976), *Housing by People – Towards Autonomy in Building Environments,* Marion Boyards, London – New York

Referências na Internet

Josse van der Rest SJ: Los Brazos de Cristo, in http://historiactiva.jesuitas.cl/entrevista_22/imprimible.htm# [em 2011/04/04]

PMG, *Nossa Cidade – História*, in www.guarulhos.org [em 2011/05/ 24]

SHAH, Anup, *Poverty Aroud The World*, in www.globalissues.org [em 2011/05/11]

SHIBUYA, Dirce M., *Nosso Bairro – Bela Vista*, in www.educarede.org.br [em 2011/05/ 23]

United Nations Development Program in http://hdr.undp.org/en/humandev/ [em 2011/05/12]

http://webgeo.guarulhos.sp.gov.br/webgeo/index.php# [em 2011/06/ 28]

http://web.worldbank.org [em 2010/09/09]

www.globalissues.org [em 2011/05/12]

www.umtetoparameupais.org.br [em 2010/07/21]

www.untechoparachile.cl [em 2011/04/04]